O ESPLENDOR DA BONDADE

1870 - 1937

das Fontes

BIBLIOTECA DAS "FONTES"
Nº 030/98
29/06/98
R. S. C. M.

Este livro pertence ao Centro de Fontes da Província Brasileira

O ESPLENDOR DA BONDADE

Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro, R. S. C. M.

FUNDADORA DOS COLÉGIOS BRASILEIROS

DO

"SACRÉ-COEUR DE MARIE"

1870-1937

por uma

Religiosa da mesma Congregação

2.ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO — 16-4-1953

BIBLIOTECA DAS "FONTES"
R S C M
PROVINCIA BRASILEIRA

Conformando-me com os decretos de Urbano VIII, concernentes à publicação da Vida dos Servos de Deus, declaro submeter-me inteira e filialmente ao juízo da Santa Igreja

A Autora

Nihil obstat.

Rio de Janeiro, 19-4-1953

Frei Damião Berge, O. F. M.

Pode imprimir-se
Rio, 24 de abril de 1953

Mons. Caruso
Pro Vigário Geral

Sejam estas humildes páginas o sincero preito de reconhecimento da PROVÍNCIA BRASILEIRA à Revma. SUPERIORA GERAL, Madre MARIE GERARD PHELAN, cujas realizações em pról do SACRÉ-COEUR DE MARIE continuam a irradiar entre nós *"O Esplendor da Bondade"*.

Religiosas da Província Brasileira do Sacré-Coeur de Marie

Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro, R. S. C. M.

PREFACIO

Coube-me a honra de apadrinhar êste belo livro. Lendo-o, não se me depara outro caminho : exaltar os méritos e as qualidades da autora, que soube tão bem pesquisar os fatos mais notáveis da vida da Revma. Madre Maria de Aquino, fundadora dos colégios do "Sacré-Coeur de Marie", no Brasil. Em estilo opulento e em linguagem expressiva, surge o magnífico perfil da religiosa traçado com mestria e saber. Sente-se nas páginas primorosas dêste livro a fôrça arrebatadora das virtudes que caracterizaram a vida da humilde religiosa que fêz da obediência a pedra angular de sua perfeição. O Brasil abriu a Mère Maria de Aquino as portas de seu coração, quando as rajadas revolucionárias atormentavam o velho Portugal. Mas, como são grandes os desígnios de Deus — Madre Aquino e suas companheiras, batidas pelas adversidades, experimentadas no crisol das mais duras provações, construíram e edificaram com suas lágrimas a obra religiosa que se concretizou em seus notáveis educandários, espalhados no Brasil. Página digna de profunda meditação e que tem algo de sobrenatural, é, sem dúvida, a implantação definitiva das religiosas do "Sacré-Coeur de Marie", em nossa Pátria. Com que energia soube Madre Aquino vencer as incompreensões, os preconceitos e as resistências que se opunham ao seu ideal. Mais uma vez se confirmava a palavra do salmista: "Qui seminant in lacrimis, in exultatione metent". Semearam em lágrimas, e aljofraram a planta delicada com os suores e as vigílias, e ao pôr do dia voltaram trazendo no coração a confiança em Deus. E não sei melhor arma para se vencer que a confiança em Deus.

E Madre Aquino teve a felicidade de contemplar a florescência primaveril daquela sementeira que lançara nas plagas brasileiras, que tanto soube amar e dignificar. Como no cântico bíblico viu: "Filii tui sicut novellae olivarum in circuitu mensae tuae". Sim, como rebentos prodigiosos de dedicação e do amor das religiosas do "Sacré-Coeur de Marie", ai estão seus colégios, povoados pela fina flor de nossa juventude.

A biografia, ora entregue à meditação de nossa gente, reflete bem o que foi a vida santa, laboriosa e humilde de Mère Maria de Aquino Vieira Ribeiro. Ela se resumiu num ato de puro amor a Deus. Tudo mais derivou dessa atitude sobrenatural. Seu apostolado foi o fruto de sua caridade. Deus a trouxe a Minas, e ao Brasil, Minas foi pois a escada de Jacó pela qual foi ao céu. Ela vive e palpita nos corações de suas irmãs de hábito, rediviva multiplicou-se na geração casta da mocidade feminina de nossa terra.

E hoje, contemplando os frutos opimos da seara fértil e fecunda, podem as religiosas do "Sacré-Coeur de Marie" cantar "Ego quasi vitis fructificavi suavitatem odoris; et flores mei fructus honoris et honestatis".

Vida de encanto particular, repleta de beleza espiritual, a biografia que ora se dá à publicidade, elevará as almas, consolará os corações aflitos, mostrará a formosura sobrenatural de uma existência consagrada a Deus. As almas são a glorificação de Deus. Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro foi uma dessas almas eleitas de Deus. Contemplá-la é salutar. Ela nos fala da mensagem de Cristo à terra. Sua voz e seus exemplos nos confortam e vivificam. Seguir-lhes as pegadas é ir ao céu.

VALDEMAR TAVARES PAIS

Chefe do Gabinete do Secretário da Educação e Saúde Pública do Estado de Minas Gerais

INTRODUÇÃO

"NADA MAIS PRECIOSO QUE A MEMÓRIA DAS GRANDES ALMAS"

Lacordaire.

Com rara habilidade, o Padre Gailhac traçou um admirável "Retrato" em que a harmonia dos contornos se une ao vigor dos traços, sob um jôgo de luz de extraordinária eficácia.

Já contava para além de setenta anos, quando realizou a obra na qual se concretiza a aspiração de um pai a respeito de suas diletas filhas — o "Retrato da verdadeira religiosa do Sagrado Coração de Maria", belíssimo perfil moral delineado com mestria.

"Impele-me o Amor!" — confessa êle.

E a mão experiente do santo velhinho vai reproduzindo o Modêlo que seus olhos recolhidos contemplaram longamente e que se gravara, em pinceladas de luz, na tela viva de sua alma.

Findo o trabalho, íntima comoção o agita: — na verdadeira religiosa do Sagrado Coração de Maria, vê apagarem-se os traços imperfeitos da criatura, sob o relêvo tão suave e atraente da personalidade humano-divina de Jesus!

A boa filha do Padre Gailhac mira-se continuamente neste espelho de virtude, a fim de verificar se não existe nenhuma discordância entre a cópia e o original.

A esta altura já podemos definir a Madre Maria de Aquino: — uma perfeita religiosa do Sagrado Coração de Maria, que realizou, através de sua vida de consagrada, o sublime ideal do Fundador.

Por isso é que a vemos tão próxima de Deus e tão perto de nós; tão sobrenatural e tão compreensiva; tão

rica dos dons do Céu e tão cheia de compaixão pelas misérias da terra!

Sua existência inteira foi um maravilhoso "crescendo" na escala do heroísmo, a melodia serena de uma alma que soube dizer Amém a tôdas as manifestações da Vontade Divina.

Evocando-lhe a memória, queremos senti-la junto de nós, tal como outrora:

— a Superiora observante e zelosa, cujo exemplo constitui para nós a mais preciosa das lições;

— a Mãe inigualável em cujo coração tôdas se sentiam filhas;

— a alma simples, amiga da sombra e do ocultamento, mas, igualmente, magnânima nos trabalhos e empreendimentos para a glória de Deus e do Sagrado Coração de Maria.

Veremos, em breve, o que lhe custou a fundação do "Sacré-Coeur de Marie" no Brasil, por que degraus de espinhos teve de subir a fim de realizar a obra que Deus lhe confiara e para a qual se oferecera com extremos de generosidade.

Os frutos que hoje vamos colhendo, sazonados e abundantes, brotam de um solo regado com suas lágrimas, fertilizado com o sangue do seu coração que sofreu martírios sem nome.

Madre Maria de Aquino!
Saudosa e querida Mãe!

A afeição e o reconhecimento consagram-lhe estas linhas... São páginas escritas de joelhos!

"Nada mais precioso, diz Lacordaire, que a memória das grandes almas".

E Madre Maria de Aquino é uma dessas almas grandes e belas a cujo contacto nos sentimos verdadeiramente melhores.

I

OS ENCANTOS DA "MÃE-PEQUENA"

"JUNTO DO TEU BERCINHO, Ó MIMOSA CRIANÇA,
HÁ UM SORRISO DO CÉU, NUM RAIO DE ESPERANÇA!"

— Vamos ver! Temos mais uma irmãzita! Diz o pai que é uma linda criança!

Acercam-se do berço, curiosos, e contemplam, satisfeitos, o encantador bebê.

D. Emília, sobretudo, exultava de íntima alegria. Deus lhe ouvira, enfim, as orações. A criança, doce resposta às súplicas maternas, viera ao mundo qual preciosa bênção do Senhor, a 21 de novembro de 1870. Certamente não faltou quem fizesse alusão à data:

— E na festa da Apresentação da Virgem! E' Nossa Senhora quem no-la envia como um presente!

Uma semana após, a 28 de novembro, era a pequenita regenerada nas águas batismais, na Igreja de Santa Maria Maior, recebendo o mesmo nome da mãe: — Emília.

Deram-lhe por Madrinha Nossa Senhora das Dores, cuja devoção, crescendo com os anos, a acompanhará por tôda a vida.

Um tio paterno, Padre Antônio Nascimento Vieira Ribeiro, administrou-lhe o santo batismo, servindo-lhe também de padrinho.

Podemos acompanhá-lo neste ato sublime em que o sêlo divino se imprime, indelével, na alma do cristão. Invadiu-o, certamente, íntima comoção, no desenrolar da bela cerimônia litúrgica e de todo o coração rogou a Deus conservasse intacta na alma de sua afilhadinha o tesouro inestimável da pureza.

"Recebe esta veste cândida, que levarás sem mácula, até o tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo para que tenhas a vida eterna!"

Sem dúvida, foi atendido.

Durante tôda a sua existência, Emilinha causará profunda impressão a quantos dela se acercarem, pela irradiação de pureza velada de encantadora modéstia.

— Olhos baixos, riqueza interior!

De volta a casa, terão surgido os comentários indispensáveis em tais circunstâncias: — se a pequenita chorou ou não quando lhe deitaram água à cabeça, o beicinho que fêz para saborear o sal...

Nada ficou despercebido.

Minúcias? Talvez! Mas o fato é muito conhecido para ser negado e Emilinha não fugiu à regra geral.

O mais importante, porém, é o que nos revela a fé: — o início de uma "história divina" que, mercê de Deus, vai transcorrer num lar profundamente cristão.

Os pais de Emilinha, o Sr. Bernardo José Vieira Ribeiro e D. Emília, realizavam o verdadeiro sentido da alta missão que Deus lhes confiara, por isso a educação dos filhos constituía a sua principal solicitude.

No ambiente familiar, nada que pudesse impressionar desfavoràvelmente os jovens corações que iam desabrochando para a vida. Era, antes, a atmosfera sã do cumprimento do dever: Deus em primeiro lugar e acima de tudo!

O Sr. Bernardo, na afirmação do filho mais velho, era um chefe de família exemplar.

Quanto à mãe, só cuidava dos filhos e do govêrno da casa.

O mundanismo, as festas ruidosas não agitavam a tranqüilidade daquela vida simples, rodeada de confôrto, imensamente feliz, pela união que reinava entre os membros da família.

A criança para quem se dirige nossa atenção encontrou, pois, um ninho quente do calor das mais puras afeições e vai desabrochar entre os seus, como a doce expressão da ternura.

Todos lhe queriam bem. Nem podia ser de outro modo. Emilinha era a meiguice personificada.

Uma alma de arminho!

Até o Sr. Bernardo, apesar de austero, deixava-se cativar pelos encantos da filha e a enchia de mimos. A mãe, dia a dia, mais se lhe afeiçoava.

"Que presente o Senhor me concedeu".

"Luz de meus olhos": assim chamava à filhinha.

E os irmãos? Sendo muito mais nova que êles, concentrou a atenção de todos. Também êles quiseram dar-lhe um apelido bem significativo. Puseram-se a deliberar e saíram-se às maravilhas: "Vamos chamar-lhe "mãe-pequena", disse um dêles, e sua idéia foi acolhida com aplausos.

— Ela é tão nossa amiga! Está sempre pronta a fazer tudo o que lhe pedimos...

"Mãe-pequena"! Como lhe ficou bem!

E' que Emilinha, desde cedo, começava a revelar um traço profundamente característico de sua bela fisionomia moral: — a bondade!

Possuía o dom de tornar os outros felizes.

Ainda no alvorecer da existência, já sentia que "o maior prazer da vida é causar prazer".

Prestativa, queria ajudar a todos, embora algumas vêzes causasse prejuízo.

— Maria, deixa-me encher o teu jarrinho?

— Podes, mas toma cuidado! Não mo quebres!

Encantada com a ocasião que se lhe oferecia de ser útil, Emilinha partiu cautelosa, pois Maria era a irmã mais velha e... bem severa. Não foi, porém, feliz. Na escada, desfez-se em pedaços o lindo jarro.

Cheia de susto, a menina seguiu o primeiro impulso de seu piedoso coração : rezar !

— Minha Nossa Senhora das Dores, minha querida Madrinha, vinde consertar o jarrinho... Maria vai ralhar comigo...

— Que fazes aí, Emilinha ? — perguntou Maria, vendo-a de joelhos na escada.

— Rezo a Nossa Senhora das Dores para que venha consertar o teu jarro...

A Madrinha do Céu não fêz o milagre, mas, diante da candura da mana, abrandou-se a severidade de Maria.

Sabendo-a muito sensível, os irmãos, algumas vêzes, maliciosamente, mostravam descontentamento :

— Emilinha, já não gosto de ti !

— Por que?

Imediatamente se lhe enchiam de lágrimas os belos olhos e ficava profundamente magoada. Ou, então, ouviam-se insultos como êstes :

— Repôlho ! — provocava-a um dos irmãos.

— Abade ! — retrucava a menina muito zangada.

Mas isto não era senão uma nuvem passageira num céu muito azul, pois os irmãos se desfaziam em carícias e a pequenita esquecia depressa aquêle instante de amargura.

Apesar de mimada por todos, como o declarou a irmã Carlota, os mimos em nada lhe prejudicaram o caráter.

Sabia aceitar uma repreensão sem se desculpar, mesmo quando "não tinha culpa no cartório".

Nas férias, quando os rapazes regressavam dos estudos, havia em casa um pouco mais de animação. Domingos, Antônio, Manuel, Maria e Carlota formavam um grupo alegre.

Quando as vozes se elevavam um pouco mais, ouvia-se o pai, num tom severo:

— Emilinha, está quieta!

O processo dava sempre bom resultado. Restabelecia-se a ordem e todos tinham pena da Emilinha que nunca teve jeito para fazer barulho.

Apesar de abastados, em casa não havia lugar para a ociosidade. Todos ajudavam e, com o trabalho, a paz, a satisfação.

Os rapazes estudavam num ambiente de moral sã e elevada, pois o Sr. Bernardo se empenhou em dar a seus filhos professôres católicos os quais continuassem os tradicionais ensinamentos de uma família que se orgulhava de ser cristã e de ser portuguêsa!

Não se arrependeu!

No triunfo dos filhos teve o Sr. Bernardo uma larga compensação pelos sacrifícios que se impôs, a fim de orientá-los seguramente na vida.

As meninas, sem prejuízo dos estudos, eram formadas, principalmente, em vista da verdadeira finalidade da missão feminina: o lar!

Emilinha aprendeu a fazer de tudo. Os mesmos dedos ágeis que percorrem o teclado do piano, sabem temperar a deliciosa bacalhoada "à portuguêsa", fazem dançar a agulha num fino bordado ou delicado matiz.

E quanto não lhe serviu a formação completa recebida em casa!

Mais tarde, Superiora, salvará de bons apuros a irmã cozinheira. Iam receber uma visita importante.

— Irmã, prepare hoje uma coisinha melhor...

— Ma Mère, só sei fazer pão-de-ló.

— Está bem; irei ajudá-la.

E a fidalguia dos gestos cedeu lugar ao desembaraço de uma perita dona de casa, de mangas arregaçadas, junto ao fogão...

E saíram uns bolinhos italianos uma delícia...

Voltemos, porém, à "Mãe-Pequena".

A família Vieira Ribeiro ocupava posição social de destaque e gozava da estima de todos. Mas Dona Emília vigiava de perto seus filhos. As relações de amizade eram escolhidas.

E no trato mais íntimo, como nas visitas de cerimônia, podiam todos apreciar a fina educação das meninas Vieira Ribeiro.

Emília sobressaía!

Que maneiras distintas, e, ao mesmo tempo, que simplicidade! Durante a vida inteira, Emilinha fará jus à velha fidalguia portuguêsa.

Educação completa, educação verdadeira, que vale por tôdas as heranças!

A ação dos pais encontrara um terreno propício, de fácil cultivo!

A ação da graça ia ensolarando a terra, fazendo desabrochar as lindas flores que ainda hoje nos deliciam...

Verdade é que Emilinha sempre ocultou essas íntimas belezas sob o véu da humildade e da discrição...

Mas a flor não precisa dizer: "estou aqui!" O perfume acusa-lhe a presença. Assim, embora teimasse em esconder e conseguisse esconder muito, contudo a alma cheia de Deus se lhe refletia no exterior de uma fascinação irresistível.

A "mãe-pequena" era, sem dúvida, uma criatura privilegiada: — aos dotes físicos uniam-se os predicados morais, num conjunto de equilíbrio que a tornavam, por certo, atraente.

E' verdade que não tinha boa voz, mas transbordava de harmonia interior.

Cantou como o sol, cantou como as estrêlas, na melodia da luz!

Cantou o poema de uma vida tôda de Deus e do próximo, no mais absoluto desprendimento de si mesma.

Ninguém há que se lhe aproxime que não sinta a mágica vibração de sua pureza, de sua profunda bondade, de sua vizinhança do Céu!

Que se multipliquem as almas assim!

São elas, neste mundo, a mais feliz revelação de Deus!

II

CHAVES E A "IGREJA DAS FREIRAS"

"NADA MAIS GRANDIOSO, NADA MAIS BELO QUE O TRABALHO DE DEUS NA ALMA HUMANA"

E. Leseur.

II

Chaves poderia contar a sua história :

"Sou uma velha cidade bem portuguêsa ! Possuo glórias que se enraízam num passado remoto e que lembram o esplendor de Roma conquistadora. Integro-me num povo que fêz o seu prestígio com a espada e a Cruz, entre a fôrça e a fé".

E, num filme sonoro e colorido, assistiríamos ao desenrolar dos fatos, à série de lutas e triunfos que constituem, por certo, a grandeza da importante Vila de Trás-os-Montes, cujo nome se acha ligado à história militar do país.

Nasceu junto às Termas, projetou-se, graciosa, sôbre o Tâmega, enrijou-se nos combates e, tantas vêzes abatida, outras tantas se ergueu com a altivez e *pertinácia do transmontano que sabe querer.*

Os apreciadores dos tempos medievais ali contemplarão, satisfeitos, o vulto donairoso do imponente castelo; aos amadores da arte não passará despercebida a velha ponte romana que se debruça sôbre as águas tranqüilas do rio; e os curiosos anotarão, com prazer, mais esta novidade, útil informe psicológico, sôbre os habitantes daquelas regiões :

"Para cá do Marão, governam os que
[cá estão !"

Como falar em Chaves e esquecer a "Feira dos Santos" ? Realizava-se pelos fins de outubro e a cidade regorgitava de gente vinda de tôdas as partes.

Matizes nos trajes, matizes no linguajar, fisionomias sorridentes e alegres, formando um conjunto de graça inconfundível.

Que acentuado pitoresco regional nestes jalecos côr de pinhão, neste chapéu braguês ou gorro saloio, naquelas vestes coloridas cujas lentejoulas faíscam ao sol, e até nestas chinelinhas bonitas que deixam ver o rendado da meia branca!

E que mais?

A música, a fim de completar o quadro.

E agora só para nós: quem não aprecia estas canções populares, tão simples e profundas, em que a alma do lavrador se revela também poeta?

E êste quadro campesino, de sabor tão ingênuo, quem poderá deixar de o admirar?

"Vá de roda!
Siga a roda!"

Ah! são os participantes do "Vira", em cujos rostos de um corado risonho existe o frescor de uma pintura nova.

Ao ver a sua cidade assim engalanada e tôda catita, Emilinha sentiria prazer em afirmar:

"A pátria portuguêsa é a maior, a mais bela, de quantas cobre o Céu. Bendita seja ela!"

Na história de Emilinha, porém, o que mais nos interessa é o velho mosteiro situado lá na extremidade da rua Santo Antônio, o Convento de "Nossa Senhora da Conceição", cuja Igreja, freqüentada pelo povo, passou a denominar-se a "Igreja das Freiras".

Para lá afluíam as pessoas piedosas. Naquele ambiente recolhido, recitavam-se orações em comum, o têrço diário e celebravam-se, com certo esplendor, as

cerimônias litúrgicas. O Padre Manuel Couto, o Capelão, era bravo a valer porém muito zeloso. Mais ainda: tinha fama de santo!

Lá por detrás das grades austeras, escondiam-se as monjas, cujas salmodias enchiam o recinto com um tom piedoso e solene. Na maioria das vêzes, porém, eram cânticos populares de que todos participavam:

"Com minha Mãe 'starei,
Na santa glória um dia..."

Havia fervor simples, respeitoso e, sobretudo, muita fé!

Além disso, rezava a tradição, "freiras santas" achavam-se ali enterradas. Acendiam-se velas em testemunho de veneração ou em agradecimento pelos favores obtidos.

E fazia impressão aquêles círios ardentes a escorrer sôbre o mármore da cripta, o brando palpitar das chamas, de concêrto com o sussurro das preces.

Era o mistério do sobrenatural!

Mas, enfim, para que tantos pormenores?

Não são inúteis.

Na vida de Emilinha, não podemos silenciar a "Igreja das Freiras", pois foi ali, naquele ambiente silencioso e grave, que sua alma começou a orientar-se para o "caminho iluminado", onde veremos fixar-se, mais tarde, a sua escolha definitiva.

Tinha cinco anos apenas quando, por motivo de doença da mãe, foi confiada a uma excelente senhora, a fim de iniciar as primeiras letras.

A piedosa mestra tinha a seu cargo sòmente quatro alunas e levava-as à Igreja do Mosteiro para os diferentes atos religiosos.

Emilinha, atenta e, sem dúvida, assustada, ouvia as práticas severas do Sr. Padre Manuel. Êle causava arrepios, quando falava do inferno.

Os olhos admirados da pequenita contemplavam aquelas grades... erguiam-se para o côro onde rezavam as monjas...

Sentia-se feliz! Era tão amiga de rezar!

E como rezava bem!

Podemos acrescentar sem exagêro : — rezou bem a vida inteira.

A atitude recolhida da Madre Maria de Aquino, atitude que há de impressionar a quantos a virem rezar, será o desenvolvimento de uma piedade bem orientada, nesse momento da existência em que as impressões se gravam tão profundamente.

— Emilinha, rezar é falar com Deus!

A criança aprendeu e assimilou tão bem a lição que esta lhe ficou para sempre.

E' a reverência da fé.

Reverência na atitude exterior! Reverência no tom da voz! Reverência na maneira de pronunciar as palavras... Reverência que interdiz qualquer palavra no lugar santo... Interrogada aí por qualquer religiosa que deseje uma resposta urgente, terá sempre a mesma atitude: sairá da Capela, a fim de dar a solução pedida.

E será exigente para as orações em comum: devagar, sem atropelos, porque, "rezar é falar com Deus!"

Mas voltemos à nossa pequenita. Aos seis anos, um grande acontecimento em sua vida: a primeira confissão. E que pecados feios... tudo de roubo: havia roubado doce no armário, havia tirado um pedaço de pano para o vestidinho da boneca, e também linha para fazer crochê.

Ouviu-a o Sr. Padre Manuel. Ao notar no rostinho da criança uma certa comoção, disse para aliviá-la :

— Ai ! A menina tem aqui uma renda tão bonita ! e tocou-lhe a gola do vestidinho.

Para Emilinha aquêle crochê constituía um triunfo. Esqueceu-se de tudo e, levantando um pouco o vestido, mostrou ao Sacerdote a barra da camisinha que também tinha o seu enfeite :

— E fui eu que o fiz !

— Mas tão pequena e já sabe coser?

— Pois sei ! Repetiu entusiasmada !

— Então, toma lá uma libra, já que te confessaste tão bem !

Desde então, passou a confessar-se regularmente, porém a primeira Comunhão só se realizou mais tarde, segundo as exigências da época, aos dez ou doze anos.

A cerimônia não se revestiu de pompa exterior. Entretanto, a festa íntima, bem o adivinhamos, foi muito grande.

Vestido branco, alminha leve, tudo a recender pureza...

Não é verdade que "os puros vêem a Deus ?"

Discreta como era, já por natureza e muito mais por humildade, Emília não se permitia revelar o que se passava no seu mundo interior.

Sem embargo, podemos afirmar que êsse Grande Dia assinalou, com enormes bênçãos, a sua vida.

O Sr. Padre Manuel é que não perdia de vista aquela alma de escol cujo futuro bem adivinhava. A menina, por sua vez, confiava no santo Sacerdote.

— A Joaquina vai confessar-se ?

— Vou, menina. Vou.

— Então reze por mim e diga ao Sr. Padre Manuel que reze também.

— Pois sim, menina !

De volta a casa, a Joaquina dá conta de sua incumbência :

— Rezei pela menina, e pedi ao Sr. Padre que rezasse também. E êle respondeu :

— Ah ! não há dúvida ! Aquela é uma santinha e vai ser freira. Que esteja sossegadinha !...

E a criada acrescentou com certo espanto e curiosidade :

— E' verdade ? A menina vai ser freira ?

Emília deu uma risadinha... desconsolada. — Ai, o Sr. Padre Manuel deita tudo a perder..."

Felizmente a Joaquina servia em casa do Padrinho de Emilinha, o Padre Nascimento, que já conhecemos, e penso que o segrêdo ficou bem guardado.

Entrementes o tempo corre, operando modificações profundas nas almas e nas coisas.

Por volta de 1885, o pai querido findava neste mundo a sua laboriosa carreira. Enlutou-se o coração de Emilinha, mas ficava-lhe na memória a viva recordação de uma existência inteiramente consagrada ao dever e o exemplo do perfeito cristão.

As freiras também iam desaparecendo... Só uma restava e já tão idosa...

Todavia as grades austeras, os claustros silenciosos, a placidez do rosto da monja velhinha haviam-se projetado largamente na alma profunda e vibrátil de Emília, dando-lhe, através daquela "VISÃO DE PAZ", a paixão de um ideal infinito!

III

ORIENTAÇÃO DEFINITIVA

"QUE TÔDA ALMA QUE SE APROXIMAR DE MIM SE APROXIME TAMBÉM MAIS DE DEUS"

— Graças a Deus! Afinal, eis-nos aqui!

Após incômoda e longa viagem, assim deviam suspirar, aliviadas, as três religiosas do Sagrado Coração de Maria que vemos chegar, pela tardinha de 1.º de maio de 1886, à pequena cidade de Chaves.

Pararam em frente ao Convento das "Capuchas da Conceição".

Esperava-as a velha abadêssa e seu coração bateu forte, num ritmo de festa, quando pôde abraçar as recém-vindas.

Via, enfim, realizado o seu grande desejo.

Na verdade, fôra em atenção ao insistente pedido da monja que seu confessor, o Padre Manuel Couto, se empenhara pela vinda dessas novas religiosas que transformariam o antigo Mosteiro num Colégio do Sagrado Coração de Maria. Vinham com uma grande bênção do santo Fundador, já velhinho e tão perto do Céu!

Imediatamente, deram início aos seus trabalhos. A vida de estudos tomou o mesmo ritmo dos outros colégios: alunas externas, alunas internas e, assim que houve possibilidade, uma escola para os pobres, a fim de atrair, mais copiosas, as bênçãos do Alto!

Animaram-se os corredores sombrios como se animava tôda a natureza no matizado das flores e no sorriso da luz!

Encheu-se de vida o velho casarão e, nos dias de chuva, ecoava pelos claustros laterais o riso argentino

da criançada. Madre Maria da Anunciação assumiu a direção da casa. Atraiu logo a simpatia das famílias.

As alunas gostavam de vê-la, quando saía com a Comunidade, a passear pela quinta.

Lá de cima da varanda, punham-se à espreita... Se ameaçava chuva, era a Superiora a primeira a pegar da lenha amontoada debaixo de uma árvore, a fim de transportá-la para um lugar mais abrigado. Seu exemplo era logo seguido pelas demais religiosas.

Ao passar pelas cerejeiras que começavam a colorir-se, a meiga Superiora as ia colhendo e colocando na bôca de cada uma de suas filhas.

Possuía o dom de presentear e era inexcedível a sua amabilidade.

Irlandesa de nascimento, filha única, quando solicitou dos pais licença para se fazer religiosa, êles só tiveram esta admirável resposta:

"O Senhor no-la deu, o Senhor no-la tirou; bendito seja o seu santo Nome!"

Em Chaves, apelidaram-na "pomba sem fel", tamanha a sua simplicidade.

E Deus lhe abençoava a candura infantil. Certo dia, faltou vinho para a Missa. A Irmã encarregada avisou à Superiora que, sem se afligir muito, recorreu ao poderoso S. José, acompanhando a oração de um gesto singular: amarrou uma garrafa ao pescoço do Santo.

S. José gostou desta confiança ingênua, pois bateram logo à porta do Convento, com a oferta de uma garrafa de vinho...

"Ver a Superiora era como se víssemos a Deus", afirma uma aluna de então.

A chegada das novas educadoras constituiu algo de importante para a pequenina cidade e Emilinha não ficou alheia ao acontecimento. Procurou entrar em contacto com as novas religiosas e sentiu pulsar-lhe o coração na alegria incontida de uma descoberta: via claro o seu caminho!

E' verdade que não vacilava quanto à escolha do seu futuro. Consagrar-se-ia a Deus e tôda a sua vida se orientava para esta meta desejada.

Deveria, porém, interrogar-se:

"Onde realizarei o meu ideal?"

A esta pergunta sincera, uma resposta definitiva:

"No Sagrado Coração de Maria!"

Bendita, mil vêzes, a hora em que o sol divino bate em cheio em nosso caminho, desfazendo incertezas e dúvidas!

Mil vêzes bendito o momento inefável em que a Vontade de Deus se nos revela na clareza meridiana da luz que jorra do Alto!

Benditas as almas a cujo contacto nos sentimos iluminados!

Sublime e tremenda possibilidade a nossa: — afastar ou aproximar as almas de Deus!

E' tão sutil êsse contacto que, tantas vêzes, nem o percebemos; todavia, quanta luz ou quanta sombra não projetamos em tôrno de nós!

O Padre Gailhac não desconhecia êsse poder influenciador.

Conforme seu ideal, tudo na Religiosa do Sagrado Coração de Maria deve ser um convite à aproximação de Deus, um persuasivo: "ascende superius". Suas diletas filhas devem ser "despertadoras de almas", e

isto se fará mais intensamente na medida em que se apagarem os traços imperfeitos da criatura, para cederem lugar às atraentes virtudes do Mestre!

Por felicidade, o contacto de Emilinha com as Religiosas foi um convite não sòmente a subir, mas a permanecer no "Sagrado Coração de Maria!"

Como se sentiria ditosa, se lhe fôsse dado juntar-se às alunas internas e lá, recolhida e feliz, preparar-se para a realização do seu grande anseio!

Mas já havia terminado os estudos e contava dezesseis anos. Sabia da oposição da mãe que, de perto, receosa e enérgica, lhe seguia os passos...

— Ai que perco a minha rica filha! Inquietam-me estas freqüentes visitas ao Convento...

Tu que dizes, Maria?

— Ora, mãe! Quer por lá ficar também?

— Não o consentirei. Deus não me pede tamanho sacrifício. Maria estava de acôrdo com a mãe e ajudava-a a vigiar a querida Emilinha.

D. Emília era piedosa. Soube educar os filhos para Deus e inculcar-lhes na alma sólidos princípios. Entretanto, não podia resignar-se à privação do seu tesouro! Ah! esta querida filha! Como a havia pedido a Deus, para ser o amparo e o confôrto de sua velhice!... Já havia perdido o espôso, o leal companheiro de tantos anos... Os outros filhos já iam tomando rumo na estrada da vida. E ela? Ficaria só? Poderia acaso consentir na partida da sua pequena?

"Deus não me pede tamanho sacrifício..."

Vai-se passando o tempo... Emilinha está no vigor e na frescura dos dezenove anos. Pensa em partir. Julga haver chegado o momento propício. D. Emília acabará por ceder. Solicita o apoio de Carlota:

— Podes acompanhar-me ao Convento?

— Pois sim, Emilinha!

— Quero decidir a minha entrada e tu me ajudarás. Lá está a minha felicidade!

Acedeu de bom grado a irmã-confidente e ambas partiram.

Emilinha contava certa com o êxito de sua arriscada emprêsa. Fizera as despedidas por carta e a mãe não lhe negaria a autorização solicitada.

Pobrezinha! Aguardava-a desagradável surprêsa...

D. Emília exaltou-se. Dirigiu-se ao Convento acompanhada de Maria e, para maior segurança, levaram o cão fiel.

A Irmã que as recebeu no parlatório notou logo o descontentamento: "O caso não está para brincadeiras..."

D. Emília, sem preâmbulos, foi logo dizendo: "Quero a minha filha!"

Hesitação da parte da Irmã, o que não passou despercebido. Ouviu-se então a voz enérgica de Maria, ordenando ao animal: "avança, Néper, avança!"

Rápido, precipitou-se o cão, escadas acima.

Acompanhou-o D. Emília, a reclamar, num tom de quase desespêro: "Quero a minha filha! Quero a minha filha!"

A Irmã, perplexa, assistia ao desenrolar da cena. Nem sequer tivera tempo de dar um aviso.

Pobre Emilinha! Viu-se em apuros! Estava a conversar calmamente com o Sr. Padre Trigo e com a Superiora. Já se imaginava no limiar de uma vida nova, quando o inesperado acontecimento veio transformar o risonho cenário.

Com a sua habitual meiguice, abraçou-se à mãe, acariciou-a, procurando consolá-la:

"Não faça isto, Mamã! Pode ficar tranqüila!"

D. Emília chorava convulsivamente...

Até o cão parecia compreender algo dêsse trágico momento. Fazia trejeitos e abanava nervosamente a cauda.

Muito contrariada, D. Emília convidou a filha a voltar para casa.

"A mãe fêz tempo quente, diz uma testemunha do fato, e a filha não ficou".

A vigilância tornou-se ainda mais severa:

"Nunca serás religiosa! Dá-me cá tudo isto..." e, sem mais, tirou-lhe os objetos de piedade.

Pouco depois, enviava a filha para Vidago, uma das mais concorridas estâncias de Portugal, em virtude de suas águas-prodígio.

Novo ambiente, novas relações, ponderava a mãe... Emilinha sabia apresentar-se e era tão bonita...

Em breve, "a influência das freiras" haveria de desaparecer com o desabrochar de um novo ideal.

D. Emília alimentava esperanças de distrair a sua filhinha que lhe obedeceu e partiu. Não ia desarmada. Levou consigo um Crucifixo que conseguira subtrair à sindicância da mãe. Ao Amigo Divino é que segredava a sua dor e as suas esperanças.

Algum tempo depois, regressava para junto dos seus e continuou a ser para todos a encantadora "mãe-pequena", prodigalizando-lhes, com largueza, os tesouros do seu privilegiado coração.

Entregou-se ao desânimo? Nem pensemos nisto!

Possuía firmeza de convicção e apoiava-se numa inteira confiança.

Aos raios do sol, amadurecem as colheitas, sazonam os frutos : — ao calor de um grande desejo, fortificam-se as generosas resoluções...

Emilinha resignou-se à espera.

Sôbre o assunto da sua vocação, uma pedra em cima. Já não se falava em tal.

D. Emília julgava-se vencedora!

Não se lembrava, porém, de que a filha recebera, como herança paterna, invulgar energia de vontade.

O Sr. Bernardo havia sido um exemplo de fôrça de caráter. Nêle se refletia a alma transmontana cheia de lealdade, retidão, audácia e fé.

Tudo passou para a alma da filha como um precioso legado.

Emilinha não era só "mamãe de açúcar". Era também uma personalidade viril, capaz de perseverança.

Aliás, se ajuizarmos um pouco, não tardaremos em concluir que a doçura é uma virtude forte e que só as almas dotadas de fortaleza são capazes de paciência e mansidão.

Aguardou, pois, na calma, a hora de Deus.

O silêncio em que envolve a sua resolução, a serenidade com a qual aguarda o momento aprazado, já nos revelam em Emilinha a futura MADRE MARIA DE AQUINO, "firme nos princípios, mas suave na maneira de executá-los".

O ano de 1894 marca o término do apostolado direto das filhas do Padre Gailhac em Chaves.

Fechou-se o Colégio. Emilinha viu, com pesar imenso, ausentarem-se as edificantes religiosas cuja imagem se lhe gravara no íntimo da alma, dando-lhe uma orientação definitiva.

E entre as suas recordações, destacava-se, em palpitante relêvo, a Madre Maria de São Salvador que se extinguira, qual outra Teresinha, aos 24 anos apenas, deixando, no meio de suas irmãs, o suave perfume de uma alma simples, pequenina e profundamente humilde.

Emilinha contemplara naquele rosto a serenidade da vida e a beatitude da morte!

Junto às mãos da falecida, havia colocado fresco raminho de violetas, com uma prece íntima que ia ser atendida :

"No céu, reze por mim!"

Os longos anos de espera forçada não haviam tido como conseqüência senão enraizar ainda mais o projeto de Emilinha.

Via passarem-se os dias com a tranqüilidade de quem está seguro de alcançar o fim desejado.

No segrêdo de sua alma tudo confiava a Deus e à celestial Madrinha.

No Altar-mor da Igreja-Matriz, lá estava a Senhora das Dores, de semblante iluminado pela transfiguração do sofrimento.

Diante dessa imagem, Emilinha rezava freqüentes vêzes e bem sabia ela que naquele Coração traspassado encontram eco tôdas as dores da terra.

Raiou, enfim, o mês de agôsto de 1894.

Sentiu mais forte o impulso da graça e compreendeu que já não podia esperar.

Comunicou aos irmãos a sua decisão irrevogável: ia partir. Já contava 24 anos e a ninguém era lícito contrariar a realização de seus desejos.

Encontrou o auxílio da Carlota e do Antônio que se puseram à sua disposição.

— Carlota, tu ficarás com a Mãe e velarás por ela em meu lugar.

— Podes ficar sossegada! Eu to prometo, Emilinha!

E D. Emília? Daria, de bom grado, seu consentimento? Se a interrogássemos sôbre as suas disposições a respeito da filha, teríamos, certamente, esta resposta:

— De forma alguma! Não a deixarei partir!

Além disso, padecia de doença nervosa, o que impunha aos filhos o dever de lhe poupar qualquer contrariedade.

No seu coração extremamente delicado, Emilinha colheu uma feliz inspiração. Solicitou da mãe licença para uma viagem, o que lhe foi concedido sem dificuldade.

— Bendito seja Deus! Até que enfim mostras desejo de distrair-te um pouco.

D. Emília abençoou a querida filha. As saudades vão ser mitigadas por cartas afetuosas e expansivas, em que Emilinha deixará transbordar a felicidade que desfruta no seu "novo lar" e a mãe se regozijará com a alegria da filha.

Morrerá sem compreender o verdadeiro sentido da viagem de sua Emilinha. Esta, porém, sentiu todo o esmagamento do sacrifício, quando beijou, pela última vez nesta terra, a sua estremecida Mamãe, afagando-lhe a cabeça branca, naquela carícia de que

tanto gostava a meiga velhinha... A mãe sentiu mais profundamente a ventura de possuir uma tal filha, enlêvo de seus dias, "luz de seus olhos..." Emilinha procurou ocultar a sua íntima comoção.

Sabia que ocupava no coração da mãe um lugarzinho à parte, naquela fibra em que pulsa mais intenso o amor materno...

Momentos assim não se desperdiçam.

São os mais fecundos da vida humana!

Emilinha bem o compreendeu:

"Meu Deus, só Vós podeis exigir o sacrifício de minha mãe velhinha e doente...

Eu vo-la ofereço... Em troca, dai-lhe imediatamente o Céu, quando morrer..."

Afastou-se corajosa, num longo adeus a tudo quanto lhe era caro.

Havia saboreado a alegria de um lar onde todos se amavam e no qual havia sido o ímã poderoso que atraíra os corações, a rainha que exercera a mais sólida, a mais duradoura, a mais suave das realezas: a realeza da bondade!

Não foi insensível à despedida! Mas um pensamento devia confortá-la: — as famílias das religiosas certamente têm no Céu um lugar especial, visto o Senhor não se deixar vencer em generosidade.

A grandes sacrifícios, grandes recompensas!

A 15 de agôsto de 1894, sob as bênçãos da Virgem elevada aos páramos celestiais, encerrou-se a primeira etapa desta vida: — trajetória luminosamente serena de uma alma que sobe para Deus, desconhecendo paradas e trepidações.

Acompanhada do piedoso irmão Antônio, vemos agora a "Mãe-Pequena" em busca da "Terra Pro-

metida", após a travessia do "Mar Vermelho" de pungentes dores.

— Emilinha, que se passa no teu coração?

— "Há soluços que são cânticos de Ação de Graças!" (1)

(1) E. Leseur.

IV

ALVORADA DE BÊNÇÃOS

"Ó FILHAS CARÍSSIMAS, A VOSSA VOCAÇÃO, COMPREENDEI-O BEM, É TÔDA AMÔR!"

P. Gailhac.

A 18 de agôsto de 1894, Emilinha foi recebida como Postulante na Casa do Pôrto, onde era Superiora a Madre Santo Tomás.

Podemos imaginar o encontro da mãe e da filha.

Ao olhar perscrutador da Madre Santo Tomás, olhar habituado a ler no fundo das almas, não passou despercebida tão grande distinção unida a tanta simplicidade.

Deveria dizer-se intimamente:

"Parece feita de encomenda para o Sagrado Coração de Maria.

Ouro em barra! Pedra de valor!"

Por sua vez, Emilinha sentia-se confiante, alma aberta, junto à santa religiosa, de modos afáveis, meiga como a sua mamãe e, ao mesmo tempo, tão digna!

No dizer das contemporâneas, a Madre Santo Tomás reproduzia, ao vivo, o espírito do venerando Fundador...

E quem era o Padre Gailhac?

— Um apaixonado de Jesus manso e humilde, de Jesus amável, do Coração de Maria, cópia fiel de Jesus.

Na sua santidade, nada de áspero ou extravagante. Todo compreensão e bondade, a sua virtude insinuava-se no espírito de suas filhas, tornando-lhe fácil o trabalho da formação de sua família espiritual.

Possuia a condescendência própria das grandes almas, daquelas que se acham muito perto de Deus.

Pois Aquêle que semeia as estrêlas pela cúpula azul do firmamento e que matiza as lindas rosas de pétalas de veludo não se dedigna de criar o rastejante vermezinho que é também obra das Mãos divinas!

Ledor assíduo do Evangelho, o Padre Gailhac bem compreendera que, para atingir o coração humano, um só caminho existe: o da bondade!

Em sua alma sinceramente humilde, vibravam tôda a delicadeza e ternura destas divinas palavras: "Eu sou o Bom-Pastor!"

A Madre Santo Tomás havia assimilado a lição.

Quantas vêzes não ouvira dos lábios do Fundador: "Saiba ser Mãe! Muito boa Mãe!"

Dócil aos ensinamentos do Pai querido, a Madre Santo Tomás queria torná-lo vivo entre suas filhas, transmitindo-lhes seu admirável espírito.

Conforme o desejo do Padre Gailhac, tôda Comunidade do Sagrado Coração de Maria deve retratar a casa de Nazaré, em cujo ambiente, recolhido e suave, as almas se irmanam nas mesmas aspirações, aquecidas e iluminadas ao sol radioso da caridade!

Mais fortes que os laços da carne e do sangue são os vínculos que unem as almas em Deus!

Sob a direção firme e bondosa da Madre São Calixto, preciosa auxiliar da Madre Santo Tomás, a nossa querida Postulante vai entregar-se com inteira docilidade ao importante trabalho de sua formação religiosa.

A Casa do Pôrto foi na verdade, para Emilinha, o "pôrto" bendito em que a barquinha de sua vida, velas pandas ao sôpro da graça, partiu em demanda do Céu!

Sua alma em festa poderia cantar:

"Eis o pôrto plácido, com que eu sonhava,
Eis o pôrto azul todo banhado em luz!
Lá por fora ruge a tempestade brava,
Mas eu nada temo junto a Ti, Jesus!" (1)

Sente-se bem-aventurada!

A satisfação íntima retrata-se-lhe no semblante.

Tudo a encanta nesta vida simples, tão impregnada de Deus! Adapta-se ao seu ritmo sem dificuldade e já prenuncia a felicidade de haver ingressado na família do Sagrado Coração de Maria!

Filha do Sagrado Coração de Maria!

Êste título não é vazio de sentido. Absolutamente! Encerra todo um programa: olhar, olhar ainda, estudar, contemplar o Santíssimo Coração de Maria, a fim de imitá-lo!

Trabalho de uma vida inteira!

Emilinha compreendeu o místico simbolismo dêsse Coração cercado de rosas que ocultam os espinhos...

Os espinhos, só para mim.

Para os outros, o perfume da bondade, da indulgência, as pétalas que lhes suavizem o caminho...

Não havendo ainda, em Portugal, Noviciado ereto canônicamente, as Postulantes deviam passar algum tempo numa das Casas, antes de partirem para França.

Emilinha esperou quase três anos...

E' que Deus trabalha as almas. E quão paciente o Seu misterioso trabalho!

---

(1) D. Aquino Corrêa — "Canção da Noviça".

Quando tem entre as mãos uma pedra rara, não a larga, sem lhe haver talhado as múltiplas facetas que lhe aumentem o valor para a Eternidade.

O divino Artista encontrou a docilidade requerida: a "pedra viva" deixou-se burilar.

Após longo período de experiência no Colégio do Pôrto, Emilinha partiu para a Casa-Mãe, em França, nas férias de 1896.

Pouco depois lá chegava também a Madre São Calixto, a fim de ocupar o cargo de Mestra de Noviças, em substituição à sempre lembrada e virtuosa Madre "Sainte Constance".

Casa-Mãe, berço do Instituto!

Como nos sentimos bem naquele ambiente recolhido, cheio de santas recordações!

Ali viveram os venerandos Fundadores, ali rezaram e sofreram, a fim de estabelecer em sólidas bases a sua Obra, ou melhor, a Obra de Deus.

E' seu espírito que anima a casa ampla e silenciosa, os largos corredores, os alegres pátios, a linda Capela de abóbada azul-celeste juncada de estrêlas...

Agradável, sem dúvida, a impressão da recém-chegada, como de tôdas as que têm o privilégio de se formarem para a vida religiosa no sagrado berço da Congregação.

O noviciado era bem numeroso. Caracteres de todos os feitios, não raros estouvamentos e muita alegria também. O Santo Fundador gostava de ver suas filhas sempre contentes. Êle mesmo, anos atrás, ali se achava a animar a jovialidade das noviças durante os recreios.

Após a refeição, quando o santo velhinho aparecia á porta do grande corredor, as noviças acorriam a êle, qual revoada de alegres passarinhos.

Sorria o bom Pai, cheio de contentamento, repetindo-lhes a frase habitual :

— "Eh bien, chères enfants, amusez-vous, amusez-vous."

E qual a brincadeira preferida ?

O "chicotinho-queimado."

E, dado o sinal de alarme, dispersava-se o bando irrequieto, certo de encontrar no barrete do Pai querido o misterioso esconderijo. Ria-se o Padre Gailhac, feliz com a inocente brincadeira.

Não é necessária a alegria ? Não desempenha ela um grande papel na vida ? E' o sol da alma !

Pelo sol, canta a natureza no revérbero da luz, sorriem as flores no matizado das corolas que se desatam em perfumes...

Assim, na alma inundada pela santa alegria que é o sol de Deus !

Escoam-se os meses...

O ano de 1897 assinala para Emilinha uma alvorada de bênçãos.

À sua alma desejosa de Deus abrem-se mais largamente as portas do santuário.

E' um passo avante : a cerimônia da Tomada de Hábito.

Inolvidável primeiro sábado do mês de maio !

Na capela, sons de órgão que lembram o Céu.

O ritual prossegue majestoso e solene.

Por fim ergue-se, mais uma vez, a voz do Oficiante, dirigindo-se à pretendente ajoelhada ante o Altar :

— Minha filha, de hoje em diante vos chamareis Irmã Maria de Aquino.

Novo Hábito, novo nome, indícios da renovação interior.

Festa na terra, júbilo no Céu!

"Te-Deum laudamus" entoam em côro as vozes vibrantes de reconhecimento, enchendo o recinto sagrado.

1.º de maio de 1886!
1.º de maio de 1897!

Como são luminosos os caminhos do Senhor!

Naquele despontar de maio que já vai distante, chegavam a Chaves as primeiras religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Semearam e, cumprida a sua missão, partiram.

Hoje, neste 1.º de maio de 1897, magnífica primavera espiritual, rica em promessas de abençoado estio.

1.º de maio de 1886!
1.º de maio de 1897!
Graça e fidelidade!
Apêlo e correspondência!

Com o florido mês da Virgem, abria-se uma nova etapa e sumamente importante na vida de Irmã Maria de Aquino.

A Madre São Calixto que, no Pôrto, havia iniciado a formação da Postulante, continuava o seu laborioso mister e nada poupava do que lhe prometesse êxito na sua delicada tarefa.

Não deixava escapar cousa alguma. Trabalhou com zêlo dos santos, no afã de modelar uma santa.

— Por terra, sem piedade, tudo o que pudesse empanar o brilho de uma alma tão rica dos dons de Deus!

E foram-se aparando as arestas na "pedra-viva" que muitas vêzes sangrava.

Houve até quem intercedesse em favor da Noviça. Um pouco de comiseração para com a pobrezinha...

"Irmã Maria de Aquino é única no gênero", foi a resposta enérgica da Mestra cuja visão sobrenatural lhe fazia antever o belo resultado do seu labor.

E qual a atitude da noviça?

A tudo se submetia com a alegre docilidade que sempre a caracterizara. Irmã Maria de Aquino possuia, ao lado de um bom senso invulgar, uma infibratura rija que lhe permitiria grandes realizações.

Na verdade: "é única no gênero".

Num ponto, contudo, não conseguia dominar-se.

Era quase uma esquisitice numa natureza tão bem equilibrada. Tinha verdadeiro horror aos insetos. Ao avistá-los, punha-se logo a gritar cheia de mêdo: "bicho! bicho!"

Observava-a a Madre São Calixto:

— "Falta de domínio! Extravagância!"

E queria corrigi-la. Ocasiões é que não faltavam. Durante um alegre recreio, espantou-se a Noviça com a presença de inofensivo animalzinho. Riam-se tôdas. Só a Mestra é que tomou um ar de seriedade, ordenando:

— "Irmã Maria de Aquino, pegue neste bicho e percorra o pátio..."

Indizível a repugnância. Obedeceu e lá se foi com a vítima do seu infundado pavor a agitar-se-lhe por entre os dedos, ao som do mesmo estribilho: "bicho! bicho!"

O animalzinho morreu... esmigalhado, porém o mêdo da Madre Maria de Aquino continuou bem vivo.

Madre São Calixto descobriu um outro centro de exploração e neste foi muito mais feliz.

Desde os primeiros dias de convívio no Pôrto. Madre Maria de Aquino se sentira profundamente afeiçoada à sua querida Mestra. Talvez um pouco de humano nesta simpatia, quem sabe?

Numa alma consagrada, tudo deve tender só para Deus. E' nêle que até os mais legítimos afetos se sobrenaturalizam, aumentando em vigor e intensidade.

O apêgo, por menor que seja, tolhe a liberdade, ofusca a pureza do olhar.

Êste ponto vulnerável atacou-o, resoluta, a Madre São Calixto e só descansou, quando triunfante.

Por sua vez, confessava a Noviça:

"Também me curei de uma vez para sempre. Nunca mais pude afeiçoar-me naturalmente a criatura alguma".

Nesta altura a queria Jesus que, através de longo e precioso trabalho, a vinha formando em vista de sua missão futura: guia de almas por quase tôda a vida nos cargos de Mestra de Noviças, Superiora e Provincial, tôda de Deus e do próximo, no absoluto desprendimento de si mesma.

Assim deve ser o coração do apóstolo!

As companheiras de Noviciado nos apresentam a Irmã Maria de Aquino como exemplo digno de imitação.

Estudou a Santa Regra e procurou vivê-la. Na sua fisionomia sobrenatural ia-se acentuando cada vez mais um traço muito característico: a humildade.

Nas suas filhas, o Fundador a exige profunda, aliada a uma grande simplicidade.

Aqui se acha a manifestação do espírito peculiar do Instituto : o espírito de fé.

Por êste caminho é que intenta enveredar a fervorosa Noviça. E Jesus lhe abençoava os esforços.

Com júbilo inaudito, viu raiar o dia da Santa Profissão.

Procuremos anular a distância que nos separa dêste longínquo 29 de setembro de 1898.

A linda Capela, engalanada como nos seus grandes dias. Profusão de luzes cujo brando reflexo nas piedosas imagens parece ameigar-lhes ainda mais a fisionomia, num sorriso de bênção. E com os piedosos cânticos sobem as almas nas asas leves de fervoroso anseio...

Inicia-se o Santo Sacrifício.

As primeiras palavras do "Introito", uma expansão de reconhecimento : "Bendize, ó minha alma ao Senhor !"

¡Pêso imenso de felicidade !

'Madre Maria de Aquino o sente esmagador. Deus lhe dera tanto... "protegera-a à sombra de suas asas, guardara-a como a pupila de seus olhos !..." E hoje, coroando todos os benefícios, a realização do sonho virginal de sua vida : consagrar-se a Jesus no Sagrado Coração de Maria.

Mediu todo o alcance das palavras pronunciadas diante do Tabernáculo, *em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo !*

O seu "prometo" não se desmentirá nunca. Será fiel nos momentos de consolação como nas horas tormentosas que lhe virão de sobejo no decorrer da existência, como um desafio ao seu Amor a Deus !

À jovem religiosa foi concedido passar ainda um ano na Casa-Mãe.

O tempo foi bem aproveitado. Intensificou o cultivo da vida interior e procurou impregnar-se mais e mais do espírito religioso, "base da perfeição".

Além disso, o mar estava bonançoso...

Madre São Calixto, satisfeita com o seu trabalho, descansou o cinzel.

Por sua vez, Jesus segredava no íntimo do coração da sua eleita :

"A paz é a herança dos humildes." (2)

Animada de generosas resoluções, Madre Maria de Aquino deixou a Casa-Mãe, rumo ao querido Portugal, a fim de iniciar a sua vida de apostolado no campo que lhe ia assinalar a vontade de Deus.

---

(2) Padre Gailhac.

V

PRIMEIRAS ATIVIDADES

«QUE VOSSAS PALAVRAS NÃO SEJAM SENÃO O ECO DE VOSSA VIDA TÔDA DE DEUS E PARA DEUS!»

P. Gailhac.

Em 1899, chegava de França um grupo de jovens Religiosas e, entre elas, a Madre Maria de Aquino.

Para esta, foi o conceituado Colégio do Pôrto o primeiro campo de atividade.

Anos atrás, ali estivera como Postulante, nos primeiros ensaios da vida que pretendia abraçar.

Hoje, Professa, ostentando no peito a Cruz dos Santos Votos, vai traduzir em todo o seu proceder, o que lhe fôra ensinado, no longo período de sua formação religiosa.

Encarregada da Divisão das alunas médias, teve a segui-la os olhares indagadores e curiosos de pequenas irrequietas, nessa idade cheia de contradições, de altos e baixos — maré-cheia e maré-vazia — que desconcerta a muitos educadores.

Mas em tôda esta indecisão e desequilíbrio, há o ritmo de uma vida nova, o forte palpitar de energias amanhacentes que o verdadeiro educador não pode absolutamente ignorar.

Madre Maria de Aquino não desconhecia o terreno pelo qual se embrenhava.

Difícil, sem dúvida, a tarefa, e, por isso mesmo, sumamente valiosa!

— Que delicadeza para não ferir!

— Que maleabilidade para se adaptar!

— Que tacto e que firmeza para corrigir!

— Que visão larga do sobrenatural, para não vacilar ante os estremecimentos desta *"terra-viva"* capaz

de reações, porém, igualmente capaz de esfôrço e de generosidade!

Para norteá-la, ali estavam as diretrizes pedagógicas do santo Fundador, tão luminosas e profundas, tão imbuídas do espírito de mansidão de Cristo-Educador!

Conquistadora? — Também ela, a religiosa do Sagrado Coração de Maria! Ambiciosa? Sim! — das santas ambições do zêlo!

E Gailhac lhe apresenta o segrêdo infalível da conquista: "A doçura é o meio *onipotente* para transformar as almas. Tendes necessidade de firmeza, porém necessitais *ainda mais* de *bondade* e de *amor!*».

E dá, logo a seguir, a explicação do seu pensamento: "A energia destituída de bondade transforma-se em dureza, cuja ação tende antes a *destruir* que a *construir*».

"Posso falar-vos com experiência: o pouco bem que fiz — se o fiz ainda que pouco — se ganhei corações a Deus, foi pela *doçura, bondade, paciência* e uma *continua perseverança*. Sim, nada é tão poderoso quanto a doçura, quando ela tem por princípio o amor de Deus!».

Tais ensinamentos caíam na alma de Madre Maria de Aquino como a chuva em terra boa.

Compreendeu-os, assimilou-os e, para ela, a doçura era verdadeiramente «a perfeição da bondade, da misericórdia e da caridade», na bela expressão de Monsenhor de Ségur.

Madre Maria de Aquino teve êxito no seu trabalho. Edificou profundamente as suas alunas, como edifica tôda alma sinceramente de Deus.

Embora a sua atividade não tivesse repercussão exterior, nem por isso deixou de imprimir nas suas alunas o cunho de uma personalidade.

Se, durante êste período inicial do seu apostolado, a vemos na sombra, não é que lhe faltem iniciativas É antes a paixão pela obscuridade, pelo escondimento, por êste último lugar que lhe acena, tentador, qual se fôra o vestíbulo do Céu!

E quem a ouviu, poderá dizer com que unção repetia:

«Escolhamos sempre o último lugar!
Sejamos pequeninas aos olhos das
criaturas, porque seremos mais
amadas do Coração de Jesus!»

. . . . . .

A 30 de setembro de 1903, renovam-se mais intensamente para Madre Maria de Aquino as puras alegrias da vida religiosa, com a sua eterna consagração ao Senhor.

Nesse dia para sempre memorável, pronunciou os VOTOS PERPÉTUOS.

Às bênçãos do Céu, uniram-se os sorrisos da terra, através da delicadeza e ternura da Superiora e numerosa Comunidade.

Essa época é um marco na vida de Madre Maria de Aquino.

Diante dela, vai abrir-se um novo campo de exploração, no qual empregará todo o seu zêlo e energia, tôdas as suas fôrças, enfim tôda a sua existência, numa dedicação jamais desmentida, até ao último instante de vida.

Agora é que vão patentear-se os dotes inigualáveis do espírito e do coração, nesse delicado mister que exige

uma renúncia contínua num total desprendimento: o *cultivo das almas*.

Observada atentamente por Superioras e Irmãs, a Madre Maria de Aquino se lhes apresentava como um belo modêlo: «*Era a perfeição nos mais pequenos pontos da Santa Regra*», afirma uma Religiosa e o mesmo poderiam dizer tôdas as demais.

Madre Maria da Eucaristia, Superiora segundo o Coração de Deus, aquilatava o valor de sua filha e, quando se tratou da escolha da Mestra de Noviças, foi sôbre os ombros da simples Religiosa, até então apagada e tímida, que fêz cair o pêso do cargo.

Estremeceu a humildade!
Venceu, porém, a obediência!

* * *

Horizontes sombrios para a Igreja! Convulsões políticas! Ameaças!

«Apesar disso — ou talvez por isso mesmo — abundavam as vocações para as diversas Ordens e Congregações religiosas femininas existentes no país: juventude em flor, a contrabalançar com a sua generosa imolação, os crimes de apostasia e sectarismo dos que tinham em suas mãos os destinos da Pátria!

E assim se tornou necessário abrir em Portugal uma casa para o Noviciado das aspirantes ao Instituto do Sagrado Coração de Maria». (1)

No dia 3 de abril de 1904, chegava a Madre Maria de Aquino com três Noviças a Penafiel onde, meses antes, se abrira um Colégio. No mesmo edifício passou a funcionar o Noviciado, muito em segrêdo, já que as

(1) «Vidas-vivas» — pág. 310.

leis da época não permitiam a existência de tais casas de formação.

Com os olhos em Deus, iniciou a Madre Maria de Aquino o seu novo mister.

Os resultados ultrapassam a expectativa!

As Noviças cercam-na de respeito, amor e veneração.

Respeitam a Superiora, amam a Mãe, veneram a Santa.

Mesmo quando o dever impõe uma atitude enérgica, nunca a vêem ultrapassar os limites da *calma*, da *ponderação* e da *delicadeza!*

Fala em nome de Deus e do dever, com absoluto domínio! As palavras atingem o objetivo, porque, antes de virem aos lábios, se purificaram de tôda aspereza nas chamas da caridade.

Nas freqüentes exortações às Noviças, a Mestra discorre com facilidade e inspiração.

A doutrina não é de feitio a agradar à natureza, não adula os sentidos, porém é a mesma que ela pratica, à risca, com uma incrível pertinácia. Se lhe penetrarmos no âmago, sentiremos logo a sua solidez: é o rochedo inabalável da Cruz!

«A alma religiosa é uma alma crucificada!

E pára aqui? Não! O sacrifício pelo sacrifício não tem sentido.

A finalidade é também a mesma que ela tem em vista e cuja beatitude já se vai tornando realidade viva para sua alma:

«E assim teremos os pés na terra, mas o coração no Céu!»

Todavia, mais que as palavras, fala a eloqüência silenciosa do exemplo. E quer trate da humildade ou

mortificação, da caridade ou silêncio, do espírito de fé, obediência, ou regularidade — seus temas preferidos - poderá acrescentar, sem exagêro, ao terminar a conferência :

«Sêde minhas imitadoras !»

O exemplo ! Na verdade, aqui se acha o segrêdo da influência profunda que exerceu Madre Maria de Aquino através de uma vida inteira que bem poderíamos chamar *"o heroísmo da fidelidade !"*

* * *

Em 1906, o coração sensível da Madre Maria de Aquino passou por um sofrimento particularmente doloroso : a perda de sua estremecida mãe.

Recebeu o golpe com a resignação de sempre.

«Bendito seja Nosso Senhor por tudo !», foram as suas palavras, ao ler a angustiosa notícia.

Na Capela — assim no-la descreve uma Noviça — com a cabeça apoiada junto ao altar de Jesus Sacramentado, desafoga a sua dor.

Já ia longe o 15 de agôsto de 1894, quando então deixara a sua mamãe para não mais tornar a vê-la neste mundo.

Lembra-se do pedido que fizera :

«Meu Deus, em troca dêste sacrifício, levai-a direitinho ao Céu, quando morrer !».

A consolação que a invade, toma-a como sinal de que Deus lhe atendera o pedido.

Havia sido para a sua mamãe «a luz dos olhos»; do Céu, esta lhe seria a luz do seu caminho !

Quando volta para junto das Noviças, estas lhe notam a extrema palidez do semblante, indício do martírio interior; a serenidade, porém, revela a plena aquiescência à Vontade de Deus !

«Bendito seja Nosso Senhor por tudo !»

Era êste o seu invariável estribilho nos momentos em que os espinhos se lhe cravavam em cheio no coração.

«Das almas que sofrem, amantes de Jesus, os soluços cantam como hinos!» (1) Quanto êste pensamento, terno e profundo como o coração de onde jorrou, traduz bem a disposição interior de nossa querida Mãe, ante o sofrimento. «Bendito seja Nosso Senhor po rtudo !».

* * *

O ano de 1907 abre novos horizontes para o zêlo da Madre Maria de Aquino.

Vai deixar o pequenino recanto de Penafiel, onde fôra para as Noviças modêlo de acrisoladas virtudes.

Ali aquecera as almas ao calor de seu boníssimo e inigualável coração de Mãe !

Ali, silenciosamente, *sobrenatural* em tudo — nas grandes coisas como nas mínimas — havia revelado, como se "vive neste mundo sem ser dêste mundo".

Relanceando os olhos pelos rápidos anos de Penafiel, pelo empenho com que se desvelara por tôdas e cada uma de suas Noviças, Madre Maria de Aquino poderia dizer com humilde sinceridade:

«Senhor, dei-lhes um *mesmo coração, um só caminho*...

Minha alegria consistiu em fazer-lhes o bem e com tôda a minha alma». (2)

«Dominei sôbre o meu pequenino rebanho não com aspereza e violência, mas com *doçura* e *mansidão !*»

---

(1) D. Leme.

(2) Jeremias, XXVIII.

Até hoje as privilegiadas Noviças de Penafiel falam daquele ambiente recolhido e tranquilo, do seu fervor e regularidade, da expansão e alegria dos recreios, sem esquecer as risadinhas gostosas da santa Mestra que se divertia com as brincadeiras das filhas...

Quão belo o ideal do "Sagrado Coração de Maria" concretizado em semelhante modêlo!

* * *

Em Penafiel, a Madre Maria de Aquino havia sido principalmente alma de oração.

Agora, vai tornar-se igualmente alma de ação, exercendo mais intensa atividade como Superiora do Colégio de Braga.

A mudança efetuou-se em setembro de 1907.

Era então Superiora a sempre lembrada Madre S. Ligório Mac Mullin.

Pela segunda vez, acha-se à frente desta Casa que ela viu nascer e cuja direção assumira aos 22 anos apenas, quando da sua chegada a Portugal em 1876.

Amou profundamente a sua nova Pátria. Em retôrno, dedicavam-lhe entranhado afeto.

Muito acessível, extremamente bondosa, Madre S. Ligório possuía o dom de cativar os corações.

Quem a conheceu que o diga!

Quanta grandeza de alma naquele corpo franzino!

E esta alma como se refletia na meiguice do sorriso e na limpidez dos olhos côr-do-céu!

As despedidas foram dolorosíssimas...

Uma Religiosa que tomou parte ativa na cena, interrogada sôbre o acontecimento, assim afirma:

«Não se descreve! Nunca vi chorar tanto por ninguém! Na sala da Comunidade, as religiosas inconso-

láveis rodeavam a Superiora que, de joelhos ante o retrato do nosso Fundador, chorava a não mais poder!

Nenhuma de nós perguntava pela nova Superiora, de tal modo nos absorvia a dor de perder tão querida Mãe!

Junto dela, sentimo-nos à vontade, tão confiantes como em casa junto de nossa Mãe... Igualzinho!

Ai! aquela partida! Parecia um dilúvio!»

«Saudades de Portugal,
desgraça a quem as não sente...»

Madre S. Ligório deixou corações saudosos e ela, por sua vez, jamais esqueceu as «suas portuguêsas» para as quais permançceu, até morrer, a «velha mãe» atenciosa e amiga.

«Amar em Deus é amar para
sempre e os que assim amam,
por mais que se amem, nunca
terão amado demais!» (3)

* * *

Eis agora a Madre Maria de Aquino investida de novas responsabilidades.

Aceita-as com espírito magnânimo, visto ser esta a Vontade de Deus.

Brusca, a mudança do ambiente tranqüilo de Penafiel para a esfera do movimentado Colégio.

Múltiplos cuidados, atividade incessante, Comunidade numerosa — umas cinqüenta Irmãs, dentre as quais, algumas já antigas.

(3) S. Francisco Sales.

No começo, algumas dificuldades.

Vence-as a energia da Superiora e nunca mais nuvens sombrias toldaram a limpidez do horizonte.

Desde o início, a Madre Maria de Aquino revela qualidades excepcionais para governar e dirigir: capacidade administrativa, largueza de vistas, amor ao trabalho, dedicação sobrenatural, rara prudência, energia indomável — dotes êstes a serviço de *um coração de mãe!*

Por três anos — rápidos e felizes como um afago do Céu — dedica-se a Deus, dedicando-se à sua família religiosa, ao Colégio, aos amigos, a todos enfim aos quais pode beneficiar com as incomparáveis riquezas de sua alma predestinada!

As ocupações exteriores em nada lhe prejudicam o recolhimento e a vida de oração. Pelo contrário! São o transbordamento da atividade interior — luz que se evola do seu centro, zêlo, chama do Amor!

Do íntimo da sua alma incendiada, sempre unida a Deus, é que jorra a atividade exterior tão fecunda e realizadora!

Uma Religiosa, antes sua Noviça e agora em Braga, assim no-la descreve:

«O seu recolhimento e espírito interior não sofreram com a mudança (de Penafiel para Braga).

Nos instantes livres, lá está no seu lugar na Capela, junto de Jesus, em oração! Olhos fechados... alheia a tudo o que a cerca.

A caridade é a mesma e, apesar do trabalho extenuante, a todos fala, a todos atende, sempre com o seu ar bondoso e afável».

O segrêdo, ei-lo! É a experiência de um santo quem no-lo revela:

«Das almas humildes ardentes de amor, Deus faz prodígios que maravilham». (4)

O prodígio está aqui : Comunidade modelar, «imagem do Céu, onde não se vê senão *obediência* e *amor !*» (5).

Ainda uma vez, mais alto que as exortações fala o exemplo «na linguagem da fé, elevando os pensamentos e os corações acima das coisas da terra». (6)

«Parecíamos uma só família muito unida e muito contente» — afirma uma Irmã.

«A vontade de uma era a vontade de tôdas. Gostávamos de dar prazer, ainda que não fôsse senão nas pequeninas coisas.

«Só vendo as nossas festinhas !

«Aquêles versinhos tão a propósito, batendo no ponto vulnerável de cada uma, faziam rir com vontade !

«Fervor, caridade, alegria era o que se via entre nós.

Por isso é que se cantava por lá:

«Vivam as nossas Irmãzinhas
Que são muito "rezadeiras"
E não deixam de ser também
Amigas das brincadeiras !»...

Madre Maria de Aquino acha-se em ambiente próprio.

Dado o bom espírito das Religiosas, pode ser para tôdas verdadeira mãe e, em retôrno, encontra verdadeiras filhas cuja lembrança evocará saudosa :

«Foi o tempo melhor de minha vida !
Nunca vi Comunidade assim !»

(4) P. Gailhac.
(5) Idem.
(6) Idem

Madre «Sainte Foy», por sua vez, confirma:

"Não é demasiado insistir na
ventura que se desfrutava na
Casa de Braga!» (7)

* * *

Braga é o último cenário das atividades da Madre Maria de Aquino em seu torrão natal.

Deus quer proporcionar-lhe instantes de Tabor, como estímulo a uma inteira generosidade nos transes difíceis que a esperam.

E com o adeus "para sempre" à terra querida, fica-lhe gravado na retina o suave painel da Roma portuguêsa:

— Cidade — Monumento;
— Cidade — Relicário;
— Cidade — da Virgem!

Não mais se esquecerá dos recantos aprazíveis das férias do verão, junto ao Bom Jesus do Monte e à Virgem do Sameiro, na solitude do ambiente em que, mais ligeira, sobe a alma para Deus nas harmonias místicas dos carrilhões...

(7) Vidas-Vivas — pág. 320.

VI

A TORMENTA E A DISPERSÃO

«OFEREÇO-ME A TODOS OS SACRIFÍCIOS PARA SALVAR MINHAS FILHAS!»

M. Maria de Aquino.

1910. Após o reconfortador descanso das férias do verão na Quinta do Adaúfe, Madre Maria de Aquino e suas Religiosas entregam-se aos preparativos para a entrada das alunas.

As coisas, porém, tomam um rumo bem diferente com o violento sôpro do tufão revolucionário.

A implantação do novo regime político acarreta desordens por todo o país e o ódio à Religião culmina com o decreto de expulsão dos Sacerdotes e Religiosos.

As filhas do Padre Gailhac sofrem duramente as conseqüências de tamanho desatino.

Todavia a prova não as apanha desapercebidas. O Retiro anual — que se fazia justamente por aquela época — acabava de consagrar os combatentes de primeira linha na armada do Senhor dos Exércitos!

De têmpera genuinamente inaciana, o Revmo. Padre Abranches, que então pregava à Comunidade do Pôrto, falou-lhes, sem dúvida alguma, nos têrmos exigidos pela gravidade do momento:

— *Generosidade no sacrifício*: — Deus os pediria e bem grandes!

Confiança inabalável: — «O Senhor tudo dispõe para o bem dos seus eleitos!»

Fidelidade até à morte: para seguir o Mestre no caminho que se lhes abria diante das mais negras perspectivas. Mas êste caminho, Êle também o trilhara: — *o caminho real da santa Cruz!*

O itinerário é sempre o mesmo: — do Tabor, ao Calvário! Porém não esqueçamos: — do Calvário, ao Céu!

A chamado urgente da Reverenda Provincial, Madre Eucaristia Lencastre, reúnem-se as Superioras na Casa do Pôrto e, na oração, esperam o esclarecimento para tão grandes incertezas...

E Deus fala pela Sua digna Representante, inspirando-lhe como medida mais sábia e prudente a volta das Religiosas ao seio das respectivas famílias...

Uma espada que se lhes crava em cheio nos corações...

Abandonar a vida de Comunidade!

Deixar o Santo Hábito!

Como teriam beijado com fervor a libré santa que receberam num dia de felicidade imensa que lhes inundara os corações das puras alegrias do Paraíso!

As despedidas são dolorosas.

Madre Maria de Aquino, verdadeira mãe na maternidade espiritual do zêlo, sofre mais a dor de suas queridas filhas que sua própria dor.

A prova vem feri-la no mais íntimo. Só Deus conhece a intensidade do seu martírio!

Para reunir novamente as Religiosas, para reorganizar a Comunidade, está disposta a todos os sacrifícios.

Em meio à borrasca, conserva-se imperturbável. «Alma de rochedo» cuja fôrça se radica no abandono ao beneplácito divino, uma das características mais fortes de sua sólida espiritualidade.

«Ainda que rodeada
das sombras da morte,
nada temerei!» (1)

(1) Salmo XXII, 4.

E sua inabalável confiança levanta os corações: "Coragem, minhas filhas, nós nos reuniremos outra vez!"

A que preço se realizará a sua promessa?

Não o indaga a generosidade!

Pastôra de almas dará a vida por suas ovelhas.

É a prova de maior amor!

. . . . . .

E dispersa-se a grei.

Uma última visita à Capelinha, uma súplica ao Coração de Maria, um olhar de alma ao Crucifixo, uma última oração naqueles lugares abençoados e... que oração!

Como a alma reza bem nos momentos em que sente que só Deus lhe pode valer e que o homem «é frágil caniço que o vento agita»...

Momentos angustiosos...

A árvore violentamente sacudida pela tempestade ainda mais se enraiza no solo!

É o tempo da poda!

Mais vigorosa circulará a seiva nos ramos, a floração se tornará mais rica e os frutos, mais sazonados do sabor da Eternidade!

* * *

Repelidas pela Pátria, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria vão procurar em outras plagas, sob outros Céus, um novo âmbito de ação.

A verdadeira Pátria da Religiosa é o universo inteiro: entregando-se a Deus, entrega-se igualmente às almas por amor a Deus! É a doutrina do Santo Fundador:

«O zêlo é o caráter distintivo do vosso Instituto que tem por finalidade cooperar na salvação das almas

com a proteção do Sagrado Coração de Maria. Felizes dentre vós as que a Santa Obediência escolher para as missões mais penosas e difíceis, mais contrárias às máximas humanas e aos desejos da natureza». (2)

Quantas e quantas vêzes não teria a Madre Maria de Aquino lido e meditado êsses ensinamentos. E agora, genuína filha do Padre Gailhac, não recuará diante de nenhum obstáculo, para cooperar com Jesus na Obra da Redenção!

Qual, porém, o novo campo de apostolado?

Deus lhe havia preparado o coração.

O sofrimento ainda mais lhe dilatara a capacidade, a fim de abrigar uma seara imensa, almas inúmeras, *uma farta colheita para os celeiros eternos!*

...E o Brasil surge-lhe diante como visão de esperança.

A empresa é, contudo, arrojada.

Mas, quando se trata da glória de Deus e da realização de Sua divina Vontade, Madre Maria de Aquino não conhece indecisões.

Madre Eucaristia dirige-se à Casa-Mãe, a fim de alcançar a bênção da Santa Obediência sôbre a fundação que se tem em vista.

Acompanha-a a Madre Maria de Aquino.

A Superiora Geral, Madre "Sainte Constance Farret", acede, mas não sem dificuldade. Julga temerário um tal projeto.

Temerário, sim, se Madre Maria de Aquino contasse com suas próprias fôrças, mas, visto que realiza os planos divinos, o auxílio do Alto não lhe faltará.

Na apressada viagem para Béziers, as viajantes param em Lourdes.

---

(2) P. Gailhac. — *La vie religieuse.*

Madre Maria de Aquino tem necessidade do desafôgo da oração... Enorme a responsabilidade que vai assumir...

E como Jesus no Horto das Oliveiras, sua alma estremece à antevisão do Cálice.

Da intensidade dêsse drama íntimo só Deus pode julgar.

Mas, como sempre, foi o abandono o seu refúgio e o "Fiat" de Jesus a resposta do seu amor:

«*Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas!*

E a palavra da Virgem confortou-lhe a alma: «Meu coração que vais tornar conhecido e amado será o teu refúgio para sempre!»

. . . . . .

Deus ama as almas generosas. Coloca-as em circunstâncias difíceis, multiplica-lhes em tôrno os obstáculos, a fim de lhes fornecer a ocasião do triunfo e da vitória. Não fazendo senão «um espírito com Deus», é Deus quem nelas triunfa.

'O Justo se alegrará na tua Fôrça!" (3)

Assim de Madre Maria de Aquino: do "Fiat" do Hôrto ao *consummatum est* do Calvário, uma ascensão ininterrupta, um longo ato de heroísmo:

— "Heroísmo de coragem;

— Heroísmo de abandono nas disposições da Providência;

— Heroísmo de paciência nos trabalhos e dificuldades;

— Heroísmo de silêncio nas provas e na contradição... e enfim e sobretudo

(3) Salmo XII, 1.

— Heroismo de amor a Deus, ao próximo, em tôda a parte, sempre, até ao fim!" (4)

E o «Sacré-Coeur de Marie» no Brasil nascia ali, naquela gruta, da oferta de Madre Maria de Aquino. Ali recebeu o batismo no sangue do seu martírio íntimo, sob as bênçãos da Virgem cuja faixa de um azul tão sereno até parece um bocado do infinito Céu Brasileiro!

(4) Auteur de «Lui — Simple et Grande».

VII

"DAS TERRAS DE SANTA MARIA AS TERRAS DE SANTA CRUZ"

«OS CÉUS LHES APONTAM AO LONGE UM CRUZEIRO ESTRELADO: BRAÇOS LUMINOSOS AMPLAMENTE ABERTOS NUM ACENO DE AMOR».

De volta da Casa-Mãe, a Madre Provincial traz a suas filhas a «boa-nova» e começam-se os preparativos para a partida.

Muitos corações pulsam de santo entusiasmo.

Não lhes custava então deixar a Pátria e os entes queridos? Negá-lo seria desconhecer a alma humana, tanto mais sensível e vibrátil, quanto mais perto de Deus! Um sentimento, contudo, domina todos os demais: a possibilidade de se reunirem novamente no ambiente santo de uma Comunidade, abrigadas sob o mesmo teto com Jesus, o Amigo de sempre, dos momentos mais belos e das horas mais angustiosas.

Eis o que leva estas Religiosas a aceitarem de ânimo alegre o sacrifício da partida. Em última análise, o que as impele é o amor à santa vocação. Para conservar esta «pérola preciosa» estão dispostas a dar tudo, dando-se inteiramente a si mesmas.

São três as escolhidas para abrir caminho: Madre Maria de Aquino — encarregada de dirigir a fundação — Madre Maria de Assis e Madre «Sainte Foy».

Deixam o solo pátrio a 21 de fevereiro de 1911.

Um «Diário» fiel e minucioso fornece-nos preciosas informações sôbre o acontecimento.

As doze horas e trinta minutos, as três «Precursoras» tomam, no Pôrto, o trem que as conduzirá a Leixões. Antes de sair, ajoelham-se diante de Jesus Sacramentado... Se os lábios não podem falar, fala ao Mestre divino o palpitar dêsses corações em alvoroço.

A Madre Provincial, cheia de compaixão e carinho, acompanha suas filhas. Quer fazer-lhes companhia até ao fim e, quando forçada à separação, não as deixará nunca o seu afeto de Mãe.

À tristeza da partida, juntam-se contrariedades do último instante.

Os documentos pedidos, com antecedência, para a Madre Maria de Assis, não chegam e esta não pode entrar no navio. Enfim, depois de muitos sobressaltos, verifica-se não serem indispensáveis e tôdas respiram aliviadas.

Mas não ficamos só nisto. Já a meia distância do caminho para Leixões, novo incidente e mais aborrecido ainda.

— Onde estão os bilhetes?

Ninguém havia pensado nêles. Que aflição para tôdas! Às duas horas, o embarque. Às quatro, o vapor levantará ferro...

Continuam o trajeto até Leixões, com enorme preocupação. Uma das Religiosas do grupo volta então ao Pôrto, em busca dos bilhetes, ocasião de tantas angústias... Lá pelas quatro horas, surge, radiante, a Madre Maria do Coração Imaculado, sossegando os corações em sobressalto.

Apesar de angustiadas, não ficam insensíveis aos encantos do mar «sereno e lindo, a dardejar brilhantes nas águas azuladas do formoso Atlântico».

E o «Cap-Vert», majestoso, parece dar às passageiras as suas Boas-Vindas.

Enfim, de posse dos tais bilhetes — já nem nos queremos lembrar dêles! — saem a visitar o navio. Magnífico! Ótimos lugares lhes estão reservados.

Pela grande quantidade de carga do navio, sofre um atraso a hora da partida.

Só às nove e meia levantará ferro.

Corre célere o tempo... Às oito e meia, o último abraço de adeus e quão doloroso...

Não se deixam, porém, abater. Confortam-nas as palavras de despedida da Madre Provincial:

«Vão das Terras de Santa Maria às Terras de Santa Cruz levar o Coração de Maria!»

Madre «Sainte Foy» assim expressa o sentimento de tôdas. Ouçamos e edifiquemo-nos:

«Por Vós, meu Jesus, todos os sacrifícios são bem empregados e, nos vossos braços, estreitando-nos ao vosso terníssimo Coração, empreendemos esta viagem que nos há de levar a um novo campo de Apostolado. Outros e muitos vão para lá ganhar riquezas, grandes tesoiros... Nós vamos também com ânsia de ganhar tesoiros de inapreciável valor.

Ó Jesus! Ambiciosas que somos! Queremos tesoiros que neste universo tão rico de maravilhas nada pode pagar: — queremos almas que resgatastes com o Vosso Sangue, queremos restituir-Vo-las, educando-as para Vós! Abençoai os nossos desejos, inspirai, alentai, fortificai êste pequeno grupo de Espôsas vossas que deixam as Terras de Santa Maria, em demanda das Terras de Santa Cruz, já regadas pelos suores de tantos mártires e fervorosos Apóstolos!"

. . . . . .

Findas as despedidas, fazem em comum a oração da noite e recolhem-se para o descanso.

... Mais um ato do Drama encerra-se... Hão de seguir-se vários outros, e talvez ainda mais patéticos!

Mas o final de cada cena será sempre o espetáculo sublime do triunfo do Amor!

* * *

E o «Cap-Vert» corta as águas do formoso Atlântico.

Com o olhar cheio de saudade, as queridas viajantes contemplam os últimos recantos da Pátria querida que lhes vai fugindo na vastidão infinita de infinitos horizontes. Apertam-se-lhe ainda mais os corações...

«Adeus, Lisboa! Adeus, Portugal! Os corações que mais te amam, tu os rejeitas»!

Enfim desaparece a terra, sucedendo-lhe a monotonia da paisagem: — céu e mar, por dezessete longos dias.

A saúde delicada da Madre Maria de Aquino ressente-se dos balanços do navio e a boa Mãe pode acrescentar um sacrifício a mais aos muitos que Nosso Senhor lhe vem pedindo.

Certos acontecimentos que figuram no «Diário» nos revelam que a viagem, apesar de longa, nem sempre se mostra enfadonha.

Primeiramente, um caso de morte... Não disse bem: — dois casos de morte.

Agitação e alvoroço! Algo de anormal no ambiente!

Madre Maria de Assis e Madre «Sainte Foy» dirigem-se à terceira classe, onde se dera o infausto acontecimento. Visitam o apartamento dos desaparecidos e enternecem-se...

— Mas, afinal, quem morreu?

— O boi e o bezerrinho que vinham a bordo...

Interessante, a festa da passagem do equador e, mais interessante ainda: as Religiosas são convidadas e ei-las em apuros.

Em grandes caracteres, o anúncio, escrito em português e alemão, traz ao conhecimento dos passageiros que a cerimônia se revestirá de brilho invulgar: «Hoje, grande festa do equador, jantar de gala, depois, batismo e baile no convés!»

Madre Maria de Aquino, por se achar adoentada, consegue livrar-se; teme, porém, que a recusa do convite lhes traga desagradáveis conseqüências e, assim, as duas outras comparecem ao famoso jantar.

Nos humildes vestidinhos pretos, ei-las em meio aos cavalheiros e damas trajadas com o requinte exigido pelas circunstâncias.

Curtindo aborrecimentos sem nome, tomam lugar à mesa particular que lhes é reservada, à entrada do grande salão, todo ornamentado com as vistosas decorações alemãs e venezianas.

Tudo anuncia um jantar aprimorado.

Servido o último prato, acendem-se as numerosas lanterninhas e apaga-se a luz elétrica. Ao som da música, todos os criados, com engraçadíssimas fantasias, entram no salão, trazendo doces e sorvetes em pratos iluminados. Por três vêzes e solenemente, dão volta à mesa. Reacendem-se as luzes e é servido o delicioso sorvete.

Nossas viajantes, certamente, acham graça na inocente brincadeira, mas, assim que podem, fogem para junto da Madre Maria de Aquino, cujo estado as preocupa.

Pela fôrça das circunstâncias, acha-se a boa Mãe obrigada ao mais duro regime: água gelada e um pouco de fruta. No navio não cogitam do estado da paciente doentinha e em vão solicitaram para ela qualquer coisa à parte...

Anima-as, contudo, a aproximação do têrmo da viagem.

Tocam o primeiro pôrto brasileiro: — Recife, linda cidade, edificada entre rios e pontes, a «Veneza brasileira...»

Depois, Bahia, a cidade histórica, muito próxima de Braga pelo apêgo às tradições, pelo cunho de religiosidade e, enfim, pelo grande número de igrejas e de santuários.

Últimos dias a bordo... é o final da viagem.

Já se avistam as primeiras montanhas do Rio de Janeiro.

Que deslumbramento!

Por instantes, tudo esquecem. Embebem os olhos no magnífico cenário da incomparável Guanabara, que, num sorriso de luz, lhes expressa as «Boas-Vindas!»

Era o imenso coração brasileiro que acolhia o «Sacré-Coeur de Marie».

* * *

Admirável o jôgo divino!

O homem premedita uma obra de destruição e de ódio! Sopra o tufão revolucionário em ameaças de ruína e de morte!

E Deus se serve de tudo para abrir ante as filhas do Padre Gailhac um *luminoso roteiro de esperanças!*

— Expulsas, estas Religiosas? Não!

Precursoras! E devem apressar-se!

Em breve, a Grande Mensagem:

«E o meu Coração triunfará!»

E esta Mensagem, o Brasil deve recebê-la através das Religiosas do Sagrado Coração de Maria!

. . . . . .

1917! Numa povoaçãozinha tranqüila, onde se respira ar purificado das regiões sobrenaturais, baixa a Virgem Maria!

Exulta de júbilo o mundo católico, pulsa mais forte o coração português, vibra em estremecimentos inefáveis a alma lusa!

«E o meu Coração triunfará!»

Novos horizontes para as filhas do Padre Gailhac, cuja missão especial é propagar o culto do Sagrado Coração de Maria!

«Fátima! — pôsto-emissor da Rainha do Céu!»

Quando a sua voz ressoar pelos ares, já possuirá o Brasil o seu «Torreão Nobre», nos postos instalados pelas Religiosas que hoje pisam em terras brasileiras!

E o Brasil há-de vibrar com a alma lusa renovada, rejuvenescida, espiritualizada às puras fulgurações de Fátima!

Glória sem nome a de abrir assim um caminho. Glória, porém, que se compra bem caro, com a única moeda capaz de transitar nos bancos divinos.

Madre Maria de Aquino já assinou um cheque de valor:

«Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas!»

Ah! pudessem seus olhos rasgar o véu do futuro! Deslumbrar-se-iam ante a magnífica projeção de sua

obra, «seara-viva», a dourar-se ao esplendor de incansável zêlo!

* * *

10 de março de 1911. Meio dia!

As três primeiras Religiosas do «Sagrado Coração de Maria» pisam em terras brasileiras.

No cais, em vão procuram um rosto conhecido, uma saudação amiga.

Ninguém a esperá-las...

«Era o exílio em tôda a sua intensidade».

— Que fazer, sòzinhas, nesta cidade imensa e desconhecida?

Madre «Sainte Foy» tem um parente que lhes poderá valer, mas, até encontrar a sua residência, deverão passar por momentos bem amargos.

No caminho, enquanto erram daqui e dali, entram numa Igreja e desafogam os corações opressos. Depois, recomeçam a caminhada, quase prostradas de cansaço e de fome, debaixo de um sol causticante, através das ruas movimentadas da imensa Capital.

Que dizer da pobre Madre Maria de Aquino?

Até agora só se alimentou de um pouco de fruta... É mesmo a fôrça divina que a sustenta.

Enfim, chegam ao destino, às três horas da tarde.

Acolhe-as amàvelmente a família a que recorrem. Têm tôdas necessidade de alimentação e repouso.

Que lhes reserva o dia seguinte?

Longo e penoso trajeto, porém, de manhã bem cedinho, já se acham as três na Igreja de São Francisco Xavier, a fim de fortalecerem o espírito na oração e na assistência aos divinos Mistérios.

Logo depois do almôço, retirada das bagagens, serviço de que se encarregou o primo da Madre «Saint Foy» que o acompanha, bem como a Madre Maria de Aquino.

— E a Madre Maria de Assis?

Está em casa, a rezar para que as bagagens tenham um feliz despacho na Alfândega. E preocupam-se com razão. Nada menos de dezoito volumes e algumas coisas são comprometedoras: sedas, flores, paramentos, vasos sagrados etc.

Os encarregados da fiscalização como fazem bem o seu dever! Vêem tudo, sem deixar escapar coisa alguma e, quando as interessadas se lhes apresentam, dizem-lhes com um sorriso onde se vislumbra uma pontinha de malícia:

«Trazem aqui tudo o que é necessário a uma linda Capela. Por um só raminho dêstes, deveriam pagar... pagar...

Mas rezem por nós e desculpem-nos haver-lhes desarranjado as malas»...

«Foram obsequiosos o mais possível, observa a Madre «Sainte Foy», no seu «Diário». E conclui: «Como são bons todos êstes brasileiros!»

O êxito demonstrou que a Madre Maria de Assis sabia rezar e que Santo Antônio, a quem se confiara a emprêsa, é mesmo santo milagroso.

No forçado passeio, as queridas Religiosas podem conhecer um pouco da linda cidade, perder os olhos na graciosa coroa de montanhas que a circundam e apreciar a beleza dos edifícios e largas avenidas.

Apresenta-se-lhes igualmente a oportunidade de visitar a Igreja mais artística do Rio de Janeiro — a Candelária — «imitação da nossa Basílica da Estrêla, porém mais bela ainda, observa a Madre «Sainte Foy».

Por felicidade, encontram-se aqui com o Revmo. Padre Castanheira, a quem haviam sido recomendadas e que muito lastimou o atraso com que chegou ao cais.

Cumulou-as de atenções, prontificando-se para auxiliá-las em tudo que lhe fôsse possível. Cumpriu palavra e mostrou-se sempre muito dedicado amigo.

À noite, devem as Religiosas partir rumo a Mariana.

Despedem-se reconhecidas da bondosa família que tantos serviços lhes prestara e põem-se a caminho. Os bilhetes, compram-nos de segunda classe.

É preciso poupar o dinheiro que já vem faltando...

Aguarda-as longa e penosa viagem, num trem sem confôrto, a sacudir impiedosamente os passageiros. Ao martírio físico junta-se o martírio moral: quantas apreensões... Mas procuram, como sempre, um refúgio nos braços seguros da Providência Divina!

VIII

RUMO A MARIANA

"NÃO SE PODE ALCANÇAR A GLÓRIA DE DEUS SENÃO PELA CRUZ.
TODO BEM EMANA DO CALVÁRIO".

O trem põe-se em marcha, atravessando a cidade, os extensos subúrbios. A alma sensível da Madre "Sainte Foy" mais uma vez se encanta com a beleza do panorama:

"Era lindo ver, em rapidez vertiginosa, essa multidão de luzes de variegadas côres que iluminavam as importantes povoações dos arrabaldes, e que se refletiam nos regatos e lagos. Começou depois a rarear êsse conjunto de belas casas de campo, e a lua, em todo o seu esplendor, prateava as águas, avolumava as montanhas e respeitava os recôncavos dos vales. Era lindo o panorama e meus olhos ávidos procuravam perceber, quanto podiam, essa região inteiramente nova.

A temperatura sufocante sucede a frescura da noite e os olhos se lhes fecham pesados de sono...

Uma noite inteira de viagem. Madre Maria de Aquino inspira cuidados, "mas tôdas três vínhamos por amor a Jesus e às almas, e no desejo ardente de reunirmos, em breve, uma fervorosa Comunidade". (1)

Às nove horas da manhã ainda estão em jejum. Desejam tanto comungar... porém devem fazer mais êste sacrifício, pois a viagem parece não ter fim. Horas depois, um apito mais estridente do trem movimenta os passageiros. E' a chegada. As onze e meia descem em Ouro Prêto, exaustas e cobertas de pó.

Pressurosas, indagam acêrca do trajeto para Mariana, certas de que poderiam percorrê-lo a pé e em pouco tempo. Mas um dos carregadores, interrogado,

(1) "St. Foy" — Diário.

respondeu: — Não, minhas Senhoras; são mais de duas léguas daqui a Mariana! Não se pode ir a pé.

— Há carros para lá?

— Não há carros para lá, mas alugam-se animais.

Ah! um automóvel aqui! em vinte minutos, estariam em Mariana!

Lembremo-nos de que o Brasil de 1911 não era o Brasil de hoje, "em que as modernas e vertiginosas conduções nos põem senhores dos ares e das terras. Cavalos ou algum trolezinho de primeira ou segunda classe, carros de boi, gemendo pelas estradas barrentas e difíceis, e era tudo para vencer as penosas léguas de povoado a povoado, quando a linha ferroviária não pudesse satisfazer".

Que contratempo! Sorria-lhes a esperança de se verem as três numa casinha modesta, ocupadas nos trabalhos mais humildes, porém na paz de uma Comunidade.

Ainda não é chegada a hora determinada por Deus. Aguardam-nas outros episódios e bem trágicos.

Dirigem-se então para um hotel, onde enganam o estômago com um pouco de café e pão. Não podem custear o almôço. O dono do hotel certamente compreendeu a penosa situação das viajantes, pois, ao ser-lhe perguntado o preço, disse-lhes bondosamente que nada deviam. O mesmo senhor, muito obsequioso, arranja-lhes condução para Mariana.

Apesar do extremo cansaço e da distância, a "Madre Sainte Foy" confessa que prefere ir a pé. Não sabe andar a cavalo e está cheia de mêdo. E o mêdo transforma-se-lhe em verdadeiro pavor, quando vê, à porta do hotel, as mulas altas que as aguardam. E suspira aflita: "Eu que contava com uma jeriquinha mansa..." Mas foi pacientemente instruída na arte

da equitação. segurar bem as rédeas, manter-se firme, etc.

Deixemos falar a Madre "Sainte Foy" no seu estilo vivo de excelente narradora:

"Foi um acontecimento, para a pacata cidade de Ouro Prêto, a partida da nossa cavalgada. A frente, a mula das bagagens; a seguir, a melhor cavaleira da caravana: Madre Maria de Assis; e, como mais inexperiente na equitação, fui colocada no meio; na retaguarda, a Madre Maria de Aquino, seguida a cavalgada pelo guia. Logo que começou o desfile por uma calçada íngreme, a minha mula quis passar à frente; julguei-me sôbre uma ponte movediça e, a custo, reprimi um grito. Momentos depois, porém, já me habituava àquela eminência e, cautelosa, mas confiante, olhava de relance para minhas queridas companheiras que me ficavam para trás; íamos tão ocupadas em nos segurarmos que mal nos podíamos olhar. No entanto, logo que deixamos a cidade, comecei a inteirar-me do novo panorama. Sempre montanhas e vales; a natureza em tôda a sua bela simplicidade. O caminho era quase deserto. Apenas, de quando em quando, um rapazito negro ou mulato passava em direção a Mariana e, de lá, a Ouro Prêto. Como eu já fantasiava reunir tôdas aquelas crianças de tôdas as côres para lhes ensinar a conhecer e amar a Jesus! As mulas iam mais vagarosas do que o passo do homem; levamos, pois, umas três horas e meia a chegar a Mariana. Os habitantes da cidade acorreram para ver passar a estranha cavalgada; dão na vista os nossos vestidos pretos e chapéus de inverno a êstes brasileiros, todos, de vestidos claros e ligeiros. Apeamo-nos à porta do Paço, despedimos o bom guia e esperamos na sala de entrada. Como nos batia forte o coração"!

Apresenta-se o porteiro a quem a Madre Maria de Aquino entrega a carta do Exmo. Sr. Arcebispo de Braga. Recebe-a gentilmente e acrescenta:

— O Senhor Arcebispo sairá do quarto sòmente às cinco horas; só então é que lhe poderei dar esta carta. Mas posso falar com a irmã do Senhor Arcebispo, a D. Jacinta — acrescenta êle antes de se retirar.

— Tenha a bondade de me chamar a D. Jacinta — pede com vivo interêsse a Madre Maria de Aquino.

Momentos depois volta o porteiro:

— "D. Jacinta também não pode atender às senhoras. Está descansando".

"Meu Deus. que amargura! Sentamo-nos num banco que, felizmente, havia por ali, martirizadas pelo calor, exaustas de fadiga, cheias de fraqueza".

"Vamos rezar o têrço — diz a Madre Maria de Aquino. E rezam tão bem que, ao segundo mistério, lá aparece novamente o criado, convida-as a entrar para o salão, dizendo: "O Senhor Arcebispo virá breve".

Curtos momentos de angustiosa espera. Que lhes reserva o futuro? Terão enfim chegado ao têrmo do longo peregrinar? A entrada do Senhor Arcebispo afasta-as dêsses pensamentos.

Sua Excelência acolhe-as bem, porém mostra-se frio com respeito à fundação. Havia-se enganado; pensava tratar-se de Religiosas hospitaleiras e não de educadoras. Anuncia-lhes que deverão seguir para Sete Lagoas, onde as espera o Vigário da cidade. "Êste atenderá a tudo o que lhes fôr necessário — continua o Senhor Arcebispo — já tem em vista uma boa chácara para se construir o futuro Colégio. Em Sete-Lagoas não há casas adequadas para tal fim."

Madre Maria de Aquino expõe a Sua Excelência o fim do nosso Instituto e, enquanto falam, encaminham-se para a sala de jantar, ambiente recolhido e modesto, onde já se achavam quatro Sacerdotes.

Após as apresentações e cumprimentos, D. Silvério reza o "Benedicite" e todos, no maior silêncio, tomam os respectivos lugares à mesa.

As nossas pobres Religiosas como se sentem acanhadas por não trazerem o Santo Hábito e a atmosfera um tanto sombria ainda mais lhes aumenta as amarguras. O Senhor Arcebispo dá sinal para começar a leitura.

Meu Deus! Até Vieira parece estar contra elas!

Um Sacerdote trigueiro, de fisionomia inteligente e com voz muito expressiva, inicia um capítulo dos "Sermões" sôbre a inconveniência de certos pedidos e a doutrina é ilustrada com frisantes exemplos — "à Vieira" — que penetram até à medula.

"Não sabeis o que pedis! Nenhum homem há neste mundo (falando do Céu abaixo) que saiba o que deseja nem o que pede.

...Pediria Sansão a Filistéia, se soubesse que ela havia de ser a causa de sua afronta, de sua morte, e de perder os olhos com que a vira? Pediria o Pródigo a herança antecipada, se soubera que com ela havia de comprar a miséria, a servidão, a desonra? Claro está que não. Pois se agora não haviam de pedir nada do que pediram, senão antes o contrário, por quê o pediram então? Já sabeis a resposta. Pediram-no porque não sabiam o que pediam: pediram-no, porque ninguém sabe o que pede.

... nem êles, nem vós sabeis o que pedis".

— Vieira! Vieira! por piedade!...

Qual nada! O leitor continua com voz bem modulada, num tom vibrante, de quem deseja interpretar o ilustre orador:

"Ai, homem cego que não sabes o perigo em que te metes! ...Ai, que alcança o que pretende se vai ao inferno! Pretende o Brasil, se vai ao Brasil, perde-se; pretende a Angola, se vai a Angola, condena-se..."

Mère "Sainte Foy" perguntava-se a si mesma: " Será que isto vem a propósito para nós que desejamos, com tanto ardor, estabelecer-nos no Brasil? Mas só almejamos trabalhar no bem das almas e viver em Comunidade!"

Vieira calou-se antes do fim do jantar.

Sua Excelência começa a interrogar as recém-vindas sôbre vários assuntos. Finda a conversa, as três Religiosas, acompanhadas de um Sacerdote, dirigem-se para o Colégio das Irmãs de São Vicente de Paulo, onde são recebidas com a mais viva expressão de afeto e simpatia. Em frente do edifício, vem-lhes ao encontro a Superiora à qual se juntam outras Irmãs. Cumulam de atenções as nossas viajantes. Desembaraçam-nas da pequenina bagagem e a Superiora lhes diz: "Vamos visitar primeiro o DONO DA CASA!"

Ouçamos a Madre "Sainte Foy", intérprete dos sentimentos de tôdas: "Que emoção ao ver-nos rodeadas de Irmãs nossas na vocação! Parecia-nos que, após um longo e penoso percurso por extenso, árido e abrasador deserto, chegávamos a um oásis para repousar por momentos, pois sentíamos que não havíamos chegado ao término da nossa viagem.

"As Irmãs acompanharam-nos a um quarto, preparado para nos receber. Nada foi esquecido. Sacudimos um pouco o pó e fomos para a Capela. Muito nos custa e envergonha, até, não termos o nosso querido Santo Hábito... Nosso Senhor tem-nos contrariado em tudo: Bendito seja Êle!

"A Capela como se assemelha à nossa de Braga! A imagem do Coração de Maria a domina também, do seu pequenino trono. Depois de ali estarmos um quarto de hora talvez, veio a sacristã e acendeu a lâmpada para iluminar a imagem linda e terna de Maria. Tendo entrado alunas e asiladas, começou-se o mês de São José. Ouviam-se os acordes do órgão e as vozes frescas das alunas. Então a nossa dor, por tanto tempo comprimida em face de estranhos, expandiu-se. Era a nossa vida de outrora que ali se repetia; era a Comunidade ali reunida, orando fervorosa; eram as nossas estremecidas menínas que cadã uma de nós evocava; eram as doces horas passadas junto do Tabernáculo... Quando é que nós teríamos também um lugar de oração, de trabalho e de repouso?...

"Como invejei — perdoe-se-me a expressão — a felicidade destas santas Irmãs! Tôdas três choravamos e expandíamos a nossa dor, saudade e inquietação, aos pés do nosso Jesus. Bem sabemos que Êle vê tudo e não nos abandona e, no meio das nossas mágoas, mais uma vez lhe agradecemos o ter-nos escolhido para virmos à frente, abrir o caminho, calcar, para os afastar, os espinhos da senda..."

E foge-lhes o pensamento à Pátria distante, onde a querida Madre Provincial aguarda um telegrama que lhe noticie como chegaram e, ao mesmo tempo, esclareça sôbre o número de Religiosas que pode mandar.

Pobre Madre Maria de Aquino!

Que responderá?

Escasseiam-se os recursos e para expedir o telegrama recorre à caridade do dedicado Padre Castanheira.

Efetivamente, a situação em que se acha surpreende-a dolorosamente. Esperava que o Sr. Arcebispo

as fixasse em Mariana, pois acolhera tão bem o pedido do Sr. Padre Paretto, Superior dos Salesianos que, de Portugal, escrevera a Sua Excelência. Nem sequer dispõe da quantia suficiente para a viagem. Que lhes reserva Sete Lagoas? Expôs filialmente à Superiora as sérias dificuldades em que se achava e pediu-lhe arranjar sòmente dois animais para a volta a Ouro Prêto: — um para as bagagens e outro para as três que se revezariam no caminho. Entretanto, Madre Maria de Assis e Madre "Sainte Foy" tencionavam fazer todo o trajeto a pé, a fim de poupar as fôrças da Madre Maria de Aquino que, só por milagre, não sucumbia a tantos dissabores.

"Deus nos dará fôrças, já que estamos tão pobrezinhas"!

A Superiora, boa e previdente qual terna Mãe, opôs-se absolutamente ao projeto:

— "São Vicente precisa fazer alguma coisa pelas Irmãs! Não se incomodem. Os animais não custarão nada". "E consolou-nos e animou-nos como uma santa — relata a Madre "Sainte Foy".

Nossas Religiosas passaram o recreio da noite no meio da fervorosa e alegre Comunidade. Repousaram bem e, no dia seguinte, às cinco e meia, já se achavam na Capelinha para a Missa. Que confôrto lhes trouxe Jesus-Eucaristia! Vinte dias privadas desta imensa consolação! Como apertamos com amorosa confiança Jesus ao coração, e lhe confiamos nossas mágoas e anelos! "E Jesus, certamente, segredou no íntimo da alma de cada uma: "Come e anda, que ainda te resta um longo caminho a percorrer" (2).

Passou ràpidamente o tempo entre as bondosas Filhas de São Vicente de Paulo. Nossas viajantes têm

(2) Reis, Liv. 3 — XIX, 7.

pressa de chegar a seu destino. Importunam as santas almas do Purgatório para lhes arranjarem a condução e, sobretudo, a carta que o Sr. Arcebispo lhes havia prometido para o Vigário de Sete Lagoas.

São ouvidas favoràvelmente. A incansável Superiora pensou em tudo, olhou por tudo: preparou para as três uma boa merenda e entregou à Madre Maria de Aquino a quantia necessária para as primeiras despesas.

Finalmente, depois das mais afetuosas despedidas de parte a parte, seguem rumo ao desconhecido, por caminhos banhados pela doce claridade da lua.

"Os animais, desta vez, são mais ligeiros, — diz a Madre "Sainte Foy" — e chegamos depressa a Ouro-Prêto".

No dia seguinte, deverão recomeçar o longo trajeto para Sete Lagoas, aonde chegarão às doze horas e meia.

Será o têrmo? Ainda não!

Queridas Religiosas! Como Nosso Senhor deve amá-las para lhes enviar tantas cruzes!

Que dizer da Madre Maria de Aquino?

— Transbordará o cálice de amargura. "E uma espada de dor lhe traspassará a alma!"

IX

O MARTÍRIO DE SETE LAGOAS

"AS PÁGINAS IMORTAIS DA VIDA HUMANA ESCREVEM-SE COM O PRÓPRIO SANGUE!"

Pelos lados de Ouro Prêto, as montanhas de grimpas denticuladas, os caminhos margeados de abismos, o terreno pedregoso, dão à paisagem um aspecto severo.

Madre Maria de Aquino certamente terá descansado os olhos nesse panorama de vigorosa beleza, todo êle um supremo convite ao esfôrço.

Imagem das grandes vidas, da sua própria vida!

Os declives amenos, as planícies floridas jamais conduzirão aos cimos. Por aí transita a turba anônima dos medíocres que ignoram o valor real da existência, tôda um anseio em busca do melhor!

A vereda mais rápida é a da subida íngreme que, na maioria das vêzes, somos obrigadas a escalar com os joelhos em terra!

Na história de Madre Maria de Aquino, Sete Lagoas representa uma avançada cheia do arrôjo — a prova de fogo da sua virtude. E mostra-se sublime no heroísmo.

"Sete Lagoas", sete-dores"!

Aqui deverá sorver a porção mais amarga do seu cálice de dores; aqui lhe pesará mais duramente a Cruz sôbre os ombros; aqui também a sua alma entrará em mais íntimo contacto com o mistério do Cristo Redentor dos homens: — o mistério do sofrimento!

"Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas!"

Deus aceitara a oferta. Os sofrimentos vão cair sôbre sua alma sensível qual impetuosa torrente que

tudo inunda, sem lhe deixar outro refúgio, a não ser a região sempre pacificadora da Vontade de Deus!

Seguirá a Jesus nas lágrimas, como O havia seguido na alegria: — é a prova do verdadeiro amor!

E, manso cordeirinho, inclina-se submissa debaixo dos golpes que a ferem, sem uma queixa, enquanto sua alma, trabalhada pela prova, se desprende da terra para se dilatar e subir, mais e mais, na região do sobrenatural.

"Êste abandono total entre as mãos de Deus em tudo e para tudo, é a mais alta perfeição a que possa chegar uma criatura". (1)

Os três meses de Sete Lagoas foram um prolongado martírio! Madre "Sainte Foy" os resume nesta frase: "Não se descreve o que sofremos".

Sigamos os vários acontecimentos, sem temer entrar nas minúcias que nos evidenciam até que ponto Deus provou as nossas Religiosas e, sobretudo, a querida Superiora, sôbre cujos ombros caía, esmagador, o pêso da responsabilidade.

Madre Maria de Aquino esperava encontrar em Sete Lagoas uma casa que lhe permitisse acomodar-se com suas Religiosas. Em Mariana, o Sr. Arcebispo lhe falara a respeito da casa com boa chácara, que lhes estava reservada. Pois bem, nem sequer visitou a tal residência; tornara-se inabitável. Uma pessoa contagiada de terrível moléstia — a morféia — acabava de ali morrer. E as Religiosas deverão permanecer na residência do dedicado Vigário que, sem dúvida, as acolhe muito paternalmente. Mas a casa é pequenina. Em breve, lá estarão vinte e uma pessoas: — dezessete Religiosas e quatro parentas do Sacerdote. Êste passará a residir noutra parte. Em vão procuram casas para

(1) P. Gailhac.

alugar. Os habitantes da localidade mostram-se indiferentes, atitude determinada, sem dúvida, pela maçonaria e pela política.

E passam-se os dias, sem trazer uma solução plausível ao angustioso problema. São contrariedades sôbre contrariedades...

— E' a bagagem que não chega, vendo-se as Religiosas privadas das coisas mais necessárias; nem sequer trazem o Santo Hábito...

— E' o atraso no recebimento do cheque expedido pela Madre Provincial. E precisam tanto de dinheiro.

— E' esta inação a que se vêem forçadas, quando há tanto que fazer.

"Suplício de Tântalo!" — exclama a ardorosa Madre "Sainte Foy". Depois num humilde desabafo: "Meu Deus, nós merecemos tudo isso, mas fazei-nos trabalhar!"

E' urgente abrir-se um Colégio, não só para atender às famílias, como para cobrir as despesas. Mas como? Não se encontra casa. Tudo fica em promessas que não se realizam nunca. E as circunstâncias já tão difíceis agravam-se ainda mais com a chegada de um novo grupo de Religiosas.

Dada a dificuldade de comunicações, a Madre Eucaristia ignora a penosa situação de suas filhas de além-mar. Por outro lado, zelosa, tem pressa de reunir suas Religiosas no conchego seguro de uma Comunidade.

Um telegrama anuncia a chegada. Madre Maria de Aquino, tão delicada e sensível, sofre agonias, porque vão pesar ainda mais ao Senhor Vigário; êste não quer que lhes falte coisa alguma, mas não poderá agüentar com a despesa.

"Aumenta a família, aumenta a alegria"... mas, em tais circunstâncias, "aumenta a família, aumenta a arrelia".

Madre Maria de Aquino confessou ter-lhe custado imenso comunicar ao Sr. Padre Sanson o conteúdo do telegrama. Mostrou-se Sua Reverência muito calmo: "Deixe-as vir. Retiro-me da casa".

E as viajantes são esperadas.

Um dia... dois dias... e nada. Para o Rio segue um telegrama, pedindo informações.

Que lhes terá acontecido? Mil conjeturas e preocupações.

Chegam, enfim, inesperadamente. Vêm risonhas, apesar do cansaço e dos incidentes do longo trajeto e, na alegria do encontro, tudo esquecem... Abraçam-se, choram comovidas, trocam impressões. Madre Purificação, Madre Santa Face, Irmã Laurentina e Irmã Engrácia têm muito que contar. Estabelece-se animada conversa. Primeiramente, notícias da Pátria, dos entes queridos. Depois, a viagem com todos os pormenores. E começam logo por dizer que ninguém as esperava no cais. O Sr. Padre Castanheira não fôra avisado a tempo. Valeu-lhe um Senhor português com quem haviam viajado. Narram circunstanciadamente a amável hospitalidade das Irmãs de São Vicente de Paulo, em Botafogo, entre as quais ficaram por oito dias. Quão alegres os recreios no meio da numerosa Comunidade: mais de cem Irmãs — verdadeiro exército em repouso. E Madre Purificação toma a palavra para narrar o ato heróico a que a obrigara a amável Superiora:

"Passava pela rua um rapazito a apregoar notícias de Portugal. A Superiora mandou comprar o

jornal, chamou-me para junto de si, pedindo-me ler em voz alta:

— "Os acontecimentos interessam a tôdas, não é verdade?" "Abafei o meu embaraço, tomei dignamente o lugar que me era oferecido e principiei com voz firme a minha leitura, enquanto aquela multidão me ouvia em profundo silêncio".

Edificante Comunidade!

Não se esquecem das delicadezas do Sr. Padre Castanheira que lhes pagou o excedente do bilhete, a fim de que pudessem vir de primeira classe. O bom Sacerdote fizera-lhes tôdas as despesas da bagagem... Enfim, nada lhes faltou! Graças a Deus! E Madre "Sainte Foy" exclama: "Caridade por tôda parte! Sem isso, que seria das nossas pobres Irmãzinhas!"

As horas escoam-se rápidas. Mais um dia que se passa... Se trouxera alegrias, aumentava as apreensões da pobre Madre Maria de Aquino! Onde alojar as Religiosas? Não há esperanças de se arranjar uma casa e já estão a 8 de abril. Tôdas as tentaitvas têm permanecido infrutíferas.

O Sr. Padre Menezes aconselhara a Madre Maria de Aquino abrir casas no Rio ou São Paulo. Preparava-se a boa Mãe para uma viagem ao Rio, a fim de decidir a questão, quando um telegrama de Mariana põe tudo em alvoroço; — a Superiora das Irmãs de São Vicente comunica a chegada de mais dez Religiosas.

"Aumenta a família, aumenta a arrelia"... Madre Maria de Aquino telegrafa à bondosa Superiora, pedindo-lhe guardar por mais uns três ou quatro dias as Religiosas. Precisa ajeitar melhor as coisas: ver camas, colchões, tudo o que é de primeira necessidade, providenciar sôbre a casa para acomodá-las. Mas o

telegrama não chega! E advinham-se as conseqüências.

O dia 13 de abril — Quinta-feira Santa — marca a chegada das "dez" que pôs a casa no mais intenso reboliço. (2)

Afligem-se as Religiosas, chora a Madre Maria de Aquino e chora também o pobre Vigário. Mas nem tudo é tragégia. Vamos abrir um parêntese e seguir êsses acontecimentos que têm o seu lado cômico, não destituído de interêsse.

Em primeiro lugar, para não variar de estribilho, ouvimos logo: "Ninguém nos esperava no cais".

— E que fizeram então?

— Ai! Não é para rir! Fomos alvo de olhares interrogadores. Tantas senhoras de prêto e depois a quantidade de embrulhos...

Da turma dos curiosos, um se atreveu a gritar: "Viva o Afonso Costa! Viva o Afonso Costa!" Mas não passou disto!

A Madre Evangelista, logo ao desembarcar, dirigiu-se para a abadia de "São Bento", a fim de lá deixar uma futura postulante do Mosteiro Santa Maria. Recebera tal incumbência em Pernambuco.

Acolheu-a a hospitalidade beneditina que abraça a todos "na caridade de Cristo". E, verdadeiro filho de São Bento, o abade Crisóstomo impôs à Madre Evangelista a ordem de trazer para o Mosteiro as nove demais Irmãs. Lá almoçaram e jantaram, servidas por um Sacerdote português. A generosidade do amável Superior foi mais além: mandou preparar merenda para

---

(2) Madre Evangelista, Madre Vitima, Irmã Rita, Irmã Albina, Irmã Adelina, Irmã Eduarda, Irmã Efigênia, Irmã Judith Irmã Amália, Irmã Catarina.

as dez Religiosas, pagou-lhes o excesso nos bilhetes a fim de que pudessem viajar de primeira classe, deu cartas de recomendação para o Sr. Vigário de Ouro Prêto. E até a bagagem seria despachada gratuitamente. Dela se encarregou o irmão de duas Religiosas.

Em Mariana, assustaram o Sr. Arcebispo que levou as mãos à cabeça, lastimando o pobre Vigário de Sete Lagoas. Onde colocaria êle tanta gente? Além disso, haviam feito o trajeto inútil de Ouro Prêto a Mariana e já não podiam voltar por ser muito tarde. O Sr. Arcebispo recorreu, ainda uma vez, à caridade das bondosas Vicentinas:

— Jacinta, vá ali às Irmãs e pergunte-lhes se podem dar um repousozinho por esta noite às Religiosas que chegaram ?

Minutos depois, D. Jacinta trazia a resposta:

— As Irmãs mandam dizer que estão às ordens. Pode mandar quantas pessoas quiser !

— Graças a Deus ! Sempre às minhas ordens ! O acolhimento foi dos mais amáveis!

"As Irmãs cumularam-nos de finezas tais, que nunca mais poderei esquecer em minha vida!" — afirma uma das Religiosas.

Agruparam-se em tôrno de nós, fizeram-nos tamanha festa, que nos sentimos comovidas! As Religiosas francesas, já antigas, também longe da Pátria, muito nos animaram.

No recreio, Monsenhor Horta, de santa memória, là nos fêz agradável companhia e muito nos impressionou a sua fisionomia calma e bondosa, "reflexo de uma alma sempre voltada para o céu e para as coisas divinas"!

No dia seguinte, retomaram o caminho de Ouro Prêto e a viagem de volta foi igualmente acidentada.

Madre Vítima por duas vêzes caiu do cavalo. Na segunda vez, o animal, assustado com o apito do trem, arrastou-a pelo chão, deixando a inexperiente cavaleira bastante ferida. Irmã Rita não conseguiu montar e fêz tôda a caminhada a pé, acompanhada da Irmã Catarina, e a ambas custou bastante o esporte forçado.

Uma vez no trem, acomodaram-se como puderam, alentado-as a esperança de que, em breve, estariam em Sete-Lagoas.

Uma das Irmãs em vão tenta contemplar a paisagem fresca e bonita... Mas os olhos recusam abrir-se. Tudo lhe gira em tôrno. E vai fazendo os cálculos: "Felizmente que estamos no fim da viagem e vamos ter um bom almôço". Que decepção a esperava!

Às três horas, desceram na estação. E até ao fim, algo de extraordinário: Madre Evangelista não podia caminhar. Mandou pedir uma condução. Muito a contragosto, Madre Maria de Aquino enviou-lhe a seguinte resposta: "Venha como puder". Onde arranjar carro, se não havia? E as pernas doentes foram obrigadas ao longo trajeto da estação à casa do Sr. Vigário. A única condução encontrada foram os caridosos braços de duas Irmãs.

Mas não nos esqueçamos de que são três horas e de que as nossas recém-vindas estão sem almôço.

Em casa, não há coisa alguma. Felizmente, o "bôlo-rei" que uma das Irmãs trouxera de Portugal — contava nada menos de um mês — veio salvar a situação. Madre Maria de Aquino partiu-o, distribuiu as delgadas fatias pelas filhas que comeram bem, sem reparar-lhe a idade... Como lhes sabia deliciosamente... E' bem acertado o velho rifão: "A fome é o melhor tempêro".

Estão agora dezessete Religiosas na exígua moradia. Têm a seu dispor dois quartos bem pequenos; a

sala de jantar é comum às Irmãs e à família do Vigário, bem como a sala de visitas. Nesta é que se dão algumas lições. Mas é preciso notar que as sobrinhas do Padre Sanson eram muito visitadas, por ser bem numerosa a colônia italiana.

À noite, as Religiosas espalhavam pela sala de visitas e corredor os colchões que elas mesmas haviam confeccionado, enchendo de palha uns sacos que conseguiram arranjar. Algumas se alojavam num barracão coberto de palha e bambu, não abrigadas contra o ataque noturno de indiscretos animaizinhos. De manhã, empilhavam-se os colchões, a fim de deixar livres o corredor e a sala de visitas.

Uma das Religiosas adoeceu com temperatura altíssima. Novas preocupações! Seria a febre amarela? Seria a conseqüência da aglomeração num ambiente tão acanhado? Madre Maria de Aquino nada poupou para sua doentinha; cedeu-lhe o sofá em que dormia — ainda êsse bem incômodo — e arranjou-se como pôde. Logo que Madre Vítima se restabeleceu, outra Irmã, caiu doente com a mesma febre inquietadora. Quantas angústias para a boa Superiora, ao ver as filhas em tamanhas privações. A alimentação era por demais escassa. Aumentaram as pessoas, mas a quantidade de alimento continuava a mesma; não sofreu acréscimo, apesar de não serem já três, mas dezessete.

As que tomavam parte na primeira refeição arranjavam-se mais ou menos; as da segunda, porém, levantavam-se da mesa, quase "sem quebrar o jejum".

Madre Maria de Aquino bem o percebia e perguntava desconsolada à Irmã que ajudava no serviço:

— Irmã, tiveram alguma coisa para comer?

E a Irmãzinha, para não a afligir ainda mais:

— Tivemos, sim, Minha Madre, tivemos...

Se os estômagos falassem, não responderiam a mesma coisa.

O caso merece uma explicação. O Sr. Vigário, cuja dedicação pelas Religiosas ia até ao extremo, não queria que nada lhes faltasse e encarregou-se êle mesmo das despesas da alimentação. Suas sobrinhas, ainda inexperientes, é que dirigiam o serviço. Dadas tais circunstâncias, Madre Maria de Aquino não ousava reclamar coisa alguma. Só no fim, quando já estavam para deixar Sete Lagoas, é que Madre Maria de Aquino propôs ao Sr. Padre Sanson fazer ela mesma a despesa — o que foi aceito — passando então a dirigir a cozinha duas Irmãs versadas no assunto. Mas até que isso acontecesse, o jejum prolongado ia produzindo seus efeitos. Fazia pena ver aquela Religiosa de compleição tão débil, estirada na cadeira, sem fôrças nem para se locomover... Morria de fraqueza. A Irmã que ajudava na cozinha moveu-se à compaixão. Abriu a gaveta e de lá tirou minúsculo pedacinho de queijo para a pobre desfalecida.

— Que pena tive eu! Mas não podia tirar mais... não era nosso.

Bendita pobreza! Santa pobreza!

Certa Irmã, ao fazer a Via-Sacra, agarrava-se bem aos bancos para não cair. Uma outra guardava cuidadosamente um bocadinho de pão para a hora em que a fome se tornasse intolerável, porém, ao ver a companheira mais "fraquita" do que ela, cedeu-lhe o magro pedaço, num gesto tão bonito de caridade fraterna.

As laranjas do quintal é que vinham em socorro das pobrezinhas do Senhor; todavia, logo que descobriram que tais frutas abriam o apetite, algumas as recusavam como uma tentação... Não tinham necessidade de aperitivo.

Confrangia-se o coração da bonissima Superiora, ao ver suas filhas tão pálidas, abatidas. Certo dia,

distribuiu uma colher de fortificante a cada uma e começou a chorar qual uma criança...

Em Portugal, a família de uma dessas Religiosas encantava-se com o "apetite devorador" da filha. E' que os pais ignoravam que a filhinha querida, sempre enfastiada, agora pouco tinha que comer.

Não pode ser esquecida a oração da Madre Vítima. À noite, no seu pequenino dormitório improvisado, começava em voz alta e pausadamente:

"São Tomás de Vilanova,
Fostes Bispo e Arcebispo,

Dai-nos pão pelas chagas de "Nosso Senhor Jesus-Cristo"!...

Padre Nosso... Ave Maria... *Gloria Patri.*

E tôdas seguiam a oração tão apropriada às circunstâncias e recitada em tamanho fervor.

Santa simplicidade! Saudosa Madre Vítima! Branca Pombinha de Jesus! Alma de lírio, tão ciosamente preservada do contágio do mundo por Aquêle que a ocultou no segrêdo do Seu Coração!

E' importante frisar a alegria e expansão das Religiosas no meio de tanta penúria. Isto prova o bom espírito de tôdas, o que aliviava sobremaneira a cruz da querida Superiora.

Verdadeiras discípulas do Deus-Pobre que não teve onde repousar a cabeça, não ousavam queixar-se... "Estamos mal acomodadas, é certo, mas a Gruta de Belém era ainda mais pobrezinha . E consolavam-se e animavam-se mùtuamente.

Tal atitude em face da pobreza determina-a o Santo Fundador que pede a suas filhas a perfeição do espírito desta virtude, proibindo queixas e murmúrios, mandando-as alegrar-se no seio da pobreza, "por terem

mais merecimentos e ocasiões de agradar a Nosso Senhor Jesus Cristo". (3)

Assim procederam as nossas Religiosas. E até hoje, quando questionadas a respeito de Sete Lagoas, respondem invariàvelmente: "Sofremos, sofremos, mas estávamos sempre contentes".

E os olhos se lhes marejam de lágrimas.

(3) Constituições, Regra 56.

X

SETE LAGOAS

Os últimos acontecimentos e a partida

"O MUNDO DAS ALMAS SERÁ SEMPRE
A HERANÇA DOS CRUCIFICADOS"

Madre Maria de Aquino havia conhecido claramente não ser da vontade de Deus a fundação de Sete Lagoas.

A verdadeira causa da sua enérgica decisão não a quis revelar a boa Mãe. O que sabemos é que não foram sòmente as privações materiais que a determinaram a partir. Empreendeu diversas viagens, a fim de se orientar sôbre o novo campo de apostolado aonde Deus chamava suas filhas.

E, inteirada da Vontade de Deus, iria cumpri-la, embora à custa dos maiores sofrimentos. "Deixar-me-ei pôr em pedaços, antes que transigir... quando conheço que a transigência vai de encontro com a vontade de Deus".

E, até que o Padre Sanson se resignasse com a determinação da Madre Maria de Aquino, passaram tôdas por momentos bem penosos.

O Sr. Vigário, embora muito dedicado pelas Irmãs, não compreendia as exigências da Santa Regra e queria estabelecer inovações inaceitáveis.

Sobretudo, não podia conformar-se com a retirada das Religiosas, justamente no momento em que as coisas, a seu modo de ver, estavam tão bem encaminhadas... Organizara-se uma comissão para efetuar a compra da Casa; e eram todos homens de palavra. Já havia escrito ao Vigário de Itapecirica que acolhera com entusiasmo o projeto de uma fundação em sua terra. Além de Itapecirica e Sete Lagoas, ainda Ubá, Ouro Prêto, Cataguazes... As Religiosas estavam destinadas pelo Sr. Arcebispo para os Hospitais de algumas dessas cidades.

E, sem consultar a Madre Maria de Aquino, que se achava ausente, o zeloso Padre Sanson ia dirigindo os acontecimentos, certo de que teriam o mais feliz epílogo. "O Sr. Arcebispo recorrerá à Santa Sé, se preciso, para que as Irmãs se encarreguem dos hospitais. Sua Excelência manda e isto basta para que partam, incontinenti".

E não compreendia porque deviam as Religiosas opor-se a seus projetos, quando, ao contrário, deveriam alegrar-se por serem tão procuradas. Não compreendia ainda porque tinham necessidade de recorrer à Superiora Local e esta à Provincial. E as Religiosas aflitas explicavam-se do melhor modo, mas o Vigário não atendia às objeções. Mais contrariado ficou com a carta da Madre Maria de Aquino que chamava um primeiro grupo para Vila Isabel, onde já havia alugado uma casa. Opôs resistência à partida das Irmãs, mas por fim teve de ceder, ante a firmeza da Madre Maria de Aquino "que não viria para Sete Lagoas enquanto não chegassem ao Rio as Religiosas que havia designado".

Entretanto, ainda um acontecimento indisporia os ânimos, e não pela última vez. O Vigário de Itapecirica esperava as Religiosas prometidas; já havia dado ordens para que se fizessem tôdas as despesas da viagem, bagagem etc., e o povo preparava-se para recebê-las festivamente.

— Mas, Senhor Vigário, a Madre Superiora certamente não aceitará esta fundação, por causa do Hospital. Não somos hospitaleiras.

— O Arcebispo dirigir-se-á à Santa Sé. Não sabem as Irmãs que o Núncio do Brasil tem todos os poderes para modificar Estatutos e Regras? A Santa se governa mais do que as primeiras Superioras!

As Religiosas estreolhavam-se aflitas: "Meu Deus, que tudo se decida com harmonia e sem magoar êsse

pobre Vigário a quem tanto devemos, a quem justamente prezamos e que tanto tem sofrido por nós."

D. Silvério, em carta de 12 de abril, assim se dirigira ao Vigário de Ubá:

Queridíssimo Monsenhor Paiva:

Chegaram-me da Europa algumas Religiosas, vítimas da sanha do govêrno português. Não tendo onde colocá-las atualmente, e sabendo dos empenhos de V.R. por um colégio para meninas nessa católica cidade, pergunto se as quer aí. Consulte os homens de valor, seus amigos e, no caso afirmativo, mande dinheiro para a viagem às pobres filhas de Nosso Senhor, que, em Sete Lagoas, estão à míngua do necessário.

Silvério, Arcebispo de Mariana.

Alegrou-se sobremaneira Monsenhor Paiva Campos. "Satisfeitíssimo, por estar como que a ouvir a voz de Deus pela bôca do Santo Velhinho, no mesmo dia, dirigiu a S. Excia. Revma. o seguinte telegrama:

"Aceito Religiosas, presente Céu. Remeti necessário Sete Lagoas. Segue carta V. Excia."

Quando Madre Maria de Aquino regressou do Rio, esperavam-na três cartas — uma de Monsenhor Paiva acompanhada da respectiva importância para a viagem. Dados os parcos recursos de que dispunha, aproveitou a oferta do bondoso Vigário e, acompanhada da Madre Maria de Assis, partiu em rápida visita à cidadezinha mineira. Chegaram a 13 de maio.

Colhamos no "Diário" as impressões da viagem:

"A Madre Superiora voltou encantada com a devoção do povo ubaense à Santíssima Virgem, cujas glórias celebram com todo esplendor e entusiasmo. Os exercícios do mês de Maria são acompanhados de música e

cânticos. Um grupo de meninas vestidas de branco fazem a Guarda de Honra à Rainha das Virgens. Cada dia destaca-se no grupo uma menina para coroar a Imagem e assim se clausura a solenidade. A gente é muito boa e aflui em grande número aos exercícios do culto; quase nem se pode penetrar na Igreja e, a custo, se atravessa o adro". Depois conclui: "Várias autoridades foram visitar logo as Religiosas e tôdas as atenções lhes foram dispensadas".

Tudo prenunciava êxito e até a inauguração já estava fixada para 23 de junho, como de fato se realizou. Logo depois, a Madre Maria de Aquino escrevia ao Sr. Arcebispo, comunicando-lhe a determinação que havia tomado de retirar-se de Sete Lagoas, por causa da situação em nada fovarável, e igualmente por não dispor senão de cinco Religiosas para o ensino, número apenas suficiente para as casas que já tinha em vista.

D. Silvério achava-se então fora de Mariana, em visita pastoral, e a resposta de S. Excia., trouxe-a o próprio Padre Sanson que transmitiu as ordens formais do Sr. Arcebispo:

"Madre Maria de Aquino deverá distribuir *já* — notemos a fôrça do advérbio — as Religiosas por Sete Lagoas, Ubá, Itapecirica e Cataguazes. Em Vila Isabel se pensará depois".

"Se não fizer assim, S. Excia. ficará descontentíssimo e não aprovará nenhuma resolução que impeça estas instalações, pois ambos o Sr. Arcebispo e a Madre Maria de Aquino haviam assumido graves compromissos relativamente às citadas fundações. Estas deviam, pois, realizar-se!"

Aborrecia-se sobremaneira o Vigário por Madre Maria de Aquino opor-se à disseminação das Irmãs, segundo as ordens recebidas e, num tom severo, afirmava

não chegar a compreender uma Religiosa desobediente ao seu Prelado.

Que golpe sensível para a Madre Maria de Aquino, sempre tão humilde e respeitosa para com os Superiores!

Entretanto o Coração de Jesus iria, enfim, solucionar o angustioso problema, pois no primeiro dia de seu bendito mês, logo pela manhã, Madre Maria de Aquino dizia à sua Comunidade que não conseguira dormir tôda a noite... "Estava tão preocupada! Pensei tanto! Levantei-me e comuniquei a Madre Maria de Assis o que havia resolvido". O resultado é que começou desde cedo a ver as malas e a determinar o que se destinava a Ubá ou Vila Isabel. Enfim, disse que iria empreender outra viagem e que havia prometido a Nosso Senhor, se tudo corresse bem, fazerem tôdas o sacrifício do "Benedicamus" por um ano, mesmo no dia de Natal... E tôdas concordaram generosamente...

"Se me demorar, não se aflijam; é bom sinal; quer dizer que tôdas sairão de Sete-Lagoas". Não disse para onde ia e fêz-se acompanhar da Madre Santa Face.

Deixou um bilhete ao Sr. Vigário, pedindo-lhe não se ocupar mais da compra da casa para o Colégio, visto ter arranjado outras funções.

Madre Maria de Assis e Madre "Sainte Foy" foram encarregadas do melindroso ofício da entrega do bilhete e de avisar o côro da partida da organista, Madre Santa Face, que acompanhava a "Novena do Divino". E, como sempre, um contratempo! À noite, quando já se achavam todos na Igreja, para iniciar a Novena, não se encontrava a chave do órgão. Imagine-se a aflição das Religiosas! Levaram para o côro tôdas as espécies de chave e nenhuma serviu. Por fim, tiveram que arrombar o órgão.

"Que triste figura fazemos, exclama a Madre "Sainte Foy" "Fiat"! Jesus, Jesus, valei-nos !"

O Sr. Padre Sanson continuava aborrecido. Não ocultava o descontentamento do Sr. Arcebispo. "Não é para admirar que S. Excia. dissolva a Comunidade. Um outro Bispo do Brasil procedeu assim para com uma Congregação que lhe desobedeceu..."

E em que situação, dizia, êle mesmo se achava... Havia assumido compromisso com homens de palavra, a respeito da casa e, agora, desfazer tudo, depois de tanto trabalho, bem se via não ser muito agradável... E concluía: "A comissão certamente não desistirá..."

Penosa conjuntura...

As Irmãs iam recebendo ordem de partir em pequenos grupos para Vila Isabel...

Madre Maria de Assis e Madre "Sainte Foy" ainda intercederam em favor de Sete Lagoas. Custava-lhes deixar o primeiro campo do seu árduo apostolado, onde havia tanto bem a fazer...

Mas não era da Vontade de Deus...

Partiram tôdas... Ao ver que não lhe ficava nem uma das operárias por quem se havia tanto sacrificado e sôbre as quais fundava tantas esperanças, o santo Vigário chorou desconsoladamente.

Sofria o Sr. Padre Sanson, sofriam as filhas do Padre Gailhac.

De ambos os lados, para aquêle e para estas, o abalo forte, no desmoronar de ardentes aspirações, de afagadas esperanças cuja meta era Deus! só Deus!

Não foi, entretanto, estéril a rápida passagem das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie" por Sete Lagoas, onde viveram dias atribulados... A semente do sacrifício germina infalìvelmente no solo que a oração fertiliza...

O mundo das almas será sempre a herança dos crucificados...

Encarregadas de ensinar a Doutrina, desempenharam as Irmãs, com ardor, a sua missão, preparando várias crianças que, no lindo dia de Páscoa, pela primeira vez se aproximaram da Mesa Eucarística.

Atear o fogo do Amor num só coração, que felicidade, meu Deus!

Organizavam-se belas procissões. O Sr. Vigário não dispensava a cooperação das Irmãs para manter a ordem junto do pessoalzinho miúdo que serviria de exemplo aos maiores.

Procuremos ouvir Madre "Sainte Foy", no seu "Diário", onde regista, com felicidade, os progressos que vai notando :

"Durante a procissão, as crianças mostraram-se mais atentas e respeitosas. O fato é que elas são boas e se acham bem junto de nós". "Ah! que pena termos de deixar esta gente simples que seria tão fácil de levar a Jesus para servi-LO e amá-LO!"

Por sua vez, dizia o Vigário, radiante: "Em poucos anos as Irmãs terão transformado êste povo..."

* * *

Era a sementinha que germinava.

Deus proporcionou a suas operárias, já prestes a abandonar o campo da primeira semeada, a consolação de ver frutificar os seus esforços: alegria do sesmeiro que surpreende o rebentozinho verde na terra que seus suores regaram...

"Semearam nas lágrimas... outros iriam colhêr em hosanas e aleluias..."

Mas que importa? O verdadeiro Apóstolo desconhece as estreitezas do egoísmo:

A mim, o esfôrço generoso e sincero!

A Êle, o êxito e a glória!

* * *

O apitozinho do trem que, havia pouco, indicara a chegada, hoje, anuncia a partida... e, entre o início e o fim, apenas três meses, — três meses que valem anos — prólogo e epílogo de uma história cujas páginas palpitantes contêm talvez os episódios mais patéticos da vida do "Sacré-Coeur de Marie" no Brasil.

* * *

Morreu o venerando Vigário... Madre Maria de Aquino também já deixou a terra...

E agora, no Céu, na mansão da *Paz* e do *Gôzo* sem fim, ambos compreendem, à clara luz da *Eterna Verdade*, o porque dos misteriosos decretos divinos...

Ao Amém doloroso do exílio, sucede-se, por tôda a *Eternidade*, o Amém do júbilo, na verdadeira Pátria, onde bendizem as disposições da sempre amável Providência...

"Omnia cooperantur in bonum". (1)

(1) Rom. VIII, 28.

XI

O PEQUENO BERÇO DAS FUNDAÇÕES BRASILEIRAS

"A CIDADE DE UBÁ É A CIDADE
DO CORAÇÃO DE MARIA!"

Passaram-se os tormentosos dias de Sete Lagoas.

Vencera, enfim, a doçura firme de Madre Maria de Aquino que guardava intacto o depósito precioso da Santa Regra. Uma alma menos corajosa e menos amante do seu Deus teria desistido ante tantas dificuldades e o "Sacré-Coeur de Marie", no Brasil, não passaria além da malograda tentativa de Sete Lagoas... Madre Maria de Aquino, porém, animada do verdadeiro espírito do Senhor que atua com fôrça e suavidade, continuará calcando os espinhos, mas subindo sempre o seu Calvário de dores.

Poderá gemer a natureza, sob tão rudes golpes, a resistência moral tornar-se-á, entretanto, mais intensa ainda: "Deus o quer"! e isto basta para afugentar qualquer sombra de desânimo.

É que em Madre Maria de Aquino o querer era verdadeiramente "querer", e não simples veleidade. "Alma de Rochedo" inabalàvelmente prêsa à Vontade de Deus!

"Felizes as almas que sabem querer!

Deus pode contar com elas!"

Vila Isabel e Ubá vão constituir a nova esfera das atividades das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie", o mar piscoso que o Senhor lhes indica, animando-as como a seus queridos Apóstolos:

"Duc in altum!"

Fazei-vos ao largo! Lançai as rêdes, no amplo gesto da generosidade e do fervor; a pesca será abundante.

E, se uma lufada mais forte encrespar as ondas, olhos ao Alto, fitai a Estrêla :

"Tudo para Jesus por Maria"!

No Brasil imenso, o Coração de Maria escolheu uma pequenina cidade da legendária Minas, para aí instalar o primeiro núcleo de suas filhas que retomariam, com acrescido zêlo, a vida de dedicação iniciada na Pátria Lusa. Qual o motivo da predileção da Mãe do Céu pelo humilde recanto? Sem dúvida, o fervor dos desejos...

Séculos antes, um Santo aventureiro de eternas conquistas, apaixonado pelo ouro que os "Ladrões não roubam", pisara aquêle solo ainda inculto: a extensa floresta virgem fêz palpitar o coração do indômito "Caçador de Almas"...

O gemido imenso que o vento arrancava ao matagal cerrado figurava-se-lhe a queixa das almas sedentas da luz do Evangelho de Cristo!

Atraía-o, certamente, a beleza nativa do lugar: os Santos lêem tão bem no grande livro do universo... impelia-o, acima de tudo, o fogo que devorava Xavier: — o amor às almas.

E eis o Padre Manuel de Jesus Maria tomando a si a penosa tarefa de desbravar a região impenetrável, a fim de transformá-la numa farta messe para os celeiros eternos.

E levou avante a arrojada emprêsa...

Fertilizado pelos sacrifícios do incansável Missionário, o solo foi produzindo cem por um: a floresta virgem de ontem transformava-se numa florescente cidade que até hoje conserva a fé tradicional de seus pósteros.

Era também notável o desenvolvimento cultural da pequenina cidade que constituía, no momento em que a vamos surpreender, um dos centros intelectuais mais notáveis da Zona da Mata.

Preocupavam-se as famílias com a educação dos seus filhos e os problemas educacionais eram estudados à luz da verdadeira orientação pedagógica que se fundamenta na sólida moral do Cristianismo.

Era urgente, sobretudo, um Colégio para a juventude feminina. Duas tentativas haviam sido feitas nesse sentido, em 1904 e 1905, sem se chegar a um resultado satisfatório.

Mas eis surge, enfim, a hora da Providência!

A fundação do "Sacré-Coeur de Marie" em Ubá vinha, pois, realizar as mais ardentes aspirações das famílias ubaenses que acolheram as dignas Educadoras como Enviadas do Alto para o bem da sua terra.

É um período novo que toma início sob a égide do Coração Sagrado de Maria!

---

22 de junho de 1911.

Ninguém na cidade e circunvizinhanças que ignorasse o faustoso acontecimento.

Com antecedência mandara o Vigário, Monsenhor de Paiva Campos, distribuir folhetos, aos milhares, convidando todos para comparecerem à estação, a fim de homenagear as recém-vindas e assistir à instalação do novo Colégio.

A pedido do Dr. Levindo Coelho, no salão do Cinema Mineiro, foi feita uma belíssima conferência pelo eminente católico e consagrado escritor Dr. Lúcio dos Santos, o qual discorreu "sôbre as grandes obras sociais

das Congregações religiosas, congratulando-se com o povo ubàense pelo presente do Céu que ia receber, com a aquisição dêsse elemento de progresso intelectual, moral e espiritual, que era a plêiade das virtuosas Irmãs do Sagrado Coração de Maria".

A multidão acorreu numerosa. Mais de duas mil pessoas... Uma hora antes da chegada do trem, já começava a movimentar-se o majestoso préstito, rumo à estação, achando-se presente a elite ubaense e distintas corporações. Esperavam com ansiedade!

E chegaram exatas: às quatro e meia desciam, na estação da acolhedora cidade, Madre Maria de Aquino, Madre Maria de Assis, Madre "Sainte Foy", Madre S. Leão e Irmã Elisa.

Ecoaram vivas calorosos, enquanto a banda "Coração de Jesus" executava vibrantes peças musicais.

Jornais da época, carinhosamente conservados, nos informam, com pormenores, das grandiosas ocorrências.

O entusiasmo culminava... "Todos queriam certificar-se de que verdadeiramente Deus se havia lembrado do seu povo, gratificando-o com jóias de tão subido valor".

Na estação, foram as Religiosas saudadas pelo DD. Presidente da Câmara Municipal, Dr. Carlos Peixoto de Mello, em belíssimo e comovido discurso de boas-vindas.

Por quatro vêzes ainda, a alma do bom povo ubaense iria vibrar através das palavras de consagrados oradores, enquanto o numeroso cortejo se deslocava lentamente pelas ruas da cidade.

E chegaram à Igreja Matriz, lindamente ornamentada e rica de luzes. No limiar da porta, uma chuva de flores caiu sôbre as recém-vindas, num gesto tão gra-

cioso quão delicado: — símbolo das graças do Céu... — Entoou-se o solene "Te Deum", seguindo-se a bênção do Santíssimo, pelo Revmo. Sr. Pe. Lourenço Musacchio, auxiliado pelo Revmo. Sr. Pe. Eduardo Caputo, então Vigário de S. Geraldo.

O dia seguinte — festa do Coração de Jesus — fôra propositadamente escolhido por Monsenhor Paiva e Dr. Levindo Coelho para a solene inauguração do Colégio. Dr. Levindo Coelho dizia: "O Coração de Jesus é quem nos traz o Coração de Maria!"

Três Missas — às 7, às 8 e a terceira, solene, às 11 horas — chamavam as bênçãos de Deus sôbre a nova fundação.

À tarde, concorrida procissão, à qual compareceram as Religiosas, encaminhando-se, após, a compacta multidão de duas mil pessoas para o local do futuro Colégio, ao som de festivos hinos. Ao lado das Religiosas, seguiam os Exmos Srs. Dr. Carlos Peixoto de Mello, Presidente da Câmara Municipal, e Dr. Arthur Rodrigues, o Paraninfo.

A cerimônia foi presidida por Monsenhor Paiva Campos, fazendo parte da mesa Dr. José Januário Carneiro, Dr. Levindo Coelho, Dr. Arduino Bolivar que se mostraram sempre grandes e dedicados amigos do Colégio.

Iniciada a sessão inaugural, falou o Exmo. Sr. Paraninfo, Dr. Arthur Rodrigues, e, pelas citações que se seguem, podemos ajuizar acêrca do seu lapidar discurso:

"Ora, constituímos, de fato, uma nação católica.

.....

Já nem era necessário que eu vo-lo dissesse, Irmãs, que o vistes na espontânea, carinhosa e exuberante acolhida popular com que ontem tivemos a ventura de es-

trelar e perfumar a vossa auspiciosa entrada nesta pequena terra de Deus. Somos uma nação de católicos, servida pela crença tradicional dos nossos maiores, os antigos portuguêses de fé viva e ardente patriotismo, que, "por mares nunca dantes navegados", se atiraram à conquista de novos mundos, "as terras viciosas da África e da Ásia andaram devastando" e "foram dilatando a Fé e o império". Temos no sangue, temperado ao sol dos trópicos, um tanto de energias vitais dos portuguêses de lei, cujos feitos ilustraram páginas imorredouras da história humana e que mostraram, mais alto que ninguém, arrôjo na ação, firmeza na fé. Irmãs, viestes a um povo em crise de crescimento — para a vida e para a luta — possuidor de um patrimônio farto e invejável de glórias de família e, certamente, futuro instrumento nas mãos de Deus para outras ações dignas de memória. Saímos da meninice apenas. Cumpre que se nos eduque e prepare o caráter nacional, bem formando o individual de cada um, para que sejamos, um dia, o povo progressista, útil, forte e moralmente sadio que convém aos nossos destinos. Mas, educar o povo é cuidar da educação do homem. Educar o homem é cuidar da educação da menina, futura mãe de família. Fazei da mulher um tipo de perfeição moral; incuti-lhe no espírito a moderação e a paciência; ensinai-lhe a submissão e a meiguice sem prejuízo das energias com que o dever se abroquela; fazei-lhe nascer e viçar as virtudes femininas que, na mulher, se desenvolvem com o vigor do trigo brotado no solo fértil; modelai-a para o lar, singela, despretensiosa, devota, solícita, equilibrada e justa e tereis assegurado a beleza moral das gerações futuras, a saúde espiritual dos que nos hão de suceder na arena do mundo. A influência da mulher na educação da prole é decisiva e sem contrastes. Sôbre os seus frágeis ombros descansa o futuro das raças. Da sua moralidade e espírito nasce a moralidade dos filhos, como o efeito pro-

vêm necessàriamente da causa. A solicitude materna, o exemplo de todo mundo oferecido às almas em flor das crianças no recesso das casas felizes, eis aí os fatôres cardeais da integridade moral, a origem dessas vidas obscuras e santas, votadas inteiramente ao culto das virtudes, à prática do bem, ao exercício das ações desinteressadas. Quem teve mãe carinhosa embalando o seu berço e dirigindo os passos vacilantes e acompanhando a infância, sempre ao seu lado, acudindo a tempo com o beijo ou a repreensão, exatos, oportunos e justos — sobretudo justos, — há de ser digno de seu Criador; há de honrar o seu tempo, há de ilustrar o seu país.

.....

"Viestes, Irmãs do Sagrado Coração de Maria, viestes na hora providencial em que, emancipados do vínculo do poder humano, na expressão feliz de Ruy Barbosa, a consciência, os interêsses e os esforços católicos se coligam para imprimirem à direção do povo um cunho nìtidamente religioso, sob a influência da moral cristã. Aqui, tê-lo-eis verificado em breve, acentua-se um movimento verdadeiramente promissor de resultados opimos. Já temos um núcleo dêstes numerosos paladinos da ação social católica, incansáveis na propaganda, despertando pelo exemplo, pela palavra, pela incitação carinhosa, a consciência dormente dos Católicos, que se abandonavam à inércia religiosa. Já temos prósperas associações de Damas do Sagrado Coração de Jesus, praticando as obras de misericórdia com a modéstia do Evangelho. Já temos Conferência florescentes de São Vicente de Paulo, que espalham a mancheias, na sombra, num sigilo tão carinhoso como a própria caridade que exercem, esmolas e conselhos, que vão levar aos tugúrios dos miseráveis um raio de sol e um sorriso da graça divina. O movimento cresce dia por dia. Dia por

dia o Pescador estende as suas rêdes mais longe, mais largo, no piscoso oceano popular remansado e tranqüilo. Eis porque se justifica a frase, honrosa como uma venera, com que o Sr. Arcebispo D. Silvério, nosso amado e santo Pastor, condecorou esta população, em uma de suas frutuosas visitas pastorais, conforme ainda ontem, na praça pública e em frente à massa popular, recordava um dos ilustres oradores que vos saudaram: — Ubá é a Sião da Mata! Ama verdadeiramente o nosso prelado, ama a esta terra com entranhas de pai extremoso! O presente que nos fêz, para aqui vos encaminhando, designando esta cidade para vosso domicílio, não se pode agradecer com palavras humanas: prova a grandeza do seu coração e, ao mesmo tempo, confirma o tino e a solicitude do eminentíssimo cura das almas. Irmãs: dedicadas ao mister sublime de aparelhar para o bem as futuras mães de família, no modestíssimo colégio que hoje inauguramos em festa, entre o contentamento geral do povo, e onde se hão de ensinar às jovens educandas as disciplinas de um curso inteligentemente organizado e a doutrina cristã, sereis felizes; aqui, apraz-me repeti-lo, aqui sereis felizes! Vindes dos sobressaltos de uma revolução vitoriosa de que fôstes vítimas inocentes. Ainda ecoam nos vossos ouvidos, como as últimas sombras de uma visão de morte, as derradeiras reminiscências de horrendo pesadelo, as vozes da turbamulta desvairada, sanguinosa e perseguidora, os lampejos e ruídos das armas amotinadas, num selvagem encarniçamento contra a vossa debilidade assustada e contra os vossos pacíficos hábitos talares. Tudo isso, porém, — descansai, Irmãs! — passou, desapareceu, fundido na treva espêssa dos momentos maus! Hoje na terra nova, nova pátria vos abre os braços maternais e vos adota — para sempre!

"Em sossêgo haveis de estar aqui, como entre os vossos, no seio de um povo que vos admira e respeita!

E quando, no silêncio da noite, as saudades da pátria, a que não são insensíveis os espíritos angelicos, vos salteárem de súbito, no intervalo dos vossos piedosos exercícios; quando as recordações do vosso Portugal, as lembranças dos vossos conhecidos, a memória das vossas boas ações e dos vossos costumes nacionais, chegarem, invadirem o vosso coração amargurado; quando a nostalgia vos enevoar e entristecer a alma que só vibra ao toque dos sentimentos delicados, abri as vossas janelas, Irmãs, e olhai o céu da vossa pátria nova! Para os lados do sul, vereis palpitando no azul profundo uma cruz de astros, o Cruzeiro! e essa cruz altíssima, poética e viva, engastada por Deus no firmamento dessa pátria nossa, como para testemunhar o desenvolvimento e a grandeza da expansão cristã entre nós, falar-vos-á ao coração magoado de uma pátria única, onde não se perseguem os inocentes, onde a justiça está com os olhos na verdade e o êrro e a hipocrisia mais rebuçados aparecem nus e confundidos ante o olhar de Deus! Falar-vos-á o Cruzeiro do Sul ao vosso coração, consolando-vos e alegrando-vos com palavras de Cristo que vos estão gravadas indelèvelmente na alma;

"Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e vos caluniarem, por meu respeito!"

Vários oradores falaram em seguida.

Por último, ouviu-se a palavra do dedicado Monsenhor Paiva Campos, agradecendo "a prontidão e a boa vontade com que todos, sem exceção, acudiram ao seu apêlo, apresentando ao povo de Ubá e ao desta Zona as Reverendas Irmãs, mimoso presente do Céu".

Por fim, levantou-se o Presidente da Mesa e com êle todos os circunstantes, e com voz pausada disse:

"Tenho a honra e o prazer de declarar instalado o Colégio Sagrado Coração de Maria, de Ubá".

Palavras não eram ditas e já se ouviam estrepitosas palmas, vivas e aclamações incessantes.

Madre Maria de Aquino, dirigindo-se ao Dr. José Januário Carneiro, rogou-lhe agradecesse, em nome das Irmãs e em seu próprio nome, tantas provas de amizade e de carinho.

De longe. D. Silvério associou-se à alegria geral. Leremos com prazer as palavras do santo velhinho:

"Mariana, 4 de julho de 1911.

Queridíssimo Monsenhor Paiva:

Ubá excedeu-se de si mesma na recepção das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. Estou contentíssimo com o procedimento dos católicos dessa católica cidade. Agradeço a V. Revma. a comunicação que me fêz. Estou certo que essas Irmãs serão um fator de benefícios espirituais e até temporais não inferiores aos que essa cidade já possui.

As bênçãos do Céu chovam sôbre V. Revcia, sôbre todos os dedicados cavalheiros que auxiliaram tão insigne obra e sôbre todos os que a animaram.

De V. Revcia, amigo muito de coração

Silvério, Arcebispo de Mariana" (1)

Por sua vez, Madre Maria de Aquino pediu se manifestasse o seu reconhecimento pelo povo ubaense, enviando as seguintes palavras que foram publicadas nos jornais de então :

"As Irmãs do Sagrado Coração de Maria, extremamente penhoradas por todo o carinho e dedicação com que foram acolhidas, festejadas e visitadas pelas excelentes famílias de Ubá, vêm agradecer, do íntimo dalma,

(1) Transcrição de um jornal da época: «A Verdade».

tantas provas de estima e assegurar a sua imensa simpatia e afeto por esta cidade tão credora já de tôda a sua estima e gratidão".

Ubá mostrou-se verdadeiramente "a cidade do Coração de Maria". O que o ímpio Afonso Costa demolira, Ubá reedificava na sua piedade espontânea e franca; aos gritos de ódio maçônico, opunha as aclamações festivas da sua gente boa, os sons jubilosos dos seus cânticos, o abraço confortador da sua amizade; o trono de Maria Santíssima, profanado lá, pelo gesto feroz do ateísmo, o desassombrado povo ubaense o soerguia aqui, com respeito, e carregava-o triunfalmente pelas ruas da cidade, afogando-o nas flores perfumadas de sua piedade sincera e operosa. Uma terra que acolhe assim, com festas e flores, as Enviadas de Jesus Cristo, filhas diletas do Coração Imaculado de sua Santa Mãe, recebe do próprio Deus o penhor de suas divinas complacências". (2)

Tão brilhante recepção contrariava, sem dúvida alguma, a modéstia das humildes Religiosas; mas Nosso Senhor assim o dispunha, a fim de lhes dilatar a alma, nesse primeiro contacto com o povo que as chamava e que as recebia com as mais vivas demonstrações de simpatia: hosana triunfal, cujos ecos se vêm prolongando até hoje, numa dedicação e bondade jamais desmentidas.

Escrevia-se a primeira página com letras de ouro...

"Benedictae... benditas as que vêm em nome do Senhor!..."

(2) Transcrição do artigo: «Um século de existência».

XII

INÍCIOS ABENÇOADOS

«O QUERIDO POVO DE UBÁ NÃO PODIA SER MELHOR PARA NÓS».

Madre *"Sainte Foy"*.

Numa fundação, os inícios são, quase sempre, bem penosos. Entretanto, relativamente à parte material, a situação das Religiosas era, antes, favorável, pois os auxílios vinham de tôdas as partes: "o querido povo de Ubá não podia ser melhor para nós!» Parecia que todos porfiavam em prover as Religiosas do necessário. Rememoremos êsses benefícios, título à mais viva e sincera gratidão. Primeiramente, a casa que ocuparam durante um ano inteirinho não trouxe despesa de renda e o aluguel dos anos seguintes não pesou muito, dada a liberalidade de numerosos amigos.

Um grande pão fresquinho era a dádiva matinal de uma bondosa família e a caridade estendeu-se também por um ano todo. Por igual espaço de tempo, apresentaram-se ao Colégio duas pretinhas carregadas de víveres. Vinham regularmente, cada quinze dias, regalar as Irmãs com os generosos donativos. E como eram simpáticas as pretinhas «quinzenais» da boa italiana, D. Maria Luiza...

Receberam as Hóstias para a Capelinha, logo que esta se instalou, durante um período considerável. Sacos de açúcar e de arroz, quantas vêzes não os enviou a Família Levindo Coelho, além de outras coisas perfeitamente dispensáveis, como doces, conservas, azeitonas que lá apareciam, delicadamente, em nome dos pequeninos e, não raro, os bolos quentinhos de D. Tonica.

E continuaremos ainda? Mas como esquecer o carro que veio do Ginásio São José para abastecer a despensa do Colégio com o seu rico conteúdo? Como

não mencionar o bom velho tão simples que deixou à porta a saca de café e nem quis que se lhe agradecesse ?

E os presentes surgiam, às vêzes, à hora propícia, aumentando a alegria geral. Num dia de festa — instalação da Capelinha — quando estavam para se pôr à mesa, eis que chega um bilhete para a Madre Superiora, pedindo-lhe aceitar o insignificante presentinho de uma saca de arroz, outra de feijão e meio-porco, enorme. Acolheu-se a notícia com aplauso e o "meio-defunto" foi acompanhado festivamente até à cozinha.

Nas salas de aula, veremos as carteiras, o mapa-múndi e demais objetos ainda que D. Regina Godinho gentilmente ofereceu, sentindo sòmente não poder ofertar mais...

Põem à disposição mobílias, cedem casas, sacrificam-se de boa vontade, a fim de beneficiar o incipiente educandário, o que leva Madre "Sainte Foy" a dizer: "Estas pobres famílias querem mimosear-nos sempre, privando-se talvez para nos regalarem. Louvemos a Deus pelos seus benefícios !»...

Irmã Elisa é cozinheira mas... à moda de Portugal. As meninas estranham um pouco e, sem dúvida, dizem qualquer coisa a respeito. Para evitar inconvenientes, as Irmãs Godinho prestam-se a orientar o serviço, com excelente resultado, pois Irmã Elisa, a mansa Irmã Elisa, aprendeu...

A casa que hoje é bela propriedade do Colégio fala da dedicação de infatigáveis amigos, do seu vivo interêsse em obtê-la da maneira mais favorável às Religiosas... Dr. Câncio Prazeres, Dr. Levindo e Major Godinho saíam em viagem a fim de passar as ações. Êste tomou a direção do negócio e, no fim do ano de

1913, tudo estava concluído; o Colégio passava a funcionar no seu local definitivo...

Podemos acrescentar a êsses nomes, outros igualmente gratos: Dr. Carlos Peixoto, Dr. Arduino Bolivar, o Inspetor amigo, Dr. Artur Rodrigues, Dr. Rezende e muitos outros perdidos no anonimato, mas escritos em caracteres indeléveis no livro da Vida. E para todos se realizará a verdade das palavras de Jesus: «Tudo o que fizestes ao menor dos meus, a Mim o fizestes...»

O número de alunas, exíguo no pricípio, não tardou em aumentar.

Procuremos surpreender, na intimidade, a nova e ainda pequenina família do «Sagrado Coração de Maria».

Êsses instantâneos, colhidos fielmente, não deixarão de apresentar algum interêsse: é o primeiro contato entre educadoras e educandas, são as primeiras atividades que se desenvolvem, e — está aqui o mais importante — um novo espírito que se forma e que deve ser o genuíno espírito do «Sacré-Coeur de Marie»: — o espírito de família, num ambiente de simplicidade que o trabalho alegra e a piedade sobrenaturaliza e perfuma. E foi assim.

Era a vida em tôda a sua intensidade. Madre "Sainte Foy" dirigia aquêle pequenino mundo e, verdadeira educadora, sabia estimular as jovens inteligências e despertar energias latentes...

Sucedem-se os dias e meses... maio é uma renovação; é um reflorir sob os olhares carinhosos da Mãe celeste... junho, outubro, novos incentivos à piedade.

As festinhas íntimas, os passeios ao ar livre completam o programa, onde não há lugar para a monotonia.

No fim do ano, resultados consoladores...

O Coração de Maria abençoava o seu querido rebanho...

Em fins de setembro de 1913 era o Colégio equiparado à «Escola Normal Modêlo», de Belo Horizonte. Regozijaram-se as Religiosas e igualmente os amigos do educandário que, desde o início, se haviam empenhado em obter-lhe garantias oficiais. De tôdas as partes, visitas e telegramas de felicitações.

No fim dêsse mesmo ano de 1913, novo acontecimento: a transferência para o local definitivo, onde até hoje funciona o Colégio, de largos aposentos, num ambiente sadio, de muito ar, muita luz, a que não falta o encanto das «velhas árvores amigas»...

O venerando Arcebispo D. Silvério, nas visitas pastorais a Ubá, honrava também o Colégio com sua presença, levando a Mestras e alunas a sua bênção paterna.

Na primeira visita, disse a sorrir, enquanto levantava a mão para abençoar o pequeinno grupo que se lhe ajoelhava aos pés: «Estou muito zangado, muito zangado com vocês...»

No tom familiar da voz e sobretudo no bondoso sorriso de Sua Excelência bem se sentia a grandeza do coração de um santo...

Madre Maria de Aquino seguia com vivo interêsse os progressos do pequenino berço das fundações brasileiras, orientando-lhes as atividades e visitando-o freqüentemente, apesar das fadigas das viagens.

Era um dia de sol a chegada de Madre Maria de Aquino no meio das filhas que lhe queriam tanto.

Madre Maria dos Anjos alegrava o ambiente com os acordes firmes do belo Hino Português... As vi-

sitas da Mãe, embora rápidas, eram sempre um estímulo para a fervorosa Comunidade.

Até 1920 esteve o Colégio sob a direção da humilde Madre Maria de Assis cujas virtudes e espírito sobrenatural atraíam, copiosas, as bênçãos do Céu sôbre a casa e sôbre as atividades dêsse fervoroso grupo de apóstolas do Sagrado Coração de Maria.

XIII

JESUS SOB O MESMO TETO

«COM JESUS-EUCARISTIA A VIDA TOMAVA OUTRO ASPECTO».

Entre os privilégios das casas religiosas é êste, sem dúvida, o maior de todos: — habitar com Jesus, sob o mesmo teto.

Quanta consolação e que alento, nessas visitinhas, curtas embora, mas onde se nos vai tôda a alma num ato de reverência e fé, de amor e abandono.

Às vêzes, é uma simples genuflexão; o tempo não permite mais; ergue-se, porém, a alma, revigorada com o olhar do Mestre, o Prisioneiro Divino...

Aqui se oculta Quem tudo sabe, tudo pode e me ama infinitamente...

Que confôrto e que segurança!

Êsse remanso bendito é que a boa Religiosa procura em tôdas as circunstâncias de sua vida: — nos momentos alegres, ali entoa o seu «Te Deum»... nas horas de luta, clama por socorro, e, nos instantes de sofrimento, é junto do Sacrário que vai pedir a generosidade do «Fiat», a fim de se deixar trabalhar por Deus!

Compreendia bem a graça imensa de possuir Jesus sob o mesmo teto, esta santa Superiora que perguntava, num tom quase severo, a uma Religiosa cujas lágrimas corriam abundantes, por efeito de uma brusca mudança de residência: «Minha filha, terá a Madre X (antiga Superiora) carregado a chave do Tabernáculo?» Como se lhe dissesse:

«Porventura não se encontra tudo junto do Sacrário?»

. . . . . .

Mas quão triste e vazia a Casa Religiosa sem o seu Jesus Sacramentado!

Essa tristeza e êsse vácuo, sofreu-o a Comunidade de Ubá por mais de um ano. A inauguração da Capela foi, pois, um acontecimento nos anais desta fundação e merece ocupar aqui uma pàginazinha que leremos com prazer, visto que reproduz fielmente as gratas lembranças de um dia feliz.

O pequenino oratório já estava preparado. Meses antes, chegara do Rio o Altar que foi recebido com uma explosão de sincera alegria. Era uma consolação para essas almas «famintas de uma Capelinha, Missa e Divino Prisioneiro», ornar o altarzinho branco, onde o Sacrário vazio lhes fazia ansiar mais vivamente pela Adorável Presença...

Em breve, veriam realizar-se os seus desejos. Findava-se o mês de maio que transcorrera no fervor... e as graças do mês iriam culminar com o magno presente da Mãe do Céu: — no dia 31, celebrar-se-ia a primeira Missa na Capelinha conventual...

A véspera do grande dia passou-se em preparativos. No Altar, estreavam-se as rosas feitas por Madre Evangelista e Madre Maria do Presépio. Duas pequeninas imagens de cada lado do Altar, o Crucifixo que o encimava, a cortina de rendas da janela, eis todo o aparato e adôrno para a solenidade que celebrou a descida de Jesus sôbre o Altar do nascente Colégio.

E temos registados os cânticos que, por instantes, ecoaram pelo recolhido ambiente: "A Vós, por Vós, ó Virgem!», «O Salutaris», «Lembrai-Vos que vos pertenço", todos tão conhecidos e piedosos.

«O 31 de maio será, pois, de eterna memória nesta fundação, apesar da isenção de pompas».

Mas, desta vez, Jesus não ficou; foi uma rápida visita, antes de estabelecer sua morada entre corações que o desejavam tanto. E não tardaria.

Deixemos que a Madre «Sainte Foy» nos traduza as santas emoções dêsse dia de bênçãos:

«20 de julho de 1913, dia grande e feliz nos anais da nossa pequena fundação de Ubá. Tocou-se às cinco horas o despertar, para que todos os exercícios de regra estivessem feitos a tempo, antes da Missa. Às sete menos um quarto, já estavam na Capela as internas, bastantes externas e algumas senhoras. Com profunda emoção, começou a Missa acompanhada a piano. Ao Ofertório, entoaram as internas, em côro com a Madre Maria dos Anjos, o «Oremos pelo Santo Padre", visto tratar-lse das Bodas de Ouro da Ordenação Sacerdotal de um Príncipe da Igreja, o venerando Arcebispo de Mariana.

«À Elevação, um lindo cântico; depois, Religiosas, meninas e senhoras, tôdas tomamos parte no Banquete Eucarístico e, para que nada faltasse a êsse dia do Céu, Jesus baixou pela vez primeira a uma alma inocente. Terminada a Missa, vimos com prazer irem-se colocando velas acesas no Altar e Monsenhor levantou a linda custódia, trono do amor infinito de Deus pelas suas filhas.

«Que funda emoção, depois de quase dois anos de tantas amarguras e embates nas ondas da revolução, ver Jesus ostentar-se a nossos olhos, nesta mesma custódia que neste mesmo mês de julho o encerrou lá longe, em Vizeu, no dia festivo da inauguração da majestosa Capela, terminada à custa de tantos sacrifícios, e hoje fechada pela autoridade maçônica...

«As lágrimas banhavam-nos as faces, como quando, após longa e dolorosa ausência, se vê enfim o ente mais querido que a distância reteve longe do nos-

so lar... Era um desafôgo da saudade êsse pranto até ali comprimido.

Jesus ficou exposto à adoração, e a bênção realizou-se às quatro da tarde. Monsenhor Paiva estava radiante. Dirigiu às Religiosas linda alocução, comentando o Evangelho do dia, — Jesus e as criancinhas — fazendo-lhes notar a coincidência do assunto e a coincidência do dia — era um sábado — e nesse dia consagrado a sua Mãe é que Jesus vinha habitar entre suas Espôsas.

Trinta e três anos mais tarde, a néo-comungante de 20 de julho de 1913 ressuscitava, comovida, as recordações do passado :

«Faz 33 anos que eu fiz a minha Primeira Comunhão. O ambiente era outro, simples, modesto e de grande pobreza. Em uma casa, que é hoje residência de nobre família ubaense, estavam as Irmãs. Eram poucas. Eram dez recém-chegadas de Portugal, ainda cheias de temores e de piedade pela irreligião dos homens que, então, dirigiam o País em que falam a mesma língua que nós falamos.

«O Colégio apenas se iniciava com limitado número de alunas.

"Ali se efetuou a Primeira Comunhão, assistida pelas Irmãs.

"Fui eu a primeira aluna e a única, no dia, a receber, pela primeira vez, a Divina Eucaristia. A comungante era pobre e simples, como eram simples e pobres as Irmãs, a sua Capela, o seu educandário, todo o seu ambiente exterior. Ah! Mas que profunda unção religiosa, que fé sem fronteiras, que felicidade sem raias da comungante e das piedosas Irmãs que a cercavam.

«Talvez alguma lágrima de alegria houvesse subido do coração aos olhos da comungante e das suas Mestras.

«Vejo-as ainda, embalsamando as minhas saudades: Madre Maria de Assis, Madre "Saint Foy": virtude, talento, cultura, energia, operosidade; Madre Maria dos Anjos — perfeita «Virtuose», elevando aos Céus hinos de louvor e glória; Madre São Leão, Madre Maria do Presépio, Madre Vítima, Irmã Albina, Irmã Amália, Irmã Belmira, Irmã Elisa...

«Algumas já foram receber, no País da Luz sem sombras, das Mãos do Divino Espôso, o galardão de suas virtudes; outras voltaram à Pátria sempre amada e saudosa; outras ainda aqui trabalham na vinha do Senhor e perfumam êste Colégio com as suas virtudes e bondade angélica».

.....

20 de julho de 1913!

A vida tomava outro aspecto...

«Disseminadas como as fôlhas de uma árvore que violenta rajada arrancara desapiedadamente da haste e arremessara para longe», aquêles corações provados descansavam, enfim, à sombra de um Tabernáculo...

Jesus Eucaristia, que seria de nós sem o teu Sacrário... que seria do exílio sem o consôlo desta Hóstia bendita?...

XIV

OS DIAS INCERTOS DE VILA ISABEL

«FALTAVA-NOS TUDO, MAS ESTÁVAMOS NUM PARAÍSO!».

Já há muito que vamos acompanhando Madre Maria de Aquino, nas suas dificuldades e incertezas para estabelecer o «Sacré-Coeur de Marie», no Brasil.

Logo a odeixar Sete Lagoas, dois pontos ocuparam-lhe a atenção: Ubá e o Rio de Janeiro.

Já vimos o acolhimento das Religiosas na cidadezinha mineira, a plena aceitação que teve o Colégio desde os inícios.

No Rio, já não se deu o mesmo : ia a passo lento, custosamente.

No modesto bairro de Vila Isabel, reuniu-se a Comunidade na pequenina casa à rua Francisco Filho. Era mesmo o «Pobrezinho» de Assis com a sua cara «Irmã Pobreza». Falta de tudo. Nem sequer uma aluna...

Um mês depois, outra casa também pequena, à rua Torres Homem. Tiveram aqui uma única aluna semi-interna, cujo nome é até hoje lembrado — chamava-se Francisca —. E com a Francisca, ainda a pobreza «franciscana»...

Não apareciam recursos.

Para prover às necessidades, as Irmãs mais habilidosas faziam trabalhos para fora, e tinham tarefa marcada. Não podiam deitar-se, enquanto não estivesse terminada...

Vamos surpreender nossas Irmãzinhas nessas atividades noturnas, que constituíam o «ganha-pão» da Comunidade.

Alta noite, lá estavam diligentes e silenciosas — o grande silêncio é sagrado! — no manejo da agulha. Uma jaculatória, uma Ave-Maria, vinha suavizar o serão, a que as forçava a penúria das circunstâncias.

E faziam-se as economias possíveis. Comprava-se «pão dormido» por ser mais barato que o pão fresco. Não se via manteiga ali, é claro.

Havia, porém, boa vontade por tôda parte...

D. Elisa Drumond ajudava sempre as Religiosas, com uma bondade que não se pode esquecer e o Sr. Almeida foi o amigo generoso nas dificuldades de «Torres Homem», vindo sempre em auxílio à Irmã Rita que, na cozinha, se engenhava por dar novos aspectos ao prato invariàvelmente preparado com farinha de mandioca.

Por outro lado, das mãos operosas e hábeis da Irmã Laurentina ia surgindo, como por milagre, a mobília da casa: bancos, cadeira, confessionário e até uma escrivaninha para a Madre Maria de Aquino. As tábuas velhas do quintal forneciam a matéria-prima.

As camas de vento em que repousavam à noite, sem o confôrto de um travesseiro, eram dobradas pela manhã, a fim de não ocupar lugar, inùtilmente. Uma cama, porém, ficava aberta, pois funcionava como mesa de trabalho, escrivaninha e demais finalidades a que se prestasse.

Não podemos ignorar que Irmã Efigênia, por ser a caçula, gozava do seu privilégio, dormindo no chão.

E até hoje a referida Irmã se lembra do soninho bom, sôbre o minúsculo tapête da sala de visitas...

Em «Tôrres Homem», como na casa de «Francisco Filho», a Comunidade ainda não possuía uma Capelinha com o Santissimo.

Saíam cada manhã para a Missa e Comunhão. Entretanto, no dia da renovação dos Votos de três Religiosas (Madre Santa Face, Irmã Engrácia e Irmã Efigênia), Madre Maria de Aquino conseguiu que se celebrasse em casa o Santo Sacrifício. A sala de visitas foi transformada, por instantes, na mansão do Rei dos reis!

Veio celebrar o Rvmo. Sr. Pe. Nazareth, Jesuíta português.

Iniciara-se a Santa Missa naquele ambiente simples e recolhido quando, ao Ofertório, o Sr. Pe. Nazareth diz à ajudante: «Irmã, não posso continuar, o cálice está a vazar».

Pode-se imaginar a aflição de tôdas, principalmente da querida Madre Maria de Aquino. Nosso Senhor não lhe poupava contratempos...

Irmã Efigênia, apesar de ser uma das homenageadas do dia, saiu com Irmã Laurentina, quase a correr pelas ruas, a fim de arranjar um cálice na Igreja mais próxima. Apesar da agilidade das duas Irmãs, o Sr. Pe. Nazareth teve que esperar um bom momento, pois a distância não era pequena.

Só dois meses estiveram as Religiosas em «Torres [illegible]».

Madre Maria de Aquino continuava sob o pêso [illegible] da cruz, em conseqüência da sua generosa [illegible]: «Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar [illegible] filhas!..." Muitas vêzes, a dor, forte demais, [illegible]-se em lágrimas que não conseguia reprimir.

Depois, pedia perdão à Comunidade «por não ter agido como Superiora», dizia, na sua humildade habitual.

«Por não ter agido como Superiora»... a humildade falava assim, mas o que as Religiosas sentiam

era bem diferente : Madre Maria de Aquino realizou o ideal da Religiosa, o ideal da Superiora.

* * *

De porta em porta, por amor de Deus !

. . . . . .

Por um dever de reconhecimento e de afeição, não podemos deixar de reviver mais êste episódio, na história atribulada da fundação do "Sacré-Coeur de Marie" no Brasil.

Demonstra o espírito de sacrifício de Madre Maria de Aquino e de suas colaboradoras, empenhadas em fazer a obra de Deus e vencendo, para isto, enèrgicamente, as múltiplas dificuldades que lhes embaraçavam o caminho.

Obrigadas pelas circunstâncias, as Irmãs submeteram-se a mais um ato de renúncia e bem duro: esmolar de porta em porta...

Madre Maria de Aquino achava-se em Ubá, onde negócios importantes reclamavam a sua presença. Madre Evangelista, nada tendo para dar à Comunidade, da qual se achava encarregada, só encontrou um recurso : recorrer à caridade alheia. E assim fêz

Irmã Laurentina e Irmã Efigênia foram as primeiras a estrear o novo èmprêgo.

«Ah ! como nos custou a primeira vez que saímos a pedir... Andamos um bom pedaço, sem que nenhuma de nós se decidisse a começar... Fugia-nos a coragem...»

Enfim, quando se animaram, já era bem tarde ; conseguiram, naquele dia, dezenove cruzeiros, o que naqueles «bons tempos» tinha algum valor. Sòmente de passagem, digamos que um ótimo par de sapatos de pelica custava onze cruzeiros...

Os dezenove cruzeiros tiveram logo bom emprêgo : comprovou-se, além de outras coisas, uma escrivaninha, já de segunda mão, para a Madre Maria de Aquino.

Como estivesse um pouco estragada, as Religiosas, com um pedaço de lã verde, deram-lhe um aspecto mais apresentável.

Continuemos, porém, a acompanhar as nossas caras Irmãzinhas mendicantes.

Desta vez, o resultado é mais satisfatório : noventa cruzeiros. Irmã Efigênia ainda recorda a comoção que a invadia : "Estava tão contente que não sentia fome nem cansaço...» Precisamos ponderar que as Irmãs, quase sempre, saíam pela manhã e voltavam à noitinha, quando as luzes já começavam a acender-se, e, até aquela hora, o estômago só havia provado o cafêzinho matinal...

Mais ainda : a fim de poupar os tostões que haviam esmolado, fizeram tôda a caminhada a pé...

Êsses episódios iriam repetir-se por muito tempo ainda e, às nossas boas Irmãzinhas, não faltaram humilhações, sobretudo quando passavam rifas dos trabalhos. "Preferíamos pedir a passar as rifas... Sofríamos tanto!..."

E até para a Superiora, chegou a vez de recorrer, como mendicante, à caridade alheia.

A comoção de Madre Maria de Aquino, era, porém, tão forte, que comoveu também o Visconde de Moraes, a quem se dirigiu e êste, cumprindo a promessa, lhe pagou, durante dois anos, o aluguel da casa.

Quero novamente acentuar a alegria das Irmãs, nesses transes difíceis. «Estávamos sempre contentes e até felizes. Faltava-nos tudo, mas estávamos num Paraíso!»

«A bondade da Madre Maria de Aquino suavizava tudo... Quando, à noite, chegávamos cansadas, mandava-nos logo para a cama.»

"Sua bondade não ficava sòmente em palavras, pois, apesar da pobreza, nunca nos deitávamos sem tomar qualquer coisa feita especialmente para nós... nem que fôsse um refrêsco com uns bolinhos...»

Não é esta atitude que se traduz na frase tão bela de nossa saudosa Superiora Geral, Madre Marie Joseph : «Derramamos a doçura e a alegria no cálice em que o próximo deve beber?» (1)

Oh ! Sim ! Madre Maria de Aquino era como um raio de sol que punha vida em tudo.

Essa bondade que a caracteriza de modo muito particular, vai irradiar-se durante tôda a sua vida, instilando-se em cada coração com o sorriso amável, o gesto carinhoso, a palavra oportuna, mostrando que cada uma de suas filhas possuía uma lugarzinho no seu grande coração de Mãe !

* * *

Ao mudarem-se para «Senador Nabuco», as Religiosas iam animadas de uma grande alegria : esperava-as uma Capelinha e com Jesus viriam, certamente, muitas graças. E assim foi. Comunhão diária, Missas em casa duas vêzes por semana e, aos domingos, bênção do Santíssimo, pelo Sr. Pe. Castanheira.

Foi nessa Capelinha que Madre Maria dos Anjos e Irmã Laurentina pronunciaram os Votos Perpétuos, no final do Retiro pregado à Comunidade pelo Rvmo. Sr. Pe. Menezes. A comoção das duas profitentes contagiou o Pregador...

---

(1) Circular do ano de 1933 — ZÊLO APOSTÓLICO.

Em «Senador Nabuco», Madre Maria do Divino Coração e Irmã Celina ainda continuaram os serões, fazendo bordados para fora, a fim de auxiliar as despesas...

Uma vintena de alunas passaram pela casa que, sete meses depois, se fechava, em troca da habitação espaçosa na principal Avenida de Vila Isabel, o Boulevard 28 de Setembro.

Irmã Efigênia e Irmã Laurentina foram os braços fortes na mudança...

Diante de um volume maior que lhes desafiava os músculos, assim dialogavam, estimulando-se :

— A Irmã pode?

— Sim, sim, posso.

— Então eu também posso.

E lá ia o móvel para o seu lugar. E, dêste modo, tudo entrou na casa.

Alguns meses depois, as duas Irmãs sucumbiram ao cansaço, sèriamente doentes; salvou-as o poder de Deus e a dedicação de Madre Maria de Aquino que se fêz de enfermeira.

Colocada sob o patrocínio de S. José, "a quem, no dizer de Santa Tereza, jamais se recorre em vão», a Casa do Boulevard tomou impulso.

O grande Santo veio em auxílio de suas tuteladas, enviando-lhes um bom contingente de alunas.

Era já o «Sacré-Coeur de Marie» que tomava o seu ritmo dos dias idos, nas terras lusas, e que preludiava os dias abençoados do futuro.

As Religiosas eram estimadas, espalhava-se a fama do Colégio que recebeu doze internas, quase cem externas, além do externato dos meninos, mais ou menos uns trinta, confiados à Irmã Felicidade. A situa-

ção regularizava-se e a vida retomava o seu curso normal.

Sua Eminência, o Cardeal Arcoverde, dignou-se honrar a Comunidade com uma visita inesperada...

Era pela tardinha... Irmã Efigênia ocupava-se da portaria e, ao ver chegar o Sr. Cardeal, tornou-se «côr de cal», e nem sabia falar direito.

Madre Maria de Aquino assustou-se ao vê-la tão pálida, perguntando-lhe o que sentia. Ao saber, porém, do que se tratava, não pôde deixar de sorrir e acrescentou : «Pensei que a Irmã fôsse ter um ataque...»

A visita do Sr. Cardeal foi uma consolação para tôdas e deixou-as bem animadas.

No «Boulevard», deu-se ainda uma ocorrência extraordinária que a Madre Purificação nos vai narrar com pormenores. Vale a pena ouví-la :

.....

Era uma vez...

"Agora que principiávamos a levantar cabeça, como se costuma dizer, também se nos levantavam no espírito certas e justificadas aspirações.

«Pensávamos já em ter uma casa muito grande e bonita. A visita inesperada de Sua Eminência, aumentando o nosso prestígio, aumentou também as nossas esperanças.

"Suspirávamos por um belo edifício que correspondesse aos nossos ideais de apostolado e a confiança de obtê-lo não se esmorecia, ao contrário, tornava-se cada vez mais viva.

"Num belo dia, deu-se um fato digno da nossa idealização. Teve como origem a morte de pobre felino. Querendo a Irmã Laurentina prestar as últimas ho-

menagens ao infeliz bichano, levou os restos mortais para enterrar no quintal. Mas, oh surprêsa! Após alguns momentos, notou que a enxada saía da terra reluzente de ouro! Não podia crer em tal maravilha e, por isso, chamou-nos, ofegante, com as pupilas dilatadas pelo júbilo imenso, indescritível, que lhe inundou a alma. Fomos! Contemplamos, silenciosas, comovidas, a riqueza que jazia a nossos pés. Com tôda a solenidade, chamamos a Madre Maria de Aquino que nos acompanhou.

«Íamos tôdas em silêncio. A alegria era por demais grande, para que pudéssemos articular uma palavra.

«Agora, junto do tesouro imenso, interrogamo-nos com o olhar. Até aquêle momento, ninguém se atrevera ainda a pronunciar o nome do rico minério. Mas, já era tempo! E eu exclamei cheia de convicção: "E' ouro!"

«Ouro! Ouro!», diziam várias. Arrancamos uns torrões da fossa aberta e dirigimo-nos para casa, a fim de os mostrar às que se negaram a acompanhar-nos. E agora, para varrer alguma dúvida que, por acaso, ainda prevalecesse naqueles espíritos incrédulos, separei algum pó dourado da terra que o envolvia, lancei-o na água, mergulhei os dedos naquela improvisada fonte aurífera e, triunfante e senhora do meu papel, passava-os pelas paredes, pelas costa das cadeiras, pelas capas dos livros; e, por todos êsses lugares, ficava, bem nítida, uma barra dum amarelo brilhante. «E' ouro», exclamaram tôdas!

«A vitória da Irmã Laurentina não sofria dúvidas.

«Eu fui logo à Capela agradecer o tesouro e procurar o melhor meio de o empregar para, em seguida, sugerí-lo à minha Superiora.

«Ajoelhei-me, fechei os olhos e me veio ao pensamento: o produto da primeira extração será para um

cibório riquíssimo no nosso Sacrário; o segundo, para um diadema da Santíssima Virgem. E depois, mandar-se-ia outro ao Sumo Pontífice, à Casa-Mãe etc. Depois, faríamos um Colégio magnífico, com grandes claustros, vastos jardins, lindas estátuas... Momentos depois, já estava esboçado o meu plano. Tôdas as tardes, era certo e sabido, íamos tôdas nós visitar a jazida aurífera e então começavam os comentários, capazes, por vêzes, de fazer rir as pedras; mas nós, não nos ríamos, tanto a sério levávamos o caso. "Graças a Deus, dizia uma, agora já posso ter um Hábito novo..."

«Mas, é preciso pôr mãos à obra», retorquiu em tom decidido a Madre Evangelista. "Como faremos a exploração, num quintal tão aberto?»

«Põem-se aqui uns toldos, como para nos abrigarem do sol, disse gravemente a Madre Maria de Aquino.

«Muito bem! Muito bem!» foi a resposta de tôdas...

«Mas continuou, com ar contrariado, a boa Madre Maria de Aquino, estou a ver que isto vem trazer conseqüências desastrosas ao espírito religioso...»

«Qual o quê, Minha Madre! E' tudo para a glória de Deus... Deixe-nos construir um grande Colégio, um Orfanato, e verá como depois tudo correrá às mil maravilhas!» E começamos a arrancar os torrões dourados que transportávamos em cestas, para o quarto da Madre Evangelista, mais rico, a nossos olhos, que o próprio Peru a Pizarro e a Cortez.

Desejava eu, no entanto, encontrar um meio seguro e simples de separar o pó de ouro da terra que o envolvia. Mas como?

«Depois de muitas voltas à memória, veio-me à idéia que, no "Exercício de Perfeição" de Afonso Ro-

drigues, havia qualquer coisa a êsse respeito. Não vacilei um momento! Tôda a obra do Santo foi lida página por página, até encontrar a meta dos meus desejos.

«Quando se pretende separar o ouro da terra que o envolve, diz Afonso Rodrigues, ferve-se o todo em água e solimão, e o ouro vem à tona da água. «Eureka»! disse radiante de júbilo!

«Tratei de fazer a experiência, conseguindo extrair ouro bastante para encher uma caixinha. A minha alegria era tal, como se já tivesse diante de mim o mais belo Colégio do mundo, com uma Capela suntuosa. Quando mostrei o produto dos meus labores, a própria Madre Maria de Aquino não pôde ocultar um sorriso de escondida satisfação...

"Evidentemente, era necessário ativar-se a realização dos nossos projetos.

«Pensamos em ir a um ourives (o que tinha seus inconvenientes) quando nos constou que havia chegado ao Colégio dos Jesuítas o grande naturalista, nosso conhecido, Rvmo. Sr. Pe. Tavares. Madre Maria de Aquino escreveu-lhe um cartão a cumprimentá-lo, pedindo, ao mesmo tempo, a fineza de vir ao Colégio confessar umas Irmãs. Dois dias depois, compareceu. Fomos cumprimentá-lo e, em breve, a conversa resvalou sôbre o assunto que nos preocupava. S. Revcia. ouviu-nos com atenção e pediu que lhe mostrássemos um pouco do rico minério. Saí e voltei logo, calma, senhora da situação, mas, diga-se a verdade, abafando na alma verdadeiros ímpetos de alegria. Abri a caixinha cheia do ouro puríssimo, apresentando-a ao Sr. Pe. Tavares, que tirou uma pitadinha, tomou-lhe o pêso na extremidade do índex, olhou-me com uma expressão um tanto maliciosa e disse, num

tom visìvelmente arrastado: «Madre, isto não tem valor: é simplesmente MICA!»

"Um raio que me caísse aos pés não faria em mim mais terrível efeito. Ouvi, em tôrno, uma gargalhada geral que me esfarrapou a alma. No entanto, fiquei serena, perante aquêle desmoronar de castelos tão bem fantasiados..."

Parece-nos que estamos a ler La Fontaine, não é verdade? As palavras do Sr. Pe. Tavares foram como o «tropeção» que deitou por terra os mais belos projetos.

«Isto não tem valor... é simplesmente mica!» Pobre «Pierrette!»

E assim termina a verdadeira história de uma mina de ouro que celebrizou a casa do «Boulevard», onde as Religiosas permaneceram por dois anos.

.....

Leme é um passo avante!

XV

DO LEME A COPACABANA

CRESCEU O RIOZINHO OBSCURO DE "VILA ISABEL" E HOJE É A CATADUPA QUE SE EXPANDE EM BÊNÇÃOS: O SANTUÁRIO DO CORAÇÃO DE MARIA!

O bairro de Vila Isabel não se prestava para Internato. Era quente demais.

Em janeiro de 1913, Madre Maria de Aquino alugou no Leme, provisòriamente, uma casa pequenina e bonita, para onde veio com um grupo de Religiosas, deixando as outras em Vila Isabel, sob a responsabilidade de Madre Maria do Presépio.

Cada semana, Madre Maria de Aquino ia à pequena Comunidade de Vila Isabel, a fim de presidir aos exercícios que não dispensam a presença da Superiora. Isto mostra o seu amor à Santa Regra; e, para cumpri-lo, não se poupava a sacrifícios. E assim fêz até fechar-se essa última casa de Vila Isabel.

As bênçãos desciam sôbre o Colégio do Leme que iniciava o seu período de ascensão.

Seis meses na pequena habitação da rua Goulart e vinha o período de dois anos e meio, em "Gustavo Sampaio", numa residência mais ampla, em frente ao mar, numa situação privilegiada, magnífica.

Em pouco tempo, encheu-se a casa de internas. A fim de ceder lugar às meninas, construíram-se dois barracões para a Comunidade: refeitório e dormitório. Cobertos de zinco, não ofereciam seguro abrigo contra a chuva que entrava, como lhe apetecia, sôbre a cama das Irmãs.

Estas, já habituadas a peripécias, não se desconcertavam; Irmã Quitéria e Irmã Laurentina têm idéias geniais: abrem o guarda-chuva em cima da cama e continuam a dormir calmamente.

Desde que se mudaram para essa casa, apoderou-se de tôdas um terrível mêdo dos ladrões.

A qualquer ruído, assustavam-se e não era raro organizar-se, alta noite, o valente batalhão para a defesa. Não é sem interêsse que o veremos desfilar diante de nós : — Madre Maria de Aquino, às vêzes, tomava parte no aguerrido cortejo; Madre Crucifixo sempre aparecia com a vela acesa; algumas Irmãs armavam-se de vassouras e lá iam, corajosas, para a "revista".

Certa noite, o mêdo chegara ao paroxismo. Qualquer coisa de anormal; não há dúvida. No vão da escada que servia de armário, ouvira-se, distintamente, forte ruído. Quem sabe quantos ladrões... quem sabe? Chamaram um criado e êste, por sua vez, chamou um companheiro.

Chegando ao local designado, enquanto um fazia pontaria com o revólver, o outro empunhava uma foice. Mestras e alunas, com os olhos desmesuradamente abertos, iam seguindo todo o drama. Ninguém respirava... Os criados esperaram um bom momento e, como os supostos ladrões não se dignassem sair, entraram no temido local, com as devidas precauções...

E que viram êles?

— Uma garrafa de azeite caída no chão... O tombo da garrafa é que havia produzido tão grande susto...

Mas não terminou aqui a tragédia; o vizinho, sabendo do que se passava, bondosamente telefonou à Polícia, solicitando urgentes providências para o Colégio.

Quando tudo já estava calmo e sossegado, ouviu-se um verdadeiro tropel acompanhado de apitos. As Irmãs abriram as janelas e assustaram-se à vista de tantos homens que saltavam para dentro do Colégio.

Interrogados, responderam: "Somos guardas-civis, mandados em socorro da casa assaltada por ladrões..."

— "Muito obrigada! Muito obrigada! Não há nada!" E foram-se para a cama. Não sei se conseguiram dormir depois de tantas emoções...

O fato foi explorado, durante longo tempo, e tornou-se o assunto preferido dos recreios...

Voltemos, agora, a considerar o que mais nos interessa. A Comunidade achava-se muito bem servida. Já tinham Capelão: o Revmo. Sr. Pe. Calanchi, S. J. que todos os dias celebrava no Colégio.

As alunas faziam progressos.

No fim do ano, Madre Maria de Aquino convidou três professôres de fora para examinar as alunas sôbre as diversas matérias, e o resultado foi excelente para o bom nome do Colégio, já muito procurado pelas famílias de Copacabana, Leme e Ipanema.

Uma exposição de trabalhos e pintura coroou de êxito o ano escolar.

E' já o ritmo do "Sacré-Coeur de Marie" que vai deixar o Leme e tomar plena expansão em Copacabana.

"Se formos humildes, reconhecendo o nosso nada, Nosso Senhor nos ajudará e as nossas Comunidades irão para a frente!"

Madre Maria de Aquino é humilde!
Suas emprêsas têm a bênção de Deus!

* * *

Como nasceu o "Sacré-Coeur de Marie" em Copacabana?

Surgiu logo, com êste aspecto imponente, no fundo perenemente verde da colina que lhe serve de trono?

A própria Madre Maria de Aquino admirava-se do êxito da sua realização: "Chegando ao Brasil, não sei o que fiz. Nosso Senhor me fechou os olhos e fêz-me andar para a frente... No fim, fazia não o que tinha pensado, mas o que Deus queria."

Foi, pois, Nosso Senhor que trouxe o "Sacré-Coeur de Marie" para Copacabana e que lhe deu o lugar privilegiado que ocupa hoje.

Os grandes caudais têm, às vêzes, como ponto de partida, um ignorado filetezinho de água...

Ninguém suspeita da sua existência... ninguém lhe ouve o marulhar por entre os seixos, no coração da terra que vai atravessando um trabalho de crescimento e vida: — o filetezinho desconhecido revela-se: — é a catadupa que se despenha fragorosa e possante!

Assim, do Colégio de Copacabana...

Em Vila Isabel, o início lento e penoso preparou-lhe o progresso e assegurou-lhe a vitalidade!

Antes do prestígio atual, as lágrimas de Madre Maria de Aquino e as humilhações das Irmãzinhas..." "de porta em porta", por amor de Deus!

.....

Cresceu o riozinho obscuro de Vila Isabel, enveredou por outros caminhos, avolumou-se com os anos, e hoje é a catadupa que se expande em bênçãos: — o Santuário do Sagrado Coração de Maria!

* * *

Em 1916, o "Hotel Oceânico", grande propriedade da rua Toneleros n.º 56, em Copacabana, passou a denominar-se "Sacré-Coeur de Marie".

E não se podia imaginar lugar mais aprazível e calmo; a ampla residência era beneficiada por magni-

fica visão panorâmica: ao fundo, o denso arvoredo; à frente, a imensidão do oceano.

Copacabana era um bairro de futuro. Progrediu desassombradamente. O matagal de outrora desapareceu. Rasgaram-se ruas e avenidas. Ergueram-se soberbos arranha-céus. E' hoje um dos bairros mais aristocráticos da Capital, servido por todos os requintes do luxo e do confôrto.

E o "Sacré-Coeur de Marie" acompanhou-lhe o progresso.

Pouco a pouco, o "Hotel Oceânico" foi desaparecendo e, atualmente, pode-se dizer que quase nada mais resta da antiga moradia: desde a fundação do Colégio até nossos dias, não houve interrupção na série de melhoramentos que tornam o "Sacré-Coeur de Marie" um dos mais aparelhados e confortáveis estabelecimentos escolares da Capital brasileira.

Apenas instaladas definitivamente em Copacabana, as Religiosas entregaram-se, cheias de zêlo, à missão pela qual tanto haviam sofrido.

As virtudes da Santa Fundadora, Madre Maria de Aquino, sobretudo sua humildade e perfeito abandono à Vontade divina, atraíam as bênçãos do Céu e o Colégio tomava novo impulso, com os Cursos Primário e Secundário, e de Aperfeiçoamento nas Línguas e Belas-Artes.

O brilhante êxito alcançado pelas alunas que se apresentavam a exames no Colégio Pedro II aumentava ainda mais o prestígio do Estabelecimento.

Em espontânea visita ao Colégio, Sua Eminência, o Cardeal Arcoverde, trazia, com sua bênção, os aplausos às diligentes e operosas educadoras, o que foi de grande estímulo para a Superiora e Mestras.

E, para sustentá-las na luta, não lhes faltavam recursos espirituais, dispensados pelos zelosos Sacerdotes Jesuítas, dentre os quais se notam o Revmo. Sr. Pe. Calanchi, como primeiro Capelão, e, mais tarde, a substituí-lo, o Revmo. Sr. Pe. Ceccaroni.

A fundação do Rio, como já vimos, apesar de todos os sofrimentos e cruzes, foi, desde logo, mimoseada com o maior benefício que se possa ambicionar neste mundo: a doce companhia de Jesus, no augusto Sacramento do Altar.

Na Capelinha da Comunidade do Rio, vemos, às vêzes, diante do Santíssimo, a mesma lâmpada de Vila Isabel, esmola obtida "de porta em porta"...

Quantas coisas a lâmpadazinha não nos poderia dizer da saudosa Madre Maria de Aquino... Quantas vêzes não teria ouvido a querida Mãe renovar, no silêncio de sua alma, a mesma oferta de Lourdes: "Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas."

Um nome não deve ser esquecido nesta parte e que vem aureolado de sincera gratidão: Monsenhor Joaquim Soares de Oliveira Alvim, não só benfeitor generoso, como apôio moral na fase difícil da fundação. A êle se deve o prédio que se levantou em 1928, anexo ao Colégio, sob o nome de "Orfanato Menino Jesus", onde se acolhem as crianças abandonadas ou atingidas pela orfandade.

Por tantos favores, a lembrança de Monsenhor Alvim vive sempre no "Sacré-Coeur de Marie" e no coração das orfãzinhas, beneficiadas por sua sobrenatural caridade.

Em 1920, a direção da Casa do Rio passava à Madre Inês de Jesus, em substituição à Madre Maria de Aquino, designada como Superiora de Ubá.

Madre Maria de Aquino havia preparado o terreno: Madre Inês de Jesus iria continuar a ampliar a obra de sua Santa predecessora.

Madre Maria de Aquino e Madre Inês de Jesus, duas almas animadas do mesmo ideal de zêlo e de santidade que veremos, daqui por diante, cada vez mais unidas no trabalho e nos sofrimentos para a glória de Deus e enaltecimento do Sagrado Coração de Maria, nesta porção que lhes coube em partilha: a Província Brasileira!

"Cor unum et anima una!"

XVI

O ESPINHO MAIS PUNGENTE

«A CRUZ E SEMPRE A CRUZ
É A ÚNICA ARMA PODEROSA.
SÓ ELA TRIUNFARÁ!»

Certamente não podemos ocultar, na história da Casa de Ubá, a maior provação da Comunidade, que foi a carência dos auxílios espirituais.

E aqui, como sempre, é Madre Maria de Aquino quem vai sofrer mais intensamente, num calvário de longos anos.

Na verdade, era deplorável a situação das Religiosas. Por mais de um ano, tiveram de sair para assistir, na Matriz, à Santa Missa, cujo horário não permitia a tôdas fazer a Sagrada Comunhão. Durante a semana, o Santo Sacrifício era, em geral, às nove horas e às onze aos domingos.

Quem poderia esperar em jejum durante tão longo tempo? As meninas, igualmente, viam-se privadas do imenso benefício da Divina Eucaristia. Não raro ficavam sem Missa e Comunhão, mesmo aos domingos, quando o Vigário se ausentava, prolongando-se a privação por vários dias, quando a viagem era mais demorada.

E, mesmo depois de inaugurar-se a Capela do Colégio, continuaram as irregularidades no horário das Missas, acarretando desordem e, conseqüentemente, descontentamentos...

Monsenhor Paiva, a quem vemos, desde o início, vir acompanhando o Colégio, com uma dedicação sempre crescente, embora compreendesse a situação das Religiosas, não se resignava a ceder a outrem a tarefa que êle não podia desempenhar satisfatòriamente, dadas as múltiplas ocupações que o solicitavam na Paróquia que dirigia.

E sofria, e magoava-se, quando percebia qualquer tentativa no sentido de se resolver o problema, isto é, de se criar a Capelania.

Êste desabafo que surpreendemos no «Diário» revela-nos as vicissitudes por que passou a Comunidade nesse tempo angustioso :

«Pobre casa de Ubá; fundada com grandes festas no exterior e fundas amarguras no interior !

Mas a Cruz fecunda...»

Eis novamente a Madre Maria de Aquino em circunstâncias sobremaneira penosas. Se as privações materiais por que via passar suas filhas a feriam profundamente, que dizer então das privações de ordem superior ?

Religiosas e alunas tão prejudicadas !

Rezou, fêz-se aconselhar e, ciente da Vontade de Deus, procurou solucionar a questão enérgica e suavemente.

A espera foi longa e a peleja demorada...

Sangrava de dor o coração bonissimo da Superiora, por ver sofrer o desvelado Monsenhor Paiva, mas Deus acima de tudo ! Em primeiro lugar, cabe-lhe o sagrado dever de velar pela sua Comunidade, de envidar todos os esforços para que nela reine o espírito religioso, a paz, a harmonia, o santo contentamento !

E cumpriu o seu dever, como o cumprirá até ao fim da vida, com os olhos fitos em Deus, sorvendo, no silêncio, amarguras sem nome...

No fim de novembro de 1920, a situação agravou-se consideràvelmente com a chegada de um Sacerdote que vinha para entrar em acôrdo a respeito da organização da Capelania.

Certos fatos, devemos passá-los em silêncio, adorando os misteriosos desígnios do Altíssimo. Quem conheceu a delicadeza de alma da nossa querida Mãe poderá avaliar a intensidade de sua agonia.

Num dos periódicos de então que fêz referência ao assunto, podemos ler, não com olhos indiferentes:

«Jesus-Cristo calou-se ante as maiores injúrias e maiores calúnias — *Jesus autem tacebat* — mas não pôde conter-se ante o ingrato: — *Amice ad quid venisti*»?

— Ingrata a Madre Maria de Aquino!

Oh! mil vêzes não! Sensibilíssima à menor prova de afeto! Cheia de reconhecimento pelo menor benefício!

Incompreendida, julgada desfavoràvelmente e até acusada junto às Superioras Maiores, nossa humilde Mãe tudo aceitou no silêncio e na calma da submissão, não lhe parecendo comprar demasiado caro tão grande benefício para as filhas que Nosso Senhor lhe havia confiado.

«Ser Mãe é sofrer!»

Em meio à borrasca, não perde a serenidade de alma. Não deixa escapar sequer uma queixa! Admirável a sua energia e não menos admirável a sua caridade. Trata-se de um dever de consciência, por isso, não recua ante a nova cruz que a estreita mais e mais nos seus braços sangrentos e purificadores.

É mais indulgente o coração chagado!

Vêem mais longe os olhos que choraram!

Efetivamente, que riquezas, que tesouros de misericórdia no coração da Madre Maria de Aquino! Que olhar penetrante e discreto para ler no sagrado recesso das almas!

Pelos fins de 1921, normalizou-se a situação. Ciente do que se passava, a Superiora Geral chamou a Madre Maria de Aquino à Casa-Mãe e a partida efetuou-se em março de 1923.

Junto da Madre "Sainte Constance" — grande alma que também já havia sorvido muito fel e calcado muitos espinhos — recebeu novos estímulos a que prosseguisse na sua vida de dedicação e de fidelidade.

A viagem de regresso efetuou-se em junho.

No Brasil, ansiosa a espera. Ubá e Rio de Janeiro rivalizavam de entusiasmo nos preparativos para a festa das «Bodas de Prata» da Profissão Religiosa da querida Mãe. Sobretudo em Ubá, onde era Superiora, Religiosas, alunas e amigos — todos se uniram numa fervorosa demonstração de afeto e estima: — justa homenagem à dedicada Fundadora dos Colégios brasileiros do Sagrado Coração de Maria.

Parecia que o povo ubaense antecipava as despedidas à querida Superiora que, a partir de 1925, só voltaria a Ubá em rápidas visitas, como Provincial.

* * *

Apaziguara-se a tempestade!

Madre Maria de Aquino vivera «as horas mais fecundas da vida humana: — a da oração e do sacrifício». (1)

Longo o peregrinar pelo «país das dores e das tribulações»... Mas que transfiguração! A serenidade do semblante, a profundeza do olhar, a irradiação sobrenatural indicam a vizinhança do Céu!

---

(1) P. Ravignan.

Com que ternura não a estreita Jesus de encontro ao Seu amoroso Coração, repetindo-lhe esta palavra-estímulo: «Uma vida sem cruz é uma vida sem Amor!»

Nova Teresa de Jesus nos sofrimentos, foi também, qual Teresa, um Serafim de Amor! Pelo Amor tudo soube transformar! E quanto mais fundo lhe penetravam os espinhos, mais melodioso lhe subia da alma o cântico de ação de graças:

«Bendito seja Nosso Senhor por tudo!»

A paz no sofrimento é fruto da humildade! O gôzo no sofrimento é fruto do amor!

Paz e gôzo no sofrimento! Sublime realidade para essas almas — águias do Infinito! — cujo olhar se eleva acima das esferas terrestres para se fixar nas regiões sempre luminosas do sobrenatural!

Almas de fé! Como são felizes! Como são bem-aventuradas! Fazem dos «sofrimentos trampolins para as alegrias!» (2)

* * *

Quando da última doença de Monsenhor Paiva, Madre Maria de Aquino lhe enviou uma carta na qual, como representante do «Sacré-Coeur de Marie» no Brasil, lhe pedia perdão por qualquer mágoa que lhe houvesse causado, assegurando-lhe eterno reconhecimento. E isto com palavras e expressões cujo segrêdo só o possuía a nossa querida Mãe.

Monsenhor Paiva não pôde conter-se. Sufocavam-no as lágrimas.

Fêz questão de que se transmitisse a Madre Maria de Aquino seus agradecimentos, revelando-lhe também

(2) Huysman.

a sua íntima comoção, ao ler tão confortadoras palavras...

No final dêste capítulo, podemos repetir o que afirmamos atrás, a respeito dos trágicos episódios de Sete Lagoas:

«Morreu o dedicado Monsenhor Paiva! Madre Maria de Aquino também já deixou êste mundo. Agora, à eterna luz da eterna Verdade, compreendem o «porquê» dos misteriosos desígnios do Altíssimo e bendizem os caminhos da sempre amável Providência!"

XVII

ÚLTIMOS TRABALHOS

"SUA EXISTÊNCIA INTEIRA FOI A MELODIA SERENA DE UMA ALMA QUE SOUBE DIZER AMÉM A TÔDAS AS MANIFESTAÇÕES DA VONTADE DIVINA".

Pelos fins de 1925, vamos encontrar novamente a Madre Maria de Aquino em Copacabana, não só como Superiora, porém, ainda como Provincial. Criara-se nesse ano a Província Brasileira, com centro administrativo no Rio e Madre Maria de Aquino exerceu o provincialato até 1932.

Era a última vez que dirigia o Colégio que lhe custara enorme soma de padecimentos, um prolongado martírio. Via-o, contudo, a caminho da expansão e do progresso.

Em 1925, efetuara-se a compra da propriedade de Copacabana e Madre Maria de Aquino iniciou logo uma série de melhoramentos no Colégio que, cercado de garantias oficiais, atraía um número sempre crescente de alunas. Em agôsto do ano seguinte expandia-se a Província em jubiloso *Te-Deum,* com a eleição da nova Superiora Geral, Reverenda Madre Maria José Butler.

Muitas das religiosas portuguêsas, então no Brasil, haviam conhecido a Madre Maria José em Portugal, tendo-a como Superiora por vários anos.

> "Nós, que tínhamos sido suas filhas, não ignorávamos a graça que Nosso Senhor nos fazia, voltando a dar-nos uma tal Mãe! Agora, um único desejo renascia forte em nossos corações: — o de vermos entre nós a Mãe que tanto amamos nos primeiros anos de nossa existência religiosa, amor que se radicou com os anos e com a experiência da vida".

A Reverenda Superiora Geral não pode realizar essa visita. Enviou, porém, como sua Delegada, a que-

rida Madre Maria Batista Holohan que chegou ao Rio em 1927, insuflando vida nova em tôdas as almas.

Quis levar sua bênção ao futuro Colégio de Belo Horizonte, visitando a Capital mineira e doando à fundação o baldaquim e a bela imagem do Sagrado Coração de Maria que ainda ali se venera.

O Colégio de Belo Horizonte foi a última fundação de Madre Maria de Aquino, e também o seu último campo de atividade.

Rápidos os progressos do novo Estabelecimento. Fundado em 1928, ficou sob a direção da bondosa Madre Inês de Jesus. Instalado provisòriamente na rua Timbiras, transferiu-se para o local definitivo em julho de 1928. Na propriedade adquirida na "Serra", construiu-se o lindo prédio de que pode orgulhar-se a "Cidade das Rosas".

O mês de dezembro de 1932 trouxe às Comunidades do Rio e Belo Horizonte uma palpitante surprêsa. O provincialato de Madre Maria de Aquino estava a expirar e Madre Inês de Jesus iria substituí-la no cargo.

Original, a maneira como se efetuou a troca das Superioras. Estas guardavam o mais absoluto segrêdo, nada deixando transparecer às suas filhas, daquilo que premeditavam.

Após o Natal, Madre Inês despede-se da Comunidade para ir ao Rio. Habituadas com tais viagens das Superioras, as religiosas longe estão de suspeitar que se trata de uma partida definitiva. As despedidas, como das outras vêzes, correspondem a um "até-breve"!

No Rio, as duas Superioras conservam-se na mesma reserva. No dia da partida da Madre Maria de Aquino, quem faz as despedidas é a Madre Inês e a Comunidade nada percebe da troca das Mães. Madre Maria de Aquino avisa muito naturalmente: "Vou

acompanhar a Madre Inês e a Irmã Efigênia irá comigo". — Nada mais natural. As religiosas ainda se achavam na Capela, de manhã, quando a Madre Inês chega de volta. Pasmo geral! Só então compreendem. E não haviam desconfiado de nada... Madre Maria de Aquino deixou uma carta de despedida. Leram-na entre lágrimas. Quanto lhes custava separarem-se de tão querida Mãe!

Por sua vez, a Madre Maria de Aquino, muito penalizada, repetia à sua companheira de viagem: "Pobres das minhas Irmãzinhas! Enganei-as a tôdas! Perdão pelo mau exemplo, sim?" A Irmã chorava. Primeiramente, pelo susto. Não contava mudar de casa. Só o soube ali na estação. Em segundo lugar, pelo receio de ir para Belo Horizonte: — casa nos começos, muita privação ainda, o que poderia agravar o estado de saúde, já tão precário, da Madre Maria de Aquino.

E insiste:

— Minha Madre, ao menos vamos para Ubá! Lá não sofreremos tanto.

— Vamos para onde Nosso Senhor quer, não é, Irmã?

— A minha Madre já está muito doentinha: vai, mas é morrer!

— Não existe lá um cemitério para enterrar-me?

Parecia adivinhar que se dirigia para o seu derradeiro campo de luta e de trabalho.

Ali encontrou o que sempre a acompanhara e de que nunca fugiu: as privações, as dificuldades.

Cinco anos apenas lhe restam de vida! Cinco degraus sòmente para atingir o cimo! Junto dela, sente-se tão forte a atuação do sobrenatural que alguma coisa nos diz no íntimo: "Nossa querida Mãe já não viverá muito".

Sobretudo a sua serenidade de alma! Como impressionava ! Sua vontade perdida na Vontade de Deus não era mais que um contínuo Amém que se irradiava em ondas de paz por todo o ambiente.

Como a branda luz do ocaso se esvai sem um estremecimento, assim esta vida, lentamente, a engolfar-se em Deus.

Madre Maria de Aquino liga-se profunda e saudosamente à segunda fase da Casa de Belo Horizonte, numa etapa que se assinala por novos surtos de progresso. Deu ao Estabelecimento todo o seu zêlo, tôda a sua dedicação e impregnou-o para sempre com o perfume da sua santidade.

Apesar de doente, nunca se poupou.

Em 1936, a grande atividade do Colégio ainda mais se intensificou com o Congresso Eucarístico, a pedir do "Sacré-Coeur de Marie" esfôrço generoso e boa vontade. Foi Madre Maria de Aquino a incansável auxiliar nos trabalhos para o triunfo de Jesus-Hóstia! Empreendeu uma viagem ao Rio, a fim de arranjar emprestados, debaixo de sua responsabilidade, os paramentos para todos os Senhores Bispos presentes ao Congresso. Tudo lhe parecia pouco, quando se tratava de trabalhar para Nosso Senhor e consolar o coração do amado Arcebispo. Verdadeira filha da Igreja, o triunfo de Jesus era também o seu triunfo!

Embora muito reservada quanto à exteriorização do que se lhe passava no íntimo, adivinhava-se, contudo, o seu contentamento, pelo entusiasmo com que se dedicou a fim de que o Colégio sobressaísse nas manifestações a Jesus-Sacramentado. Olhou por tudo, até pelos uniformes das alunas, que desejava impecáveis e, graças ao seu zêlo, o "Sacré-Coeur de Marie" alcançou o título de benfeitor do Congresso.

Sua alma vibrátil, já tão perto de Deus, viveu intensamente êsses dias do Céu...

E quando as vozes frementes se erguiam aos ares, pareciam o eco de um só coração palpitante de amor, a entoar os louvores ao Deus-Sacramentado.

"Tu que és Rei e que os povos dominas
Firma aqui teu trono, Jesus.
E das plagas formosas de Minas
O Brasil para a glória conduz".

Na verdade, "inundação de bênçãos, inundação de graças, inundação do Céu!"

E a procissão do triunfo eucarístico? quem a poderá olvidar ? A última frase de D. Leme, o saudoso Cardeal da Eucaristia, tudo resume: "— Mais belo e bonito assim, nó no Céu!"

Só no Céu! um ano a mais e a nossa querida Madre Maria de Aquino deixará êste mundo para contemplar o triunfo, sem ocaso, de Jesus, no esplendor da eterna glória!

XVIII

A CÓPIA E O ORIGINAL

"TUDO SERÁ NADA
SE AO CONTACTO DAS TUAS MÃOS DE ARTISTA,
[UM DIA,
O BLOCO DE GRANITO QUE ENCONTRASTE
— DURO, PESADO E FRIO —
APRESENTAR AS FEIÇÕES QUE LEMBREM O TEU
[ROSTO DIVINO..."

Fr. José.

Já se faz tarde nesta vida. E' o declínio de uma bela existência. Nesta alma constante e corajosamente fiel, o Espírito Divino pôde trabalhar à vontade, sem encontrar obstáculos à sua ação santificadora.

A modéstia, o silêncio, a reserva, procuram encobrir tudo o que se passa no interior, porém o trabalho da graça é visível: Deus manifesta-se através de sua criatura.

Quem pode ocultar a luz ?

Quem consegue abafar a melodia divina que se desprende de uma vida, tôda ela um hino de amor a Deus, amor autêntico que se alimenta do trigal do Calvário ? !

Quem não sente o perfume do incenso, quando êste fumega no braseiro do Amor ? !

Descansemos, pois, os olhos na suavidade dessa luz prestes a extinguir-se; aqueçamo-nos ao suave calor desta alma predestinada; contemplemos, num rápido esbôço, a cópia e o Original, para revigoramento de nossas energias espirituais.

A introdução dêste livro faz referência a um "retrato" delineado pelo Fundador, como sendo o ideal a que deva aspirar a Religiosa do Sagrado Coração de Maria. O Padre Gailhac coloca-nos ante os olhos o divino Exemplar — Jesus Cristo — salientando os traços principais da sua vida :

— interior e sobrenatural;
— humilde e obediente;
— dedicada, paciente, constante, até ao último suspiro.

Quem não revê aqui a Madre Maria de Aquino? Deus em tudo e tudo em Deus: — parece ter sido esta a sua divisa. Tudo contemplava do alto da colina da fé, com verdadeiros olhos de vidente e julgava das coisas pelo seu justo valor.

Deus em tudo e tudo em Deus: — eis a expressão de uma existência norteada ùnicamente por princípios sobrenaturais. E assim foi a vida de nossa querida Mãe. Êste espírito de fé que lançara raízes tão profundas em sua alma, queria vê-lo em suas Religiosas, afirmando-o "tão necessário à vida espiritual, quanto o calor à vida corporal". Nas suas freqüentes exortações à Comunidade, era êste um assunto freqüente.

Com efeito, é o espírito de fé, esta ampla visão sobrenatural, que constitui o princípio da vitalidade de nossas obras. Sem êle, infrutífero o trabalho, nulo o cansaço, nada se recolhe para a Eternidade.

Interior e sobrenatural, ìntimamente unida a Deus, o seu habitual recolhimento era uma pregação eloqüente.

Quem, junto da Madre Maria de Aquino, não se sentia mais perto do Céu?!

Possuindo a Deus, irradiava-o em tôrno de si, por isso o contacto com a querida Mãe era sempre um reafervoramento na vida espiritual.

Um santo Sacerdote em visita ao Colégio, depois de cumprimentar as religiosas, disse espontâneamente: "Ao entrar nesta casa, sente-se que reina nela o espírito do Sagrado Coração de Jesus".

Interior, sobrenatural e, por conseguinte, profundamente silenciosa.

Silenciosa no andar e nos gestos, silenciosa no olhar velado pela modéstia, silenciosa na fisionomia que nunca se alterava com os ímpetos desordenados da natureza. Enfim, silêncio contagiante que impunha silêncio.

Harmonia do silêncio! Que impressão profunda e eficaz!

Junto da Madre Maria de Aquino, ouvia-se o silêncio de Deus a pairar sôbre a morte da criatura!

* * *

Como Jesus, humilde e obediente!

Nascia-lhe a humildade da contínua meditação de Jesus-Crucificado. Desde criança, aprendera a ler no Crucifixo. Forçada, certa vez, a ir ao teatro, não levantara os olhos.

— Que viste lá, Emilinha?

— Nada vi.

— Então que fizeste?

— Estive todo o tempo a pensar na Paixão de Nosso Senhor.

Quando obrigada a passar algum tempo em Vidago, já vimos como conseguiu subtrair um Crucifixo à severa sindicância da mãe. E, com Jesus-Crucificado, a querida Madrinha, a Senhora das Dores, cujo coração traspassado vinha contemplando desde pequenina.

Religiosa, aprofundou ainda mais êsses mistérios de amor e de dor:

"O' chagas divinas! O' abandono!
O' silêncio! que não dizeis à minha alma!"

Assimilou perfeitamente a lição de um Deus-vítima:

"Para subir, descer!"
"Para viver, morrer!"

Pela humildade, amou a pobreza nos seus rigores, praticou o desprendimento nas suas mais delicadas exigências, elevou-se à sublimidade da obediência, no perfeito holocausto de sua vida de consagrada.

Quem não se lembra da unção de suas palavras, ao repetir nas suas exortações ou avisos:

> "A vida de uma boa religiosa é o amor da Cruz, das humilhações e dos desprezos, pois isto é que Nosso Senhor amou. Escolhamos sempre o último lugar: serva de tôdas! Humilhemo-nos quanto pudermos para que Jesus nos introduza dentro de Seu Coração! Sejamos pequeninas aos olhos das criaturas, porque seremos mais amadas do Coração de Jesus".

Ou lhe desconhecerá o mesmo anseio pela santificação das Religiosas, nos seguintes excertos de suas cartas carinhosamente conservadas:

> "Uma Religiosa só pode ser feliz, sendo tôda de Nosso Senhor e não o desgostando voluntàriamente."

"Evite as mais pequenas faltas deliberadas, seja piedosa e peça todos os dias a Nosso Senhor a graça da santa perseverança, graça que só é concedida a quem a pede."

"Peçam a Nosso Senhor que lhes faça compreender bem a grande graça da vocação religiosa, para a amarem cada vez mais e serem cada vez mais gratas a Jesus."

"A vida passa depressa e na eternidade não haverá senão a vontade de Deus querida e vivida. Comecemos, pois, a fazer, desde já, o que faremos eternamente".

"Muito me consola pensar que as minhas irmãzinhas são o que deve ser tôda Religiosa, cheias do espírito de fé e do espírito sobrenatural. Se assim não fôsse, muita pena me fariam, porque o meu maior de-

sêjo é vê-las santas e animadas em tudo do espírito de nossa vocação".

"...Mais estimo ainda que a sua Protetora lhe obtenha da SS. Virgem um grande amor a Jesus e a Maria, um amor generoso que a faça evitar tudo que pode ser a causa de perder a intimidade com Nosso Senhor e a faça aceitar com alegria os sacrifícios que Jesus lhe enviar. Desejo-lhe mais isto porque é êste o fim para que Nosso Senhor nos concedeu a maior das graças, a graça da vocação religiosa."

"Quantas vêzes penso nas minhas pequenas. Pergunto a mim mesma: serão elas bem fervorosas, silenciosas, observantes à Regra, fiéis às pequeninas coisas? Espero em Nosso Senhor que assim tenha sido. O meu maior desejo é que sejam tôdas de Nosso Senhor, o amem muito, pois para isso nos concedeu a grande graça da vocação religiosa e para isso viemos à Religião."

..."Deus lhes pague tudo com a maior das graças que é a do seu Divino Amor e que êste Amor as conserve cada vez mais no espírito de fé, de generosidade, e de zêlo que Nosso Senhor quer e espera encontrar nas Religiosas do Sagrado Coração de Maria."

"Deus as faça santas, fervorosas, humildes e desapegadas das coisas dêste mundo, principalmente desapegada cada uma de si mesma que é o mais difícil."

E pequenina e humilde, Mère Maria de Aquino arrebatou o Coração de Deus. Saboreou as ternuras indizíveis da intimidade divina.

Ela mesma o confessa:

"Nosso Senhor inunda-me de tantas consolações que já nem sinto o pêso da Cruz."

* * *

À imitação de Jesus, dedicada, paciente, constante, até ao último suspiro.

Não precisamos alongar-nos. Baste-nos fixar os olhos no longo período de 1911 a 1937, passado no Brasil.

Que vemos senão vinte e seis anos de dedicação ininterrupta, dedicação jamais desmentida!

O fracasso de Sete Lagoas não lhe abate a férrea coragem. As dificuldades de Vila Isabel não a desanimam. Os espinhos da casa de Ubá não a fazem retroceder. Ao contrário, eram o aguilhão que lhe incitava o entusiasmo pela Causa de Deus e do Coração de Maria! Enfim, como coroamento da sua obra, surge o Colégio de Belo Horizonte, como se a "Cidade das Rosas" quisesse coroar-lhe a fronte e juncar de pétalas o seu glorioso caminho de dores.

Nunca vacilou perante a Cruz!

Dedicação pela obra de Deus: — o zêlo! Dedicação pelo bem do próximo: — a caridade!

Deus nas almas e as almas para Deus!

Quão forte a caridade assim iluminada à luz do sobrenatural!

E qual, senão êste, o segrêdo da inigualável caridade da Madre Maria de Aquino?

Cheia de amabilidade e de pequeninas atenções, não só via tudo, porém adivinhava, pois o que os olhos não vêem, adivinha-o o coração que ama verdadeiramente.

Magnífico o elogio de uma religiosa que a teve por Superiora: "Não se encontrava nenhum "senão" na sua caridade e era tão universal que cada religiosa via nela uma verdadeira mãe. Sabia esconder ou encobrir tudo que pudesse preocupar ou ofuscar a plena felicidade de suas filhas. Muitos anos mais tarde, podia dizer-lhes o que a sua contínua caridade comprovava: "Como Superiora, julgo meu dever tornar supor-

tável e até aliviar a cruz de minhas Irmãzinhas, cujos deveres pedem, por vêzes, grandes sacrifícios."

"Deus me livre de fazer sofrer as minhas Irmãzinhas! Que Nosso Senhor as prove, se quiser", repetia muitas vêzes. Sua caridade não se limitava a suas Religiosas. Estendia-se a todos. Quantas e quantas vêzes não ia ela mesma levar a esmola aos necessitados. E para com as religiosas doentes, era de singular bondade, inexcedível nos cuidados que lhes dispensava. E' que as misérias alheias comoviam profundamente seu coração, em perfeita sintonia com o Coração de Jesus.

E assim foi por tôda a vida: dedicação paciente, constante, até ao fim.

Impulsos de entusiasmo, quem os desconhece? Mas a paciência é que coroa o trabalho. O segrêdo da perseverança é conhecido de bem poucos. Madre Maria de Aquino conhecia êste segrêdo e, apoiada em Deus, deixou-se trabalhar por Êle. com rara energia de alma.

"Não temas em quebrar minhas arestas,

Não vaciles em bater,
em rasgar.
Tudo será nada,
Se ao contacto de tuas mãos de Artista, um dia,
o bloco de granito que encontraste,
— duro, pesado e frio —
apresentar as feições que lembrem o teu [rosto divino". (1)

(1) Fr. José.

Alter Christus! Um outro Cristo! Obra magnífica sem dúvida, porém quão dolorosa! Mas sòmente a êste preço é que se opera a transfiguração da criatura moldada pelo divino Exemplar.

Madre Maria de Aquino realizou o ideal do Santo Fundador. Ergue-se diante de nós como um belo modêlo.

Transformou-a o Amor e, por Amor, fêz da sua existência um ato ininterrupto de completa doação:

"Amar é dar-se; amar é entregar-se; amar é abrasar-se; amar é consumir-se; amar é não recusar nada; amar é abandonar-se em tudo ao Amado; amar é ter uma sêde tão grande de o ver amado, que nada nos custe para consegui-lo. Amar é procurar em tôda a parte mil vidas, mil corações, para os sacrificar, para os abrasar, e para os lançar como troféu aos pés do Bem-Amado vencedor". (2)

(2) M. Ma. de Jesus (Pensamentos).

XIX

O TRIUNFO DO AMOR

«... a minha história
Escreve-se com sangue ao pé da Cruz!
Na página final, eu só desejo
O «Consummatum est» de Jesus»!

Contemplemos o Crucificado do Calvário, nessas horas de martirizante agonia.

Cena grandiosa do mais belo triunfo do Amor.

Nessas chagas profundas, triunfa o Amor!

No Sangue que todo se esvai, triunfa o Amor!

Em cada uma das palavras do Divino Agonizante, triunfa o Amor!

Na dores íntimas da Alma dilacerada do Cristo, triunfa o Amor!

Enfim, nesse corpo lívido, exangue e, sobretudo, na ferida aberta dêsse coração traspassado, canta o Amor o seu mais belo cântico de triunfo: «Amou e entregou-se!»

Hino glorioso que atravessa os séculos com a fôrça do que é divino e imortal, hino que se desprende dos Crucifixos pregados às paredes das habitações modestas, das Cruzes iluminadas das Catedrais, como das Cruzes tôscas das humildes capelinhas; hino que repetimos no silêncio da oração, ao beijar, comovidas, o nosso Crucifixo: «Êle me amou e se entregou por mim!»

Assim triunfa o Amor: sôbre as ruínas da natureza! Quando esta se cala e consente no martírio purificador, então Êle perfaz a Sua Obra, sempre, contudo, por meio da Cruz.

. . . . . .

Chegou para a Madre Maria de Aquino a hora suprema do triunfo do amor.

E' a consumação do sacrifício!

Ao regressar do Rio, nos meados de novembro de 1937, sentiu-se bastante doente. Ao chegar a Belo Horizonte, após uma viagem que lhe parecia interminável — dezesseis horas de sofrimentos atrozes — a Comunidade que a esperava ansiosa consternou-se profundamente, vendo-a tão pálida e abatida! Uma intoxicação alimentar fortíssima quase pôs têrmo aos dias da nossa querida Mãe.

No Colégio reinava a agitação do fim do ano escolar. Intensificação dos trabalhos com a proximidade dos exames, ensaios de festas e outras atividades ainda.

Certo dia, torturada pelas dores de cabeça, perguntaram-lhe se queria mandasse cessar os ensaios, cujo barulho, certamente, muito a incomodavam. Opôs-se, respondendo com a sua acostumada meiguice e resignação:

— «Então, porque um soldado morre, acaba-se a guerra?»

Entretanto, o seu estado agravava-se de maneira assustadora. A 30 de novembro, recebia a Extrema-Unção.

Julgando os médicos mais conveniente o tratamento no Hospital, para lá transferiram a querida doente.

Foi a 8 de dezembro que a Virgem Imaculada lhe pediu êste doloroso sacrifício. Mais que as feridas do corpo, sangrava-lhe esta ferida que se lhe abria na alma com a separação da Comunidade. Fogo do Céu a devorar a vítima!

> «Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas! Mais êste, meu Deus, embora tão doloroso!"

Madre Maria de Aquino que tudo fizera para reunir sua Comunidade vai agora morrer num Hospital, cercada, é verdade, de todo o carinho e dedicação, porém longe da sua família religiosa, longe das suas queridas filhas, para as quais a separação foi igualmente dolorosa.

Quando o carro se pôs a deslizar devagarinho, quando desapareceu levando a querida doente, os corações estalaram de dor. Muitos tiveram o pressentimento de que não tornariam a vê-la neste mundo. E não se enganavam. O organismo debilitado já não reagia. Infeccionara-a uma injeção e a tal ponto, que sobreveio a gangrena. As feridas abriam-se por todo o corpo, causando à santa doente um prolongado martírio. Durante os dolorosos curativos nas chagas profundas, das quais era preciso remover as partes em decomposição, a paciente não soltava sequer um gemido, uma queixa. Entretanto, dizia à Irmã, sua antiga enfermeira, por longos anos: «Reze, minha Irmã, reze! Fôrças humanas não bastam para suportar as dores do curativo. São necessárias fôrças divinas!»

Todos que a tratavam confessavam-se edificadíssimos: «Só pode ser divina a virtude que inspira tais heroísmos», dizia um dos médicos. E um outro, o Dr. Alfredo Balena, em carta de 26 de dezembro, dirigida à Revda. Madre Provincial, assim se expressava:

«Entre as mais valiosas recordações que nós — os desta casa — guardamos, a lembrança de Madre Maria de Aquino será conservada como uma das mais queridas; pois, a mim que tive a felicidade de conhecê-la em vida, me trará ela sempre à memória o exemplo de virtude, de bondade e de edificante resignação que foi Madre Maria de Aquino, a quem Deus, talvez para melhor prová-la, quis dar tão excruciante enfermidade, que tanto a fêz sofrer sem um gemido, sem uma queixa, sem a menor mostra de impaciência sequer.

A impressionante serenidade com que ela resistiu a tão duras provações nunca me sairá da memória e, já que me não coube a boa fortuna de poder dizer que com ela aprendi a viver, seja-me lícito afirmar a V. Excia. que com ela aprendi a morrer. E êste, se eu souber aproveitar-lhe a lição, será o maior de todos os bens que, através dela, terei recebido da Divina Providência».

A dedicação das Religiosas enfermeiras e dos clínicos não podia ir além. Empregavam-se todos os meios, para salvar tão preciosa vida. Nas casas da Província, rezava-se com fervor para alcançar do Céu um milagre.

A Madre Provincial tinha em vista a abertura de uma casa em São Paulo.

O sacrifício heróico da Madre Maria de Aquino seria a maior garantia das bênçãos do Céu, sôbre o novo Colégio.

De regresso de Belo Horizonte, no dia 9 de dezembro, a Madre Provincial trazia notícias desoladoras. Gravíssimo o estado da doente. Na verdade, só um milagre poderia restituir-lhe a saúde. A um novo chamado urgente, partiu a Madre Provincial e a 17 de dezembro, pela manhã, ao chegar ao Hospital, já encontrou a Madre Maria de Aquino sem sentidos.

No dia anterior à morte, pronunciava as suas últimas palavras, enquanto junto dela se rezava o têrço. E com que acento de voz pronunciou :

«Santa Maria, Mãe de Deus,
rogai por nós, pecadores,
agora e na hora da
nossa morte !»...

Sôbre êstes lábios que vão cerrar-se para sempre neste mundo, pairam como uma canto dulcíssimo as palavras benditas da Ave Maria...

«Vem junto a mim, no derradeiro instante!
Vem suavizar-me a última agonia...
Quão ditoso à luz do teu Semblante,
Morrer rezando assim: — Ave Maria!

* * *

Por três dias ainda o silêncio nesse quarto que bem se poderia chamar antecâmara do Céu. Impressionante silêncio entrecortado de preces e sagrado pela absolvição sacerdotal. Não raro, eram três mãos ungidas que se erguiam, ao mesmo tempo, no gesto bendito da Cruz redentora.

A 19 de dezembro, entre duas e três horas da tarde, a doente abre largamente os olhos. Fixa-os em todos os presentes, como num longo adeus. Depois, conserva-os assim levantados para o Céu, como presos a uma visão sobrenatural .

Lindo olhar que parecia já contemplar a beleza sem ocaso. Tão profundo e límpido que levou alguém a exclamar :

«Viu Nossa Senhora!» (1)

E, lentamente, num sôpro quase imperceptível, findou-se tão preciosa existência.

Entoam os Anjos o jubiloso «Veni Sponsa» e, nas suas harpas de oiro, preludiam a inefável melodia do triunfo do Amor :

«E' o Amar que triunfa nessas chagas, é o Amor que triunfa nessa paciência, triunfa o Amor na plena aquiescência à Vontade de Deus!

(1) Monsenhor João Rodrigues.

Triunfou o Amor na vida, triunfa na morte e o seu canto de triunfo repercutirá pelos séculos além :

— Amou e entregou-se !
Entregou-se e deixou-se imolar !

E o fruto da morte é a vida plena,
na plenitude de Deus !»

* * *

O entêrro concorridíssimo da Madre Maria de Aquino foi uma exaltação de sua humildade. Escondeu-se, escondeu-se sempre, escondeu-se até ao fim; porém Deus exalta os humildes.

O DD. Arcebispo, D. Antônio dos Santos Cabral, que tanto a estimava, compareceu para a encomendação do corpo, associando-se ao luto da Comunidade. Esteve no colégio ainda algum tempo, após a saída do entêrro, procurando consolar as Religiosas, com a convicção de que "Nosso Senhor julgara Madre Maria de Aquino fruto amadurecido para o Céu».

Uma interminável fila de automóveis seguiu o carro fúnebre até ao cemitério, apesar da chuva torrencial daquela inolvidável manhã de 20 de dezembro de 1937.

E' que todos queriam trazer o seu tributo de veneração, a sua última e carinhosa homenagem àquela que, em vida, lhes cativara os corações pelo atrativo da virtude.

Em «O Diário», escrevia um êmulo de Madre Maria de Aquino, Monsenhor João Rodrigues de Oliveira, Capelão que, incansàvelmente, se dedicou ao bem espiritual do «Sacré-Coeur de Marie» de Belo Horizonte até 9 de maio de 1951, quando Nosso Senhor o chamou também à recompensa:

«Diante do caixão branco da Madre Maria de Aquino, pareceu-me ver ali as luzes agradáveis de uma aurora, porque a morte preciosa dos amigos de Deus é, sem dúvida alguma, o início de uma vida interminável nos esplendores da ventura eterna.

E, através das lágrimas de suas irmãs de hábito, eu estava a ver a saudade cristã, que, brilhando em olhos lacrimosos, se consola, entretanto, com a segurança da ressurreição e da felicidade.

Preciosa *in conspectu Domini mors sanctorum ejus.*

* * *

Hoje, quando, olhos fitos no Céu, evocamos a imagem da querida Mãe, recordando-lhe a vida heróica, vem-nos ao pensamento uma de suas frases habituais :

«Quem me dera o Céu, quando morrer».

E rememoramos as vêzes em que se nos uniam as vozes, entusiásticas, a cantar :

«Com minha Mãe estarei,
Na santa glória um dia,
Junto da Virgem Maria,
No Céu triunfarei.»

Sim, lá nós esperamos encontrá-la, confiante na Misericórdia Divina, porque :

«Amou e entregou-se !
Entregou-se e deixou-se imolar !»

Triunfou o Amor na vida, triunfa na morte !

E o fruto da morte é a vida plena na plenitude de Deus !

Amém.

INDICE

	Págs.
Prefácio	1
Introdução	3
I — Os encantos da "Mãe-Pequena"	7
II — Chaves e a "Igreja das Freiras"	17
III — Orientação definitiva	27
IV — Alvorada de Bênçãos	41
V — Primeiras atividades	53
VI — A Tormenta e a Dispersão	67
VII — "Das Terras de Santa Maria às Terras de Santa Cruz"	75
VIII — Rumo a Mariana	87
IX — O Martírio de Sete Lagoas	99
X — Sete Lagoas: Os últimos acontecimentos e a partida	113
XI — O pequeno berço das fundações brasileiras	123
XII — Inícios abençoados	137
XIII — Jesus sob o mesmo teto	145
XIV — Os dias incertos de Vila Isabel	153
XV — Do Leme a Copacabana	167
XVI — O espinho mais pungente	177
XVII — Últimos trabalhos	185
XVIII — A cópia e o original	193
XIX — O triunfo do amor	203